



Instituto Politécnico
de Castelo Branco
Escola Superior
de Educação

***Vem calçar os sapatos do outro* - uma intervenção social para a educação inclusiva**

Michele Carla Oliveira Guimarães

Orientadores

Professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira

Professor Doutor Domingos Fernando da Cunha Santos

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Intervenção Social Escolar, realizado sob a orientação científica do professor Doutor Domingos Fernando da Cunha Santos e coorientação da professora Doutora Cristina Maria Gonçalves Pereira, do Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Dezembro de 2018

Composição do júri

Presidente do júri

Doutor Ernesto Candeias Martins

Professor Adjunto com agregação da Escola Superior do Instituto Politécnico de Castelo Branco

Vogais

Doutor Abílio José Maroto Amiguinho

Professor Coordenador da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Portalegre (Arguente)

Doutor Domingos Fernando da Cunha Santos

Professor Adjunto da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Orientador)

Dedicatória

A Deus, meu melhor amigo!

Não to mandei eu? Esforça-te, e tem bom ânimo; não temas, nem te espantes; porque o Senhor teu Deus é contigo, por onde quer que andares. - Josué 1:9

Agradecimentos

Um dia nasceu no meu coração o desejo de sair da minha terra natal em busca de um sonho que estava em outro continente. Desafiei-me a sair da zona de conforto para explorar um novo lugar, pelo qual me apaixonei e hoje com muito orgulho, chamo de casa. Obrigada Portugal, por me receber de braços abertos!

O relatório de projeto apresentado, apesar de individual, só foi possível de concretizar devido à colaboração, motivação e ajuda de várias pessoas e entidades. E é com muita satisfação que expresso o mais profundo agradecimento a todos que, de alguma forma, contribuíram para a sua concretização.

Agradeço imensamente, à minha família amada, em especial à minha mãe, pai, irmão e sobrinho que em todo o momento estiveram presentes, oferecendo o seu apoio incondicional e lembrando-me sempre que somos uns pelos outros e que eu não estava sozinha nesta caminhada. É por vocês que hoje eu concluo esta etapa e digo com orgulho que eu tenho a melhor família do mundo!

Deixo um agradecimento muito especial à minha avó Moralina, mulher guerreira, que nunca escondeu o seu orgulho do meu percurso enquanto estudante e que sempre acreditou que fosse possível. Aproveitando, menciono a participação de todos os meus familiares e o carinho prestado neste período.

Agradeço também aos meus pastores que num gesto de amor auxiliaram-me com as suas orações e conselhos.

Agradeço de uma forma geral, mas tão especial quanto os outros agradecimentos, à minha cunhada e a todos os meus amigos que manifestaram o seu apoio durante esta fase, alguns de longa data e outros que a vida apresentou-me nestes dois últimos anos. Vocês foram imprescindíveis neste percurso, pois fizeram-me compreender que quem tem amigos, tem um tesouro.

Dirijo o meu agradecimento aos meus queridos orientadores, Professora Dr.^a Cristina Pereira e ao Professor Dr. Domingos Santos, pela disponibilidade, incentivo, contribuições para a melhoria do estudo, atenção e dedicação demonstrados ao longo de todo o processo.

Por último, mas não menos importante agradeço a toda a equipa da Mithós Histórias Exemplares, que permitiu a realização do meu estágio e através deles conheci o extraordinário trabalho de consciencialização que realizam nas escolas. O mundo precisa de mais pessoas como vocês, que calçam os sapatos do outro.

Paula Sequeira, você sempre estará nos meus mais profundos agradecimentos.

Deus, obrigada por tudo!

Epígrafe

Não há, não,
duas folhas iguais em toda a criação.

Ou nervura a menos, ou célula a mais,
não há, de certeza, duas folhas iguais.

Limbo todas têm,
que é próprio das folhas;
pecíolo algumas;
bainha nem todas.
Umhas são fendidas,
crenadas, lobadas,
inteiras, partidas,
singelas, dobradas.

Outras acerosas,
redondas, agudas,
macias, viscosas,
fibrosas, carnudas.

Nas formas presentes,
nos actos distantes,
mesmo semelhantes
são sempre diferentes.

Umhas vão e caem no charco cinzento,
e lançam apelos nas ondas que fazem;
outras vão e jazem
sem mais movimento.

Mas outras não jazem,
nem caem, nem gritam,
apenas volitam
nas dobras do vento.

É dessas que eu sou.

António Gedeão (Poesias Completas, 1956-1967)

Resumo

A relação da sociedade com a deficiência ao longo da história da humanidade tem vindo a revelar-se deveras difícil, no entanto existem avanços relevantes no que concerne à integração escolar e a gradual inclusão de crianças e jovens com necessidades educativas especiais e das pessoas com deficiência.

O estudo incidirá na intervenção social para a inclusão, adotando a metodologia de investigação-ação na Associação Mithós Histórias Exemplares, mais concretamente no âmbito do projeto “Vem calçar os sapatos do outro”. No qual a equipa de voluntários compostos maioritariamente por pessoas com deficiência levam para o contexto educacional as experiências vividas por eles, como forma de demonstrar as diferentes realidades existentes e promover através das ações de sensibilização atitudes e comportamentos positivos face à inclusão das pessoas com deficiência na escola e sociedade.

A intervenção esteve mais direcionada ao acompanhamento e avaliação deste projeto, que constituiu-se com base nos objetivos propostos neste relatório, sendo eles: 1) conhecer a dinâmica de uma instituição que promove através de atitudes e comportamentos, a inclusão das pessoas com deficiência na escola e sociedade, 2) intervir de forma colaborativa nas atividades da Mithós e 3) analisar criticamente as aprendizagens associadas ao estágio.

A metodologia adotada foi de acordo com as tarefas planeadas. Incidiu-se principalmente, na análise documental, nas entrevistas semi-directivas, e na observação direta e participante com o apoio das notas de campo, que posteriormente colaboraram na construção da descrição das atividades e na análise reflexiva.

Após a análise das ações desenvolvidas percebemos que o caminho para a verdadeira inclusão é longo e deixa sinais da necessidade de consciencializar as pessoas para as questões da deficiência e da importância de formarmos sociedades mais inclusivas, na qual todos, independentemente das suas limitações, convivam e partilhem dos mesmos espaços de maneira justa.

Palavras-Chave: Educação Inclusiva, Intervenção Social na Educação, Atitudes Face à Diferença, Desafio Societal.

Abstract

The relationship between society and disability throughout the history of mankind has proved to be very difficult. However, there are significant advances in school integration and in the inclusion of children and young people with special educational needs and people with disabilities.

The study will focus on social intervention for inclusion, adopting the methodology of action research in the Associação Mithós Histórias Exemplares, more concretely within the scope of the project "Come to wear the shoes of the other". The team of volunteers, composed mostly of people with disabilities, takes to the educational context the experiences lived by them, as a way of demonstrating the different existing realities and of promoting, through actions directed to raise awareness of positive attitudes and behaviors, the inclusion of people with disabilities in school and society.

My intervention was more directed to the monitoring and evaluation of this project, which was based on the objectives proposed in this report, which are: i) to know the dynamics of an institution that promotes, through attitudes and behaviors, the inclusion of people with disabilities in school and society, ii) to intervene collaboratively in the activities of Mithós and iii) critically analyze the learning process associated with the whole project.

The methodology adopted was according to the planned tasks. The focus was mainly on documentary analysis, semi-directional interviews, and direct participant observation with the support of the field notes, which later collaborated in the construction of the description of activities and reflective analysis.

After analyzing the actions developed, we realize that the path to true inclusion is long and shows evidence of the need to raise awareness of disability issues and the importance of forming more inclusive societies, in which everyone, regardless of their limitations, lives and share the same spaces fairly.

Key- words: Inclusive Education, Social Intervention in Education, Attitudes Towards Difference, Societal Challenge.

Índice Geral

Dedicatória	V
Agradecimentos.....	VIII
Epígrafe.....	IX
Resumo	XII
Abstract.....	XIII
Introdução	1
Parte I Enquadramento Teórico.....	3
Capítulo I. Evolução do conceito de Deficiência em Portugal e na Europa – Uma breve síntese	5
1.1 Conceito de Deficiência	7
1.2 Modelo Médico <i>versus</i> Modelo Social da Deficiência	8
1.3 Pessoas com Deficiência na Europa e em Portugal	9
Capítulo II. Da Educação Especial à Educação Inclusiva.....	13
2.1 Conceito de Educação Especial	15
2.2 Educação Especial em Portugal e Enquadramento Legislativo.....	16
2.3 Desafio Societal	18
Capítulo III. Escolas Inclusivas e Intervenção Social.....	21
3.1 Escolas Inclusivas, Desafios e Atitudes.....	23
3.2 Projetos Inclusivos.....	25
3.3 Intervenção Social em contexto Educativo	26
Parte II Enquadramento Metodológico	29
Capítulo IV. Plano de Investigação/Metodologia	31
4.1 Problemática do estudo	33
4.2 Escolha da Instituição e Objetivo do Estudo	33
4.3 Caracterização da Instituição de Estágio	34
4.4 Caracterização do Projeto “Vem calçar os Sapatos do outro”	42
5 Descrição das atividades	47
5.1. Apresentação e Caracterização das tarefas	49
5.2. Análise reflexiva sobre a participação nas atividades.....	61
PARTE 1	62
PARTE 2	69
5.3 Entrevista aos professores	76
5.4 Análise das entrevistas.....	82
Considerações Finais.....	84

Referências Bibliográficas.....	89
ANEXOS	944
Anexo A – Organograma Mithós – Histórias Exemplares	96
Anexo B – Quiz sobre rodas – Perguntas e imagens	98
Anexo C – Imagens dos cartazes com a avaliação de impacto nos alunos durante as ações.	104
Anexo D: PowerPoint da apresentação do Projeto Vem calçar os sapatos do outro.....	110
Anexo E – Transcrição das Entrevistas dos voluntários da Mithós.....	124
Anexo F - Guia de boas práticas do Projeto “Vem Calçar os sapatos do outro”, frente, interior e verso e Folheto de apresentação da Associação, frente e verso.....	130
Anexo G – Guião de Entrevista aos Professores	134
Anexo H – Transcrição das Entrevistas aos Professores.	138
Anexo I – Apreciação do Desempenho do Estagiário	146
Anexo J - Declaração Comprovativa de Experiência.....	148

Índice de Figuras

Figura 1 – Países signatários da Convenção e do Protocolo Adicional. Fonte: “United Nations – Division for Inclusive Social Development.” 2006.....	10
Figura 2 - Aquecimento na piscina – Fonte: Mithós	35
Figura 3 - Prova de natação - Fonte: Mithós.....	35
Figura 4 - Almoço de convívio - Fonte: Mithós.....	36
Figura 5 - Visita ao Oceanário - Fonte: Mithós	36
Figura 6 - Dança adaptada - Fonte: Mithós	36
Figura 7 - Corrida com cadeiras de rodas - Fonte: Mithós.....	36
Figura 9 - Passeio à cavalo - Fonte: Mithós.....	37
Figura 8 - Visita ao Centro Equestre - Fonte: Mithós	37
Figura 10 - Equipa de Natação Mithós- Núcleo do Ribatejo da ASBHIP - Fonte: Mithós	37
Figura 11 - Logotipo da Mithós Histórias Exemplares - Fonte: Mithós	39
Figura 12 - Mosaico com atividades do projeto Vem calçar os sapatos do outro - Fonte: Mithós.....	43
Figura 13 - Presidente da Câmara de VFX, com venda a andar de bicicleta adaptada - Fonte: CMVFX.....	52
Figura 14 - Evento do Dia Paralímpico em Vila Franca de Xira - Fonte: CMVFX.....	52
Figura 15 - Medalha de Feltro – O sol - Fonte: Arquivo pessoal	53
Figura 16 - “Conjunto de Sóis” para ação na escola - Fonte: Arquivo pessoal	54
Figura 17 - Paula, Sandra e Hugo com participantes do Quiz sobre rodas - Fonte: Arquivo pessoal	55
Figura 18 - Professora, estagiária e Paula com alunos na sessão da mobilidade - Fonte: Arquivo pessoal	55
Figura 19 - Vendas para atividade relacionada a Deficiência Visual	56
Figura 20 - Caminhada Solidária da Mithós em Vila Franca de Xira - Fonte: Jornal Voz Ribatejana.....	59
Figura 21 - Encontro dos participantes da caminhada Solidária - Fonte: Arquivo pessoal.....	60
Figura 22 - Estagiária e voluntários da Mithós no largo da Câmara de VFX - Fonte: Arquivo pessoal.....	60
Figura 23 - Voluntários da Mithós no Xira Escolas –Fonte: Arquivo pessoal.....	61
Figura 24 - Alunos na Apresentação do IV Xira Escolas -Fonte: Arquivo pessoal	61
Figura 25 - Apresentação inicial na Biblioteca da Escola – Fonte: Arquivo Pessoal.....	62
Figura 26 - Aluno a tatear o Alfabeto Braille –Arquivo Pessoal.....	70

Figura 27 - Alunos na atividade com vendas -Arquivo Pessoal.....	70
Figura 28 - Voluntários falando sobre a Mobilidade Condicionada aos alunos - Fonte: Arquivo Pessoal.....	71
Figura 29 - Alunas participando da atividade em cadeira de rodas - Fonte: Arquivo Pessoal.....	72
Figura 30 - Alunos com medalha de participação - Fonte: Arquivo Pessoal	73
Figura 31 - Estagiária e Paula numa viagem ao Porto - Fonte: Arquivo Pessoal Arquivo Pessoal.....	87
Figura 32 – Estagiária e Equipa da Mithós - Fonte: Arquivo Pessoal.....	73

Índice de Tabela

Tabela 1 - Temas do Mithós a conversa.....	41
Tabela 2 - Dados das atividades realizadas no estágio.....	48
Tabela 3 - Organização das sessões dos alunos – Fase 1.....	66
Tabela 4 - Organização das sessões dos alunos – Fase 2.....	74
Tabela 5 - Síntese das entrevistas aos professores.....	77

Lista de Siglas

SIGLAS E ABREVIATURAS

CDPC – Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência

CMVFX – Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

CIDID – Classificação Internacional de Deficiência, Incapacidades e Desvantagens

EE- Educação Especial

ENIL - European Network on Independent Living

FEADER – Fundo Europeu Agrícola de Desenvolvimento Rural

FEAMP- Fundo Europeu dos Assuntos Marítimos e das Pescas

FEDER – Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

FSE- Fundo Social Europeu

INE – Instituto Nacional de Estatística

NEE- Necessidades Educativas Especiais

OMS- Organização Mundial de Saúde

ONU- Organização Nações Unidas

UN- United Nations

UNESCO -United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

VFX – Vila Franca de Xira

Introdução

A sociedade tem passado por transformações importantes no decorrer da história, transformações que influenciaram e continuam a influenciar todas as instituições, principalmente a escola.

Estas transformações são as marcas do século XXI, as quais trouxeram saberes que contemplam às múltiplas e diversas culturas e capacidades humanas, evidenciando as necessidades de mudanças no contexto educacional, de forma a adaptá-lo em prol de todos, visando a promoção da democracia e a verdadeira inclusão das crianças e jovens ao acesso e sucesso escolar. Nos últimos anos foram criadas práticas e políticas de inclusão das pessoas com deficiência, mas ainda estamos longe de poder afirmar que a pessoa com deficiência tem os mesmos direitos e oportunidades em participar livremente nas atividades quotidianas na sua comunidade, principalmente aquelas que se realizam dentro da escola, que por vezes, segrega a participação destes.

Neste universo da Educação, são as atitudes da comunidade escolar umas das principais determinantes para o sucesso ou insucesso dos alunos com deficiência e sua inclusão nas classes regulares, sendo aliás as barreiras atitudinais as maiores condicionantes para as facilidades ou dificuldades sentidas nos processos de Inclusão dessas crianças e jovens. De acordo com Ainscow & Ferreira (2003, p.113) “Já existe um consenso e reconhecimento de que qualquer pessoa que experimenta exclusão educacional encontrará menos oportunidades para participar dos vários segmentos da sociedade assim como aumenta a probabilidade de esta pessoa experienciar situações de discriminação e problemas financeiros na vida de adulto”.

Neste sentido, vemos a importância da inclusão nas diversas esferas sociais, e através dela a oportunidade de quebrar as barreiras discriminatórias que prejudicam a inclusão social e a plena participação das pessoas com deficiência ou incapacidade na sociedade.

Segundo as conclusões de Portugal & Laevers (2010, p.17) “desenvolver práticas pedagógicas mais experienciais significa desenvolver práticas pedagógicas mais inclusivas”.

Assim, o presente relatório foi realizado no âmbito do Mestrado em Intervenção Social Escolar pelo Instituto Politécnico de Castelo Branco e diz respeito ao estágio realizado na Mithós Histórias Exemplares durante o período de 4 meses. Para além de ser uma Associação de Apoio à Multideficiência, a Mithós também desenvolve muitas outras atividades, entre elas um projeto pedagógico conjunto com as escolas do Concelho de Vila Franca de Xira conhecido por “Vem calçar os sapatos do outro”.

O estudo incidirá numa abordagem qualitativa, adotando uma metodologia de investigação-ação, através da participação e intervenção das ações de sensibilização, envolvendo vivências quotidianas das pessoas com deficiência.

A versatilidade do conceito de “Intervenção” fez com que este termo incorporasse assim o âmbito da educação social. Mais que entrarmos “na realidade do outro” de forma a proporcionar alterações, é fundamental conhecer a realidade social em que vivemos, perspetivando o desenvolvimento do indivíduo na sua singularidade, no sentido de promover a sua plena inclusão social (Sampaio,2013).

O trabalho de projeto desenvolvido durante o estágio curricular tem como finalidade perceber o papel de uma associação que vai até as escolas levar suas experiências como forma de inclusão, acreditando assim como Freire (1981, p.10), que “a transformação da educação não pode antecipar-se à transformação da sociedade, mas esta transformação necessita da educação”. O relatório de estágio está dividido por duas partes, a primeira do enquadramento teórico e a segunda do enquadramento metodológico. Dentro do enquadramento teórico apresentamos no primeiro capítulo, uma breve síntese da evolução do conceito de deficiência em Portugal e na Europa. Já o segundo capítulo é dedicado a fase da Educação Especial à Educação Inclusiva e o terceiro capítulo aborda as Escolas inclusivas e a Intervenção social face à inclusão, bem como alguns projetos realizados neste âmbito.

No enquadramento metodológico, quarto capítulo, podemos encontrar o Plano de intervenção que abrange a problemática do estudo, a escolha da instituição, o objetivo do estudo, a caracterização da instituição que acolheu o estágio e a caracterização do projeto “Vem calçar os sapatos do outro”. Em seguida, apresenta-se a Metodologia adotada, a descrição das atividades desenvolvidas, a análise reflexiva sobre a participação nas atividades, a entrevista aos professores e seus respectivos resultados.

Por último, surgem as considerações finais e as referências bibliográficas subjacentes à fundamentação teórica da pesquisa.

Parte I Enquadramento Teórico

Capítulo I. Evolução do conceito de Deficiência em Portugal e na Europa - Uma breve síntese

1.1 Conceito de Deficiência

Não existe uma definição universal do termo “Deficiência”, de acordo com dados do Instituto Nacional de Estatística (I.N.E., 2001) podemos caracterizar como perda ou alteração de uma estrutura ou de função psicológica, fisiológica ou anatômica. Este órgão apenas observa a deficiência permanente, considerando assim deficiência temporária as situações em que um indivíduo partiu uma perna e desloca-se em canadianas ou cadeiras de rodas ou por exemplo sofreu um descolamento parcial da retina que o obriga a andar de óculos escuros ou venda.

A avaliação do grau de incapacidade é assim da competência das juntas médicas e é calculada de acordo com a *Tabela Nacional de Incapacidades* (I.N.E., 2001).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), em seu site apresenta-se a definição do termo deficiência e de outras duas questões envolvidas nesse contexto, como sendo:

“Deficiência é um termo geral que abrange deficiências, limitações de atividade e restrições à participação. Deficiências são problemas que afetam uma estrutura ou função do corpo; as limitações da atividade são dificuldades para executar ações ou tarefas, e as restrições da participação são problemas para participar de situações vitais. Portanto, a deficiência é um fenômeno complexo que reflete uma interação entre as características do organismo humano e as características da sociedade em que vive” (OMS, s.p).

É possível assim perceber que a deficiência é um conceito com diferentes significados, integrando realidades diversas em diferentes comunidades e em diferentes períodos da história da humanidade.

Diante disso é importante falar um pouco sobre as diferenças entre o modelo médico e o modelo social da deficiência, para que possamos compreender o processo pelo qual tem passado.

Com base nos conceitos do Modelo médico, o documento intitulado como Classificação Internacional de Deficiência, Incapacidades e Desvantagens (CIDID), publicado no ano de 1989, a deficiência deve ser definida como:

Perda ou anormalidade de estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica, temporária ou permanente. Incluem-se nessas a ocorrência de uma anomalia, defeito ou perda de um membro, órgão, tecido ou qualquer outra estrutura do corpo, inclusive das funções mentais. Representa a exteriorização de um estado patológico, refletindo um distúrbio orgânico, uma perturbação no órgão. (Amiralian et al., 2000, p. 98).

Já o modelo social da deficiência, divide e defende a classificação em duas partes (lesão e deficiência):

Lesão como a falta completa ou parcial de um membro ou ter um membro, órgão ou uma função do corpo com defeito; e a deficiência como a desvantagem ou restrição de atividade causada pela organização social contemporânea que não (ou pouco) leva em consideração as pessoas que possuem uma lesão, e assim as exclui da participação das atividades sociais (UPIAS, 1976, p. 20).

1.2 Modelo Médico versus Modelo Social da Deficiência

Até o início do século XX, o modelo médico, que ficou vigente envolvia apenas a questão da lesão e da incapacidade, tornando o olhar médico como sendo único e soberano. Esse modelo trata a deficiência como uma doença, uma limitação corporal que o indivíduo terá até mesmo para interagir com a sociedade. O princípio foca apenas na ideia de que são as limitações físicas, sensoriais, cognitivas, ou múltiplas, os únicos fatores de exclusão, e que a sociedade não tem culpa desse acidente biológico (Gaudenzi & Ortega, 2016).

Para França (2013, p. 60), “a deficiência seria em si a incapacidade física, e tal condição levaria os indivíduos a uma série de desvantagens sociais”.

Esse modelo conseqüentemente remetia a ideia de segregação, pois só através da cura da deficiência que seria possível o retorno para a vida em sociedade, reduzindo as desvantagens sociais e tomando para si os direitos cabíveis as pessoas “normais” (Diniz, 2007).

Assim, em 1960, o modelo médico começou a ser criticado, principalmente pelas pessoas com deficiência, que sentiram a necessidade de reivindicar seus direitos, sua participação na sociedade e principalmente nos estudos sobre essa área, nascendo O Movimento do Direito dos Deficientes, que defendeu a criação de um novo campo acadêmico intitulado por *Disability Studies*.

Em contraposição a este modelo surge o modelo social da deficiência, dirigido pelas ideias de inclusão, sustentando a concepção de que a deficiência não deve ser caracterizada como um problema individual, mas como uma questão social, em que as desvantagens e estigmas enfrentados pelas pessoas com deficiência são de responsabilidade da sociedade em que estão inseridas (Crespo, 2011).

A primeira geração de teóricos desse modelo, afirmavam que “o principal impeditivo da independência dos deficientes eram as barreiras sociais, em especial as barreiras arquitetônicas e de transporte. O agente responsável por impedir que os deficientes experimentassem a independência era a organização social capitalista” (Diniz, 2007, p. 60).

O modelo defende a ideia de que a deficiência seria o resultado da opressão e da discriminação sofrida pelas pessoas em função duma sociedade excludente. E coloca sobre a sociedade o dever de estar preparada para receber as pessoas com suas incapacidades, eliminando as barreiras físicas e os principais condicionantes da exclusão social (estereótipos, preconceitos e estigmas) que as impedem de ter uma vida comum em sociedade.

Dando continuidade a essa fase, Crespo (2011) relata que o Modelo Social da Deficiência começou a ganhar forças, principalmente em 1981, quando foi proclamado pelas Nações Unidas o “Ano Internacional das Pessoas Deficientes” e no ano seguinte o lançamento do Programa de Ação Mundial para as Pessoas com Deficiência.

Barbosa-Fohrmann (2018), mencionam que essa consolidação aconteceu em 2006, com a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência (CDPD), evidenciando um novo paradigma na trajetória do tratamento jurídico, agora voltado no exercício dos direitos humanos, na igualdade de condições.

1.3 Pessoas com Deficiência na Europa e em Portugal

Sabe-se que vários países aderiram a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e o Protocolo Adicional (CDPD), com o compromisso de respeitá-los seguindo o objetivo proposto no documento, de proteger e assegurar o pleno e igual gozo de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais por todas as pessoas com deficiência, e promover o respeito pela sua dignidade inerente (ONU 2006).

A CDPD e seu Protocolo Facultativo (A/RES/61/106) foram adotados em 13 de dezembro de 2006 na sede das Nações Unidas em Nova York, e aberta à assinatura em 30 de março de 2007. Assim, foram 82 signatários da Convenção, 44 signatários do Protocolo Facultativo e 1 ratificação. Este foi o maior número de signatários da história para uma Convenção da ONU em seu dia de abertura, sendo o primeiro tratado abrangente de Direitos Humanos do século XXI e a primeira Convenção de Direitos Humanos a ser aberta para assinatura por organizações de integração regional. A Convenção entrou em vigor em 3 de maio de 2008 (UN, 2006).

Apresentamos em seguida, uma figura que estabelece na sua legenda os países que ratificaram e os que são signatários da Convenção e do Protocolo Adicional, comprometendo-se com metas de inclusão de pessoas com deficiência.

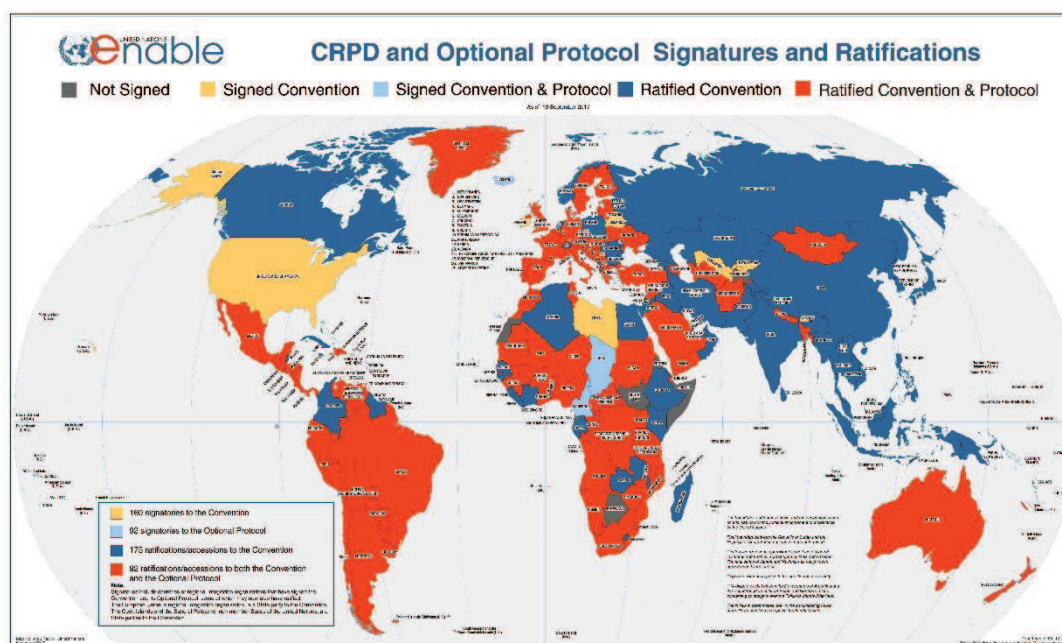


Figura 1 - Países signatários da Convenção e do Protocolo Adicional. Fonte: “United Nations - Division for Inclusive Social Development” (2006).

Como visto, Portugal encontra-se em laranja, no grupo dos países que ratificaram a Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e o seu Protocolo Adicional, ambos aprovados pelas Resoluções da Assembleia da República n.º 56/2009 e n.º 57/2009, de 7 de maio de 2009 (UN, 2006).

O Instituto Nacional para Reabilitação IP, editou um Manual para Parlamentares, onde são colocados oito princípios gerais de orientação aos Estados e a outros intervenientes segundo a UN (2006):

O respeito pela dignidade inerente, autonomia individual, incluindo a liberdade de fazerem as suas próprias escolhas, e independência das pessoas;

- Não discriminação;
- Participação e inclusão plena e efetiva na sociedade;
- O respeito pela diferença e aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana e humanidade;
- Igualdade de oportunidade;
- Acessibilidade;
- Igualdade entre homens e mulheres;
- Respeito pelas capacidades de desenvolvimento das crianças com deficiência e respeito pelo direito das crianças com deficiência a preservarem as suas identidades.

Todos esses princípios advêm das inúmeras lutas que essa classe tem enfrentado ao decorrer dos tempos, que permitiram desencadear uma série de conceitos que atualmente estão em pauta, Autonomia e Vida independente. Considerados hoje,

como braço direito desse modelo, na qual se insere valores de complementaridade e interdependência que devem existir entre as pessoas, construindo suporte para o desenvolvimento humano.

A *European Network on Independent Living* (ENIL), referencia no seu site que a vida independente não significa ser independente de outras pessoas, mas ter a liberdade de escolha e controlo sobre a própria vida e estilo de vida. Para eles, o conceito nada mais é, que a aplicação de uma política para as pessoas com deficiência baseada nos direitos humanos.

Tal como estabelecido no artigo 19 da (CDPD), o direito de todas as pessoas com deficiência a viver de forma independente e a ser incluídos na comunidade, assegurando;

- a oportunidade de escolher o seu local de residência e onde e com quem vivem em condições de igualdade;
- o acesso a uma variedade de serviços domiciliários, residenciais, incluindo a assistência pessoal necessária para apoiar a vida e inclusão na comunidade a prevenir o isolamento ou segregação;
- e a disponibilização dos serviços e instalações da comunidade para a população em geral, em condições de igualdade, às pessoas com deficiência e que estejam adaptados às suas necessidades.

Capítulo II. Da Educação Especial à Educação Inclusiva

2.1 Conceito de Educação Especial

É possível verificar que o caminho tem sido penoso e moroso para as pessoas com deficiência, considerando desde a rejeição, segregação até a exclusão. Tais práticas do passado tiveram consequências prejudiciais sobre este grupo, nas escolas e na sociedade em geral. As escolas, ao rejeitar as crianças com deficiência contribuíram para a rigidez e a homogeneização do ensino na época (Stainback & Stainback, 1999). Mas todo este percurso moroso, sofreu alterações bastante positivas, advindas de diversos atores sociais que se propuseram estudar e apoiar as causas da área da deficiência, partindo daí a criação e implementação de uma legislação específica que os torne cidadãos com plenos direitos na sociedade.

Nesta linha de pensamento Silva (1986) citado por Carvalho (2001), faz referência a alguns autores fulcrais no que concerne à educação das pessoas com deficiência na Europa, com expansão nos Estados Unidos e posteriormente noutros países. O Frade Pedro Ponce de Leon, por exemplo, desenvolveu dois métodos para pessoas surdas, um oral e outro de sinais com base em estudos anteriores do italiano Gerolamo Cardomo, inventor de uma linguagem que permitia as pessoas surdas aprenderem a ler e a escrever. Juan Pablo Bonet (padre espanhol) em 1620, cria o alfabeto da linguagem de sinais, enquanto que em Inglaterra John Bulwer, cria o método de leitura para as pessoas cegas, utilizado até aos dias de hoje.

Assim, podemos afirmar que todos eles contribuíram para as primeiras mudanças na área da educação, que no final do século XIX, se traduziram em regimes de internato, cuja modalidade era mais assistencial do que educacional e que aos poucos foram atribuindo novas formas de atendimento, como o semi-internato e posteriormente a classe especial (Pereira,1984).

Este período é consensualmente aceite como aquele que marca o nascimento da Educação Especial.

Fruto desta evolução histórica e do direito de cada criança à educação, é proclamado na Declaração dos Direitos Humanos e reafirmado pela Declaração Mundial da Educação para todos (UNESCO,1990) que todas as pessoas portadoras de deficiência ou não, tenham a mesma oportunidade de aprendizagem. No fundo, se todas as crianças têm direito à educação, então deve-lhes ser dada a mesma oportunidade de aprendizagem, de forma, a atingir o potencial dos seus interesses e potencialidades.

Em 1994, é assinada então a Declaração de Salamanca por 92 países e 25 organizações internacionais apresentando princípios, políticas e práticas na área das necessidades especiais. O conceito de Necessidades Educativas Especiais (NEE) foi então redefinido passando a abranger crianças e jovens portadores de deficiência ou dificuldades de aprendizagem, englobando ainda crianças sobredotadas ou desfavorecidas abrangendo ainda minorias étnicas, culturais.

De acordo com a Declaração de Salamanca (UNESCO,1994) muitas crianças podem experienciar dificuldades de aprendizagem, em algum ponto do seu percurso escolar, tendo assim NEE (necessidades educativas especiais), assim os sistemas de educação devem ser planeados e os programas educativos implementados, tendo em conta a diversidade das dificuldades apresentadas, cabendo às escolas procurar formas de educar tais crianças com sucesso.

2.2 Educação Especial em Portugal e Enquadramento Legislativo

Portugal ao assinar a Declaração de Salamanca (UNESCO,1994) comprometeu-se a aplicar os seus princípios, mas nos dias de hoje ainda perduram práticas contraditórias e que nos levam a questionar se realmente as escolas alcançaram a tão estimada inclusão. Desta forma é pertinente, fazer uma breve resenha histórica da Educação Especial em Portugal.

De acordo com Bairrão (1998), devemos considerar três fases importantes no desenvolvimento das estruturas organizacionais: A primeira fase (segunda metade do século XIX) onde foram criadas as primeiras instituições privadas e com fundos próprios para cegos e surdos, claramente com uma base assistencial.

A segunda fase (anos 60, século XX) onde temos uma intervenção mais ativa, conduzida pelo Ministérios dos Assuntos Sociais e que deram origem à criação de centros de Educação Especial, centros de observação e onde surgiu a primeira preocupação de facultar formação especializada aos professores. No entanto, a maioria das crianças portadoras de deficiência ainda não frequentava as escolas regulares, por existirem listas extensas. Foi nesta época que foram criadas diversas associações sem fins lucrativos com o apoio financeiro da Segurança Social.

A terceira fase, no início da década de 70, o Ministério da Educação passa a assumir a Educação Especial, através do Decreto Lei n.º 66/1979, de 4 de outubro, que Aprova a Lei sobre Educação Especial e cria o Instituto de Educação Especial.

No pós 25 de Abril, a partir de 1974, observa-se à criação de Equipas de Educação Especial Integrado, sendo a primeira medida efetiva de integrar crianças portadoras de deficiência em classes regulares. (Bairrão,1998, p.16).

Entre os anos 70 e 90 existe um aumento de estabelecimentos de Ensino Particular e a criação de cooperativas para ensino de crianças e jovens com deficiência mental sob tutela do Ministério da Educação ao mesmo tempo que se mantinha os atendimentos das Equipas de Educação Especial Integrado.

A partir da década de 90 a política educativa portuguesa, torna-se mais clara no que concerne à responsabilidade das escolas na educação dos alunos com NEE. O Decreto de lei nº 319/91, de 23 de agosto prevê a adaptação de condições especiais no processo de aprendizagem e ou de ensino. Este foi um dos grandes passos que

permitiu todos os alunos com NEE, frequentar a classe regular, tendo a escola de dar uma resposta adequada a cada diversidade/especificidade apresentada.

Em 1997, já falávamos numa política educativa mais inclusiva, com o Despacho Conjunto n.º.105, foram introduzidas mudanças significativas que colmataram com a criação de equipas de coordenação local, nomeadamente Equipas de Coordenação de Apoios Educativos, que articulam com professores de apoio educativo e as escolas na mobilização de recursos especializados para as práticas pedagógicas.

Posteriormente em 2005, o Despacho n.º 10856 centra nos agrupamentos de escolas e escolas não agrupadas a responsabilidade de quantificação e identificação do número concreto de alunos com NEE.

Assim, todos os alunos fora da “norma” estavam abrangidos pela Educação Especial, o que levou a um aumento significativo de alunos com NEE, traduzindo-se em medidas educativas muito pouco adequadas (nem sempre respeitando a especificidade apresentada). Tal lacuna, impulsionou a publicação do Decreto Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro, que “define os apoios a prestar na educação pré-escolar e no ensino básico e secundário (..) visando a criação de condições para a adequação do processo educativo às necessidades educativas especiais dos alunos com limitações significativas ao nível de atividade e participação”. (Ponto 1, artigo 1º).

Quanto à planificação e programação educativa, e de acordo com o artigo 8º do respetivo Decreto Lei, existe a referência a um único documento oficial designado como Programa Educativo Individual (PEI) “documento que fixa e fundamenta as respostas educativas e respetivas formas de avaliação” (Ponto 1, artigo 8º). Este documento é obrigatoriamente elaborado pelo professor titular da turma, pelo docente de educação especial, pelo docente do grupo e pelo encarregado de educação.

No entanto, também este Decreto de Lei, apesar dos aspetos positivos que introduziu também ele tinha algumas incongruências. No dia a dia professores e outros técnicos eram deparados e confrontados com situações e limitações que não estavam enquadradas no referido Decreto de lei n.º 3/2008, não sendo assim consideradas no âmbito da intervenção da educação especial. Estas crianças ficavam assim sem resposta, desorientadas e perdidas nas escolas.

Posteriormente este Decreto foi alvo de pequenas alterações e retificado pela Declaração de Retificação n.º 10/2008, de 5 de Março, e alterado pela Lei n.º 21/2008, de 12 de Maio, definiu como “objetivos da educação especial a inclusão educativa e social, o acesso e o sucesso educativo, a autonomia, a estabilidade emocional, assim como a promoção da igualdade de oportunidades, a preparação para o prosseguimento de estudos ou para uma adequada preparação para a vida profissional e para uma transição da escola para o emprego de crianças e jovens com necessidades educativas especiais de carácter permanente.”

Recentemente surgiu o Decreto de Lei n.º 54/2018, de 6 de junho “que estabelece os princípios e as normas que garantem a inclusão, enquanto processo que visa

responder à diversidade das necessidades e potencialidades de todos e de cada um dos alunos, através do aumento da participação nos processos de aprendizagem e na vida da comunidade educativa”, sendo revogados: o Decreto Lei n.º 3/2008, de 7 de janeiro (alterado pela Lei n.º 21/2008, de 12 de Maio) e a Portaria n.º 201 -C/2015, de 10 de julho.

Podemos afirmar que Portugal com estas revisões no que concerne à educação, está a batalhar para práticas e escolas mais inclusivas, de forma a melhorar a qualidade para todos os alunos.

Mas levanta-se a questão, serão realmente as escolas portuguesas inclusivas? Ou pelo contrário ainda temos pais e professores a lutar pela igualdade e contra a exclusão social?

2.3 Desafio Societal

Reduzir as desigualdades e a exclusão social na Europa são desafios cruciais para o futuro do continente. Ao mesmo tempo, existe um grande potencial para a Europa, através de oportunidades proporcionadas, por exemplo, por novas formas de inovação e pelo envolvimento dos cidadãos. Apoiar sociedades inclusivas, inovadoras e reflexivas é um pré-requisito para uma integração europeia sustentável. (EC, 2018).

As pesquisas na União Europeia, portanto, possuem o dever de abordar a exclusão social, as discriminações e várias formas de desigualdade, explorando novas formas de inovação com o intuito de reforçar a base de evidências para a União da Inovação, o Espaço Europeu da Investigação e outras políticas relevantes da União Europeia. Tudo isso possui como objetivo promover uma cooperação coerente e eficaz com os países terceiros. (EC, 2018).

Tendo como base os pressupostos anteriormente descritos, o modelo conceptual proposto por Sasaki (2004, citado por Fundação Gulbenkian, 2016, p.94), para a construção de Escolas Inclusivas, identifica os requisitos que devem ser garantidos pelas estruturas gerais da comunidade para o desenvolvimento de uma sociedade inclusiva:

- Acessibilidade atitudinal, expressa pela ausência de preconceitos, estigmas, estereótipos e discriminações por parte dos agentes educativos;
- Acessibilidade programática, expressa pela ausência de barreiras invisíveis integradas em documentos estruturantes da Escola;
- Acessibilidade metodológica, expressa pela ausência de barreiras decorrentes dos métodos e técnicas de ensino desenvolvidos;
- Acessibilidade comunicacional, expressa pela ausência de barreiras na comunicação interpessoal, escrita e virtual;

- Acessibilidade instrumental, expressa pela ausência de barreiras nos instrumentos, utensílios e ferramentas de ensino e aprendizagem;
- Acessibilidade arquitetónica, expressa pela ausência de barreiras ambientais físicas nas instalações e equipamentos educativo.

Importa referir que o objetivo específico do Desafio Societal "A Europa num mundo em mudança - Sociedades inclusivas, inovadoras e reflexivas" (SC6) é fomentar uma maior compreensão da Europa, fornecer soluções e apoiar sociedades europeias inclusivas, inovadoras e reflexivas, num contexto sem transformações precedentes e crescentes interdependências globais (EC, 2018).

No que concerne à cidadania e inclusão social, espera-se que o conhecimento e inovação produzidos contribuam para os promover. Nesta configuração, existe a referência a estes dois objetivos em áreas tão diversas como, energia, transportes, gestão de recursos naturais e economia circular, mas sempre na perspectiva de que a investigação e inovação nestas áreas deverá ter a inclusão e os cidadãos como eixos estruturantes (EC, 2018).

Capítulo III. Escolas Inclusivas e Intervenção Social

3.1 Escolas Inclusivas, Desafios e Atitudes

Como vimos nos capítulos anteriores, diversos organismos internacionais defendem um conjunto de princípios e valores que proclamam o direito à educação para todos.

A inclusão tem por base um conjunto de desígnios que permitem a integração e adaptação de crianças e jovens com necessidades educativas especiais e ou portadores de deficiência na sociedade.

Segundo Thomas, Walker e Webb (*Center for Studies on Inclusive Education*, 1998, cit. por Sanches, 2011) escola inclusiva é aquela que reflete a comunidade como um todo, não seleciona, não exclui, não rejeita, é acessível a todos, em termos físicos e educativos, não é competitiva e pratica a democracia, a equidade.

A inclusão pressupõe um trabalho de equipa, onde o professor, a família e toda a comunidade escolar estejam convictos de que todos os alunos com ou sem deficiência participem ativamente em todas as atividades na escola e na comunidade. No entanto nem sempre isto é verdade, a falta de técnicos auxiliares faz com, que por vezes ainda se excluam estes alunos de certas e determinadas atividades, como por exemplo: visitas de estudo por falta de recursos humanos, nomeadamente auxiliares.

É importante vermos como as atitudes influenciam ou não os professores e os outros técnicos auxiliares.

O conceito de atitude é um dos mais antigos e mais estudados em Psicologia Social, existem diversas definições para atitude, das quais se podem destacar a de Thomas & Znaniecki (1915) “Por atitudes entendemos um processo de consciência individual que determina atividades reais ou possíveis do individuo no mundo social” e a de Ajzen (1988) “Atitude é uma predisposição para responder de forma favorável ou desfavorável a um objeto, pessoa, instituição ou acontecimento” (citado por Vala & Monteiro, 2006, pág. 188). Sendo que as atitudes expressam-se sempre através de um julgamento avaliativo.

Na escola, a atitude do professor será assim fulcral no que respeita a inclusão. Segundo Ainscow (1997, citado por Sanches & Teodoro, 2006) existem três aspetos que podem tornar o ato de ensinar mais inclusivo, nomeadamente:

- Planificação para a classe como um todo e não para um aluno em particular;
- Intervenção frequente dos próprios alunos, no sentido de partilharem experiências, conhecimentos e, desenvolverem trabalhos cooperativos (em grupo).
- Improvisação na planificação face às reações dos alunos, encorajando assim uma participação mais ativa.

Leatherman & Niemeyer (2005), levantaram a questão de que, se os professores da primeira infância expressam visões positivas no que diz respeito à inclusão, será que na prática as aplicam em contexto de sala de aula? Desta forma, avaliaram as

atitudes dos professores face às práticas inclusivas e os serviços escolares. O resultado indicou que as atitudes dos professores face à inclusão são influenciadas pela prática anterior em salas de aulas inclusivas. Contudo, apesar dos professores implementarem práticas inclusivas, indicaram que só com o apoio da administração, dos restantes profissionais e com o treino adequado as conseguiriam preservar ao longo do tempo.

Stauble (2009) também quis avaliar as atitudes dos professores de educação geral face às práticas inclusivas. O mesmo estudo também avaliou as correlações entre as variáveis professor e escola e as atitudes dos professores em relação à inclusão, avaliou ainda o nível de ensino e a área disciplinar ministrada, entre outras.

Num total de 233 professores que participaram neste estudo, verificaram-se pontuações médias em relação à inclusão, nomeadamente 3,79 variando entre uma pontuação baixa de 2,96 e uma alta de 4,94 de uma pontuação possível em 6,00. A análise de dados, revelou uma correlação negativa entre a atitude do professor e o grau/nível de ensino, o que indica que quanto maior for o nível de ensino e escolaridade, mais negativa é a atitude do professor no que toca à inclusão. Este estudo conclui assim que é preciso uma mudança conceitual profunda, de forma a mudar as atitudes dos professores em relação à inclusão, devendo os professores examinar a origem dos seus sentimentos em relação à inclusão e desafiar estes mesmos sentimentos para que esta mudança ocorra. As crenças que moldam as atitudes dos professores face à inclusão, devem ser expostas e o seu papel enquanto professor discutido, a solução poderá passar por colocar os professores com atitudes negativas em conjunto com professores “mentores” ou de referência em salas de aula verdadeiramente inclusivas e que satisfaçam as necessidades de todos.

Também Walker (2012), investigou os elementos que podem contribuir de forma positiva para uma maior aceitação de alunos com necessidades educativas especiais, avaliou a experiência, o desenvolvimento profissional, e o apoio administrativo. Estes parâmetros, de acordo com este autor, têm impacto nas atitudes dos professores face à inclusão. Concluiu assim, que o apoio emocional, instrumental e informativo bem como o desenvolvimento profissional tiveram um impacto positivo nas atitudes dos professores face à inclusão de alunos com NEE.

Todos estes estudos comprovam que a inclusão é um trabalho não de um, mas de todos. Como verificamos tem de existir um “bom” ambiente educativo, uma boa organização na escola e que efetivamente têm de existir formações específicas e apoio técnico para todos os funcionários da escola.

Na prática, acredito que a maioria das escolas em Portugal, os profissionais se confrontam com constrangimentos que ameaçam a concretização de uma educação inclusiva, existe uma tentativa de incluir, mas sem se saber muito bem como o fazer. Todos sabemos que o caminho não é fácil, mas podemos fazer mais e melhor pelo futuro das nossas crianças e contribuir para uma mudança de atitude face à incapacidade e deficiência.

3.2 Projetos Inclusivos

Após a pesquisa efetuada, foram identificados alguns projetos ou medidas no âmbito da inclusão em Portugal a nível privado, que em seguida serão abordados sucintamente. Lamentavelmente não se conseguiu obter informação sobre projetos a nível público, o que não invalida que estes existam, no entanto não existe divulgação ou publicação dos mesmos, o que dificulta a partilha de informação neste âmbito.

Os projetos de inclusão que foram encontrados, passam por:

Olhares com Inclusão é um projeto da Associação de Apoio e Informação a Cegos e Amblíopes, que junto das escolas promovem ações de sensibilização e divulgação. Estas ações têm como objetivo ajudar os alunos na Escola/Agrupamento a saberem interagir com pessoas cegas ou com baixa visão, para que possam contribuir para uma sociedade mais justa e inclusiva, ajudando também a dinamizar a Associação de Pais. As ações de Informação/Sensibilização são dirigidas para alunos e professores, com o propósito de capacitar as crianças e os jovens, que serão os adultos do amanhã, com a informação básica para poderem interagir com pessoas cegas ou com baixa visão.

Deste modo serão veiculadas boas práticas, através de uma partilha de conhecimento sobre as pessoas com deficiência visual, tais como: a importância da visão no desempenho escolar; como ser o guia de uma pessoa cega ou com baixa visão; como as pessoas, com a problemática, podem ler; o uso do Alfabeto Braille e das tecnologias de apoio; como superam com sucesso as tarefas da vida diária (comer, vestir, contar dinheiro, etc.) e meras curiosidades.

A *Missão Arco Íris Feliz* da Associação de Apoio e Promoção à Inclusão de Crianças com Anafilaxia, foi constituída com objetivo de apoiar as crianças e suas famílias com esta doença, desenvolvendo campanhas e ações de esclarecimento junto da comunidade escolar para a inclusão com sucesso destes meninos. Estas ações têm como objetivo ajudar os alunos, professores e assistentes das Escolas/Agrupamentos, capacitando-os com a informação básica para saberem interagir com crianças com Anafilaxia de forma justa e inclusiva. No caso de existir um ou mais alunos com a doença, além de esclarecer sobre a medicação SOS, formam os adultos (professores, auxiliares entre outros) com os cuidados a ter no dia a dia e numa emergência.

Para os alunos, proporcionam ainda ações de sensibilização simplificadas de forma positiva, anti-bullying. No caso de não existirem alunos com Anafilaxia em determinada escola, a ação de sensibilização é feita para que, no futuro, as crianças tenham uma outra visão, sabendo lidar de forma integradora com pessoas que tenham a doença e sejam parte da solução.

A falta de projetos inclusivos em Portugal, demonstra assim a falta de envolvimento da sociedade. Nas escolas que frequentamos aquando do projeto “Vem calçar o sapato do outro”, foi possível constatar que professores e psicólogos (quando a instituição os tinha como recurso humano) igualmente não conheciam projetos

inclusivos de associações como a da Mithós ou outras, ou pelo contrário, nem sequer tinham levado a cabo um projeto destes na própria escola.

Torna-se importante referir que existe, um acordo de parceria adotado entre Portugal e a Comissão Europeia (o Portugal 2020) que reúne a atuação dos 5 Fundos Europeus Estruturais e de Investimento - FEDER, Fundo de Coesão, FSE, FEADER e FEAMP, no qual se definem os princípios de programação que consagram a política de desenvolvimento económico, social e territorial para promover, em Portugal, entre 2014 e 2020. Desta forma, o Portugal 2020 será operacionalizado através de 16 Programas Operacionais a que acrescem os Programas de Cooperação Territorial nos quais Portugal participará a par com outros Estados membros (POCI- Programa operacional Competitividades e Internacionalização, 2014). Um dos programas operacionais é no âmbito da inclusão e emprego, e através deste projeto irão surgir medidas inovadoras de intervenção social e apoio aos mais desfavorecidos, promovendo políticas ativas de emprego e de salvaguarda de coesão social.

No entanto, também este programa nada contempla no que diz respeito à área da educação, que é uma das mais importantes, mas que na realidade acaba sempre por ser esquecida.

3.3 Intervenção Social em contexto Educativo

É desta forma que se procura, continuamente um envolvimento efetivo capaz de potenciar a inclusão de crianças com deficiência ou com necessidades educativas especiais nas escolas, de forma a potenciar o sucesso educativo e social destes alunos.

Intervenção, como o próprio nome indica é o ato de intervir, uma intercessão ou mediação em alguma situação adversa. O social está relacionado com o princípio de cidadania ativa, isto é, uma intervenção que tem como base promover as competências da pessoa na construção do seu projeto, garantindo-lhe exercer os seus direitos, direitos esses que estão na Declaração Universal dos Direitos do Homem.

De acordo com Carmo (2001), citado por Pereira, (2016), a intervenção social é assimilada a um processo onde certa pessoa se assume como recurso social de outra pessoa, entidade, comunidade, grupo ou rede social, com o propósito de apoiar na resolução de um determinado conjunto de necessidades sociais.

De um ponto de vista fenomenológico a intervenção sócia educativa é uma irrupção numa determinada realidade, com o objetivo de modificá-la. Assim destaca-se de uma forma contundente a intervenção sócio educativa, supondo a entrada na “realidade do outro” com o pretexto de que esta mude a partir de conceções teóricas e ideológicas do interventor, não se trata assim de “obrigar” o outro a mudar, mesmo quando a intervenção seja voluntariamente solicitada, como é o caso por exemplo da intervenção comunitária, trabalhar com jovens e ou adultos (Sampaio, 2003). A intervenção social em contexto educativo tem de ser igualitária, onde professores,

diretores e outros membros (alunos, técnicos) apesar de exercerem papéis diferentes, trabalhem numa mesma linha de ação.

Importa referir, que sempre que necessário a intervenção social pode, e deve ter práticas baseadas na mediação, e não apenas na imposição de um único modelo de vida, mas sim, utilizar de estratégias como a negociação e a comunicação como base para essas relações interpessoais (Vieira, 2014).

Parte II Enquadramento Metodológico

Capítulo IV. Plano de Investigação/Metodologia

4.1 Problemática do estudo

No século XXI ainda existe muita falta de informação e mitos sobre as pessoas com deficiência, e ao tratar essa questão é comum que sentimentos como medo, pena, raiva, repulsa, manifestem-se, pois, tais sentimentos representam a insegurança diante da ignorância e dos pré-julgamentos quanto ao assunto.

O estigma é uma das grandes barreiras enfrentadas pelas pessoas com deficiência, pois segundo Freire (2010, p. 84) “O estigma pode não ser considerado apenas como uma barreira exterior, impedindo o acesso social, económico e político às pessoas com deficiência, mas pode também funcionar como uma barreira interior, fazendo com que as pessoas com deficiência se questionem sobre o seu valor na sociedade”.

A escola como transmissora do saber, tem o dever de contribuir para a mudança social, trabalhando incessantemente na transformação do processo de construção de um sistema educacional inclusivo, em que a diversidade seja vista como alicerce do desenvolvimento das relações interpessoais, enfatizando o respeito pelas diferenças.

Diante disso, a escolha desta problemática deve-se ao fato de ser evidente que a intervenção tradicionalmente desenvolvida nessa área se demonstra insuficiente, visto que continuamos a assistir episódios de discriminação, sendo indispensável utilizar formas diferentes de intervenção em meio escolar, que alcance e promova a valorização da diversidade e respeito àquele que é diferente e não inferior.

Sabemos que o caminho para resolução de qualquer problema, não é fácil, mas, que é possível se intervirmos.

[...] não há respostas infalíveis e cem por cento eficaz; ninguém tem uma varinha de condão, mas, sim, propostas de intervenção, cujos efeitos já foram experimentados em várias ocasiões, que podem ser usadas ou não para enfrentar uma relação mais difícil (Costantini, 2004, p. 21-22).

4.2 Escolha da Instituição e Objetivo do Estudo

Vive-se hoje um dos momentos mais dinâmicos da história da humanidade, nesse sentido, considerando o processo de mutação permanente pelo qual passamos, torna-se cada vez mais importante preparar nos para as mudanças e exigências sociais contemporâneas.

Nesta perspectiva, resolvi escolher a modalidade Relatório de Estágio Curricular Profissional, e adentrar no meio teórico, ao mesmo tempo que mergulho na prática, de maneira a aproximar-me mais da realidade intervencional e em diferentes situações poder interagir, observar, participar, verbalizar ideias e opiniões, enfim, assumir um comportamento de sujeito ativo na busca de construir uma identidade profissional ao nível de conceitos e experiências.

Segundo Oliveira (2009), os estágios são importantes para evolução do estudante.

“Durante os estágios os estudantes estreitam a sua relação com o mercado de trabalho e embora possam ter alguma experiência anterior, os estágios são reconhecidos como o momento em que o trabalho e a profissão vinculam.”

As motivações que levaram à escolha do tema e da Instituição na qual realizei o Estágio são de carácter pessoal, pois identifiquei-me com a área social, com o doar-se, com o intervir, e estas crianças e jovens com as suas limitações necessitam de apoio e associações como a Mithós que desenvolvem através de um gesto de amor, projetos que procuram persistentemente dar respostas para o preconceito através da sensibilização da comunidade escolar, são sem dúvida alguma, uma mais-valia.

Um dos fatores mais interessantes que se destaca na Mithós, é ser uma associação composta na sua maior parte, por pessoas com deficiência, que utilizam as suas experiências diárias na luta e construção de uma sociedade mais inclusiva, promovendo a efetiva participação de todos, por igual.

Ao conversar com a Coordenadora de Projetos da Associação, esta apresentou-me o projeto **“Vem calçar o sapato do outro”** e falou da importante missão que este carrega. E que seria igualmente útil a minha participação na equipa, ajudando no desenho, na conceção e preparação das diferentes atividades de intervenção para as diversas faixas etárias dentro da filosofia do projeto; colaborando na construção de materiais; na divulgação; na conceção de instrumentos de avaliação de impacto e sua operacionalização; na recolha de registos (vídeo, fotográfico, áudio, etc.) para ilustrar relatórios de realização e afins.

Objetivo do Estudo

Este trabalho estrutura-se em torno de três objetivos:

- Conhecer a dinâmica de uma instituição que promove através de atitudes e comportamentos, a inclusão das pessoas com deficiência na escola e sociedade;
- Intervir de forma colaborativa nas atividades da Mithós;
- Analisar criticamente as aprendizagens associadas ao estágio.

4.3 Caracterização da Instituição de Estágio

Primeiros passos

Tudo começou em 2007, a partir de um grupo de amigos e pais de jovens com Spina Bífida e Hidrocefalia, que executavam iniciativas no campo lúdico desportivo, a fim de estimularem as capacidades, bem como a autoestima das pessoas com deficiência.

Através desta iniciativa, nasceu o Encontro de Campeões, cujo lema era “O céu é o limite”, o seu principal objetivo era proporcionar momentos de convívio, lazer e integração efetiva das pessoas com deficiência na sociedade, de forma mais igualitária na diversidade, proporcionando oportunidade a todos.

Nos encontros de campeões a água era o meio privilegiado, pois permitia as pessoas com deficiência, sobretudo física, desenvolver-se independentemente, libertando-se dos objetos que o auxiliavam.



Figura 2 - Aquecimento na piscina - Fonte: Mithós



Figura 3 - Prova de natação - Fonte: Mithós

O encontro era dividido em duas partes: a primeira nas piscinas, sempre em contato com a água, na sequência um almoço de convívio, e a segunda parte contava com uma visita para enriquecer o encontro. Algumas das visitas foram ao oceanário, ao Centro Equestre da Lezíria Grande, ao Forte de Alhandra, a Sociedade das Silveiras em Samora Correia, Quinta da Subserra em São João dos Montes, Parque de Merendas da Vala do Carregado, entre outros.



Figura 4 - Almoço de convívio- Fonte: Mithós



Figura 5 - Visita ao Oceanário- Fonte: Mithós

Para tornar possível esses convívios, contavam sempre com o apoio solidário de várias entidades e principalmente de professores voluntários, que ajudavam a proporcionar aos associados o contato com atividades em meio aquático e atividades desportivas adaptadas que realizavam na segunda parte do encontro, tais como o tiro com arco, o ténis, a hipoterapia, os jogos populares, a dança adaptada, o boccia, entre outras modalidades.



Figura 6 - Dança adaptada - Fonte: Mithós



Figura 7 - Corrida com cadeiras de rodas - Fonte: Mithós

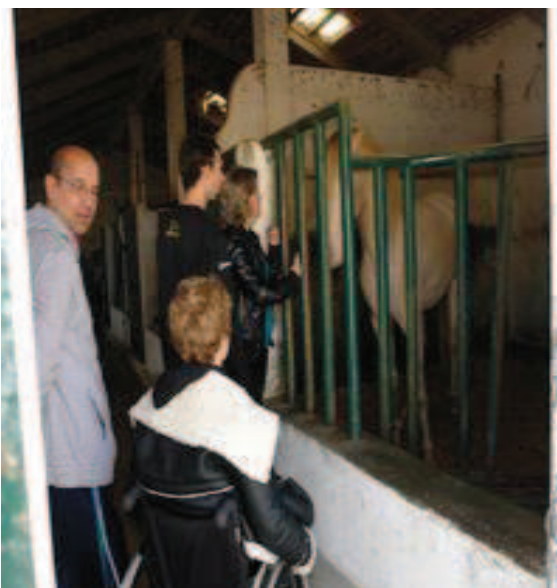


Figura 8 - Visita ao Centro Equestre - Fonte: Mithós

Figura 9 - Passeio à cavalo - Fonte: Mithós

Em virtude da criação da equipa de natação adaptada e da sua participação nas provas federadas em 2011, este grupo de pais e amigos de crianças e jovens com deficiência, estabeleceu um protocolo a nível desportivo com a ASBIHP- Associação Spina Bífida e Hidrocefalia de Portugal. E foi como Mithós- Núcleo do Ribatejo da ASBHIP que iniciaram os campeonatos Nacionais de Natação adaptada na época desportiva de 2011/2012.

O primeiro campeonato nacional que estiveram presentes foi em Santa Maria da Feira.



Figura 10 - Equipa de Natação Mithós- Núcleo do Ribatejo da ASBHIP - Fonte: Mithós

Foram muitas as atividades que estiveram e/ou participaram como núcleo regional da ASBIHP, no entanto isso impedia os de ter estatutos próprios e gerir suas finanças. Diante do desejo de ampliar e desenvolver um trabalho mais abrangente, que envolvesse os diversos tipos de incapacidades, apoio moral, social e legal às pessoas com deficiência e às suas famílias, decidiram criar Histórias Exemplares, Associação de Apoio à Multideficiência, adiante designada por **Mithós - Histórias Exemplares**, que tomou esta designação por escritura de 11 de abril de 2012.

Durante um período, o trabalho relacionado a informação e apoio aos direitos sociais eram realizados por telefone ou nas casas dos associados.

Devido ao empenho na equipa de natação e à falta de voluntários para continuar a organização dos Encontros de Campeões o último realizou-se em 2013. No entanto há intenção de retomar assim que possível essa atividade.

O nascer de uma nova fase

No dia 3 de Dezembro de 2014, associando ao Dia Internacional das Pessoas com Deficiência, a Associação abriu uma sede física, em instalações cedidas pela Câmara Municipal de Vila Franca de Xira (CMVFX), estas instalações sendo num piso térreo e relativamente amplas e adaptadas tornaram possível um trabalho mais concentrado e estruturado para tratar das questões sociais e políticas das pessoas com deficiência, na tentativa de responder ao desafio da criação de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

A Mithós - Histórias Exemplares é uma Associação de apoio à pessoa com deficiência e/ou incapacidade e suas famílias, sem fins lucrativos e de âmbito nacional, com sede em Vila Franca de Xira e reconhecida pelo INR, desde 2016, como Organização Não Governamental para a Pessoa com Deficiência (ONG PD).

A Mithós - Histórias Exemplares está designada como uma associação de solidariedade social, dotada de personalidade jurídica, desde maio de 2017 regida pelos seus Estatutos e pela legislação aplicável presente no seu Regulamento Interno.

A associação tem como símbolo o sol em cor amarela sobre fundo laranja, e dotado de uma expressão humana e sorridente, incluindo a palavra MITHÓS na parte inferior da imagem.



Figura 11 - Logotipo da Mithós Histórias Exemplares - Fonte: Mithós

Os princípios fundamentais da Associação emanam da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, incluindo as pessoas com deficiência física, mental, intelectual ou sensorial, e são os seguintes:

a) O respeito da dignidade inerente, da autonomia individual, incluindo a liberdade de escolha, e da independência das pessoas;

- b) A não discriminação;
- c) A participação e a inclusão plenas e efetivas na sociedade;
- d) O respeito pela diferença e a aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana e da humanidade;
- e) A igualdade de oportunidades;
- f) A acessibilidade;
- g) A igualdade entre homens e mulheres;
- h) O respeito pelas capacidades evolutivas das crianças com deficiência e o respeito pelo direito das crianças com deficiência de preservarem as suas identidades.

Tem como objetivos:

- ✓ A defesa e promoção dos direitos e interesses das pessoas com deficiência e /ou incapacidade e suas famílias, em ordem à integração social e familiar dos seus membros, à respetiva valorização e realização pessoal e profissional;
- ✓ A eliminação de todas as formas de discriminação das pessoas com deficiência e /ou incapacidade;
- ✓ A promoção da igualdade de tratamento das pessoas com deficiência e/ou incapacidade.

Atualmente a associação tem cerca de 315 associados com as mais diversas incapacidades, sejam físicas ou sensoriais, de todas as faixas etárias. Os Órgãos Sociais são compostos maioritariamente por pessoas com vários graus de incapacidade, desde 65% a 95%, mas que não os impede de lutarem por aquilo que querem para eles e para as gerações futuras, também na sua maioria é formado por elementos femininos. Estando assim compostos: Direção: Manuela Ralha-Presidente, João Salgueiro – Vice-Presidente, Isabel Pinho - Secretária, Paula Sequeira – Tesoureira, Sérgio Lopes – Vogal; Mesa da Assembleia Geral: Armindo Silva – Presidente da Mesa, Joana Maia - Primeira Secretária, Francisco Moreira – Segundo Secretário; Conselho Fiscal: Cesar Salgueiro – Presidente, Élia Afonso – Secretaria; Susana Lopes – Vogal. (Ver organograma anexo 1)

No decorrer desses anos, a Mithós tem estabelecido muitas parcerias com outras instituições e realizado diversos projetos na área da deficiência, com a finalidade de desenvolver atividades que visem a concretização dos objetivos da associação, de maneira que seu apoio seja assertivo e eficaz no que condiz as necessidades do seu público-alvo.

E para garantir a sustentabilidade desses projetos, a associação participou de algumas candidaturas em programas de financiamento de organizações de responsabilidade social, tais como Fundação Amélia de Mello, Fundação Auchan, Fundação Calouste Gulbenkian, e o Instituto Nacional de Reabilitação.

Abaixo a relação de alguns projetos, atividades e eventos realizados pela Associação com a participação de entidades parceiras e voluntários.

- ✓ “Vem calçar os sapatos do outro”, um projeto de educação para a Inclusão, destinado à população escolar (alunos, pais, professores, técnicos e pessoal não docente). Iniciou em 2014 através de voluntários, depois em 2015/2016 foi financiado por uma bolsa parcial de solidariedade da Fundação Amélia de Mello, e no ano de 2017/2018 foi financiado pela CMVFX, através do departamento da educação.
- ✓ “Mithós a Ler”, projeto de Biblioteca Inclusiva e Comunitária, através de um conceito de biblioteca especialmente dedicada a servir a população com deficiência, na sua vertente informativa/formativa, lúdica e de promoção de competências de literacia. Criado de uma parceria entre a Mithós - Histórias Exemplares e a Laredo - Associação Cultural, apadrinhada pelo Jumbo de Alverca através do concurso Juntos pela Juventude da Fundação Auchan. A Biblioteca Comunitária e Inclusiva foi inaugurada na sede da Mithós Histórias Exemplares no dia 3 de dezembro de 2016.
- ✓ “Mithós a conversa” esse projeto foi cofinanciado pelo Programa de Financiamento a Projetos do INR, I.P. que constituiu um ciclo de três conversas temáticas em que se abordou questões de interesses para as pessoas com deficiência, de forma a serem criadas condições de igualdade de oportunidades.

Os temas abordados foram:

Tabela 1: Temas do Mithós a conversa.

Temas				
Tertúlia Mithós: A Vida Independente é... Políticas Sociais				
Tertúlia Mithós: A Vida Independente é... Educação, Inclusão e Vida Ativa				
Tertúlia	Mithós:	A	Vida	Independente é...Acessibilidades

- ✓ Em 2016, contratou-se um assistente social através do CEI+, Programa de apoio ao emprego de pessoas com deficiência do Instituto de Emprego e Formação Profissional, que permitiu alargar o âmbito e o número de atendimentos sociais e integrar o Serviço de Atendimento e Acompanhamento Social (SAASI) da Rede Social de Vila Franca de Xira.
- ✓ Juntamente com a Associação Salvador e com a participação no júri da Ação Qualidade de Vida, através da presidente da Direção da Mithós, publicou se um Manual de direitos para as pessoas com deficiência, lançado em março de 2017.

- ✓ A associação Mithós realizou o “Dia em cadeira de rodas”, Cine Debate, Caminhada Solidária, participou junto com a Polícia de Segurança Pública (PSP) no Xira Escolas, além de colaborar nos eventos realizados pela Câmara da cidade: Feira Medieval, Colete Encarnado, Feira de outubro.
- ✓ No ano presente a associação candidatou-se a um projeto piloto de Vida Independente Nacional, cofinanciado pelos fundos comunitários Portugal 2020 com intuito de tornar-se um Centro de Vida independente (CAVI), através do "Modelo de Apoio à Vida Independente (MAVI)", que refere-se a disponibilização de Assistência Pessoal (AP) em atividades de vida diária e de participação definidas pela pessoa com deficiência, tendo como o objetivo principal: garantir às pessoas com deficiência ou incapacidade, condições de acesso para o exercício dos seus direitos de cidadania, e para participação nos diversos contextos de vida, em igualdade com os demais cidadãos.

4.4. Caracterização do Projeto “Vem calçar os Sapatos do outro”

O projeto “Vem calçar os sapatos do outro” é um dos projetos dirigidos pela Mithós, o qual foi o foco principal do meu trabalho e da minha participação, devido ao seu desenvolvimento ocorrer no âmbito escolar, aproximando se assim da vertente deste mestrado.

Segundo a Mithós, ainda existem muitas barreiras a serem destruídas na área da deficiência, e são as barreiras atitudinais que mais se configuram como formas de exclusão e discriminação das pessoas com alguma diversidade funcional, impedindo-as, concretamente, de participar livremente, de forma plena e efetiva, na vida em sociedade - começando nas escolas, passando pelas oportunidades de formação profissional, no acesso ao mercado de trabalho, nos espaços de fruição cultural e de lazer ou na intervenção e participação democrática.



Figura 12 - Mosaico com atividades do projeto Vem calçar os sapatos do outro - Fonte: Mithós

Foi pensando nisso, que a Associação iniciou esse projeto **“Vem calçar os sapatos do outro”** que pretende intervir primordialmente sobre barreiras atitudinais, envolvendo as Ações de Sensibilização para as diferentes faixas etárias e ciclos escolares, dirigidas também a professores, técnicos, funcionários e famílias e são dinamizadas também por pessoas com deficiência e/ou incapacidade, e tem como objetivo principal:

- Promover a Inclusão da pessoa com deficiência e/ou incapacidade, como princípio e valor.

Objetivos específicos:

- Sensibilizar a população escolar para as questões da deficiência, seja sensorial, motora ou intelectual;
- Conhecer que existem diferentes formas de comunicar (Braille, Língua Gestual, Leitura fácil);
- Perceber que ser diferente é uma coisa positiva, e que a deficiência e/ou incapacidade fazem parte da diversidade humana;
- Compreender que todos temos os mesmos direitos, nomeadamente da igualdade de oportunidades e a uma vida digna;
- Desenvolver estratégias e competências que possibilitem o melhor relacionamento com a pessoa com deficiência e/ou incapacidade.

O Projeto teve início em dezembro de 2014, tendo atingido cerca de 2115 participantes de forma direta (jardim de infância – 785 crianças; 1º e 2º ciclos – 692 crianças; 3º ciclo – 273 jovens; secundário – 120 jovens; Outros – 245 adultos). O desenvolvimento e dinamização das ações de sensibilização “Vem calçar os sapatos do outro” tem sido feito em parceria com diversos Agrupamentos de escolas, bem como outras instituições, como são exemplo a Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, a Junta de Freguesia de Vila Franca de Xira, a GNR, a PSP, a Fundação Amélia de Mello e o Hospital de Vila Franca de Xira.

A instituição pretende continuar a desenvolver este projeto de educação para a inclusão, nomeadamente através de um maior envolvimento e responsabilização por parte dos diversos atores sociais das comunidades escolares, proporcionando formação a novos voluntários que possam integrar a realização destas ações de sensibilização, permitindo, uma maior capacidade de resposta às solicitações e convites que a eles têm sido dirigidos, bem como implicar, envolver e aproximar as famílias nos processos de inclusão, facilitando a comunicação entre escola e família, promovendo oportunidades de diálogo positivo e construtivo por todas as partes interessadas nas aprendizagens e no sucesso educativo de TODOS, e de cada um.

2. Metodologia

Do ponto de vista metodológico, o relatório de estágio enquadra uma abordagem qualitativa, pois segundo Godoy (1995), a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental, é um processo descritivo, sendo a palavra escrita de grande importância nesta abordagem, representando um papel fundamental.

Para que haja clareza neste processo, Bogdan e Biklen (1994), justificam que a abordagem qualitativa requer que os investigadores desenvolvam empatia com os participantes no estudo e que façam esforços concentrados para compreender vários pontos de vista.

Esses mesmos autores inferem que “Os investigadores qualitativos se interessam mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos (Bogdan & Biklen, 1994, p. 49), o que deixa claro a importância da observação atenta, do olhar minucioso diante dos fatos quotidianos revelados durante a investigação.

Tendo em consideração o contexto e os objetivos do nosso estágio, a metodologia que presidiu à sua realização foi a investigação ação, uma vez que esta visa obter resultados nos dois campos: ação e investigação, este objetivo duplo é fundamental na obtenção de melhores resultados quanto à pesquisa, além de facilitar o aperfeiçoamento das pessoas e dos grupos com quem se trabalha.

O termo investigação-ação para Kemmis e McTaggart foi introduzido por Kurt Lewin, que sinalizou uma abordagem pioneira para a pesquisa social, que combina a geração da teoria com uma mudança do sistema social da investigação, através da ação do investigador sobre o sistema social.

Muitos são os significados utilizado por diversos autores para a investigação ação, Kemmis e McTaggart (1988) representam o contributo desta metodologia, como:

“A investigação-ação é uma forma de indagação introspectiva coletiva empreendida por participantes em situações sociais [incluindo educacionais] com o objetivo de melhorar a racionalidade e a justiça das suas práticas sociais ou educativas, assim como a sua compreensão destas práticas e das situações em que estas têm lugar” (Kemmis & McTaggart (1988).

É de grande valia, produzir mudanças quanto à problemática envolvida no ambiente escolar, e essa metodologia é uma importante aliada no processo de autonomia ao sugerir uma resposta a problemas concretos situados no contexto.

Mediante o trabalho realizado pela Associação, esta abordagem permite intervir diretamente sobre o problema, como é o caso do projeto “Vem calçar os sapatos do outro”, que desenvolve um mecanismo de sensibilização para a inclusão como forma de desmistificar as especulações sobre a deficiência, além de trazer para o contexto

educacional as experiências vividas por eles, como forma de perceber as diferentes realidades das pessoas com deficiência e/ou incapacidades.

A investigação ação tem como objetivos “compreender, melhorar e reformular práticas; fazer uma intervenção em pequena escala no funcionamento de entidades reais” (Coutinho *et al.* 2009).

Técnicas e Instrumentos de pesquisa

Durante o estágio foram utilizados como instrumentos e técnicas de pesquisa qualitativa: a pesquisa bibliográfica, a pesquisa documental, a observação participante, a entrevista com membros da associação e professores, assim como as notas de campo onde fomos registando a descrição da participação nas atividades desenvolvidas nas escolas, a fim de perceber e se possível, delinear novas intervenções que venham somar ao projeto e também ao relatório.

Após a definição da metodologia base do estudo, torna-se crucial planejar como recolher a informação necessária para a realização do diagnóstico da situação, iniciando pela recolha de informações via pesquisa bibliográfica e documental.

Pesquisa Bibliográfica e Documental

Relativamente à pesquisa qualitativa, no que diz respeito à pesquisa bibliográfica, é “desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2008, p.50), permitindo assim, desenvolver conhecimentos e saberes acerca da temática.

Quanto à pesquisa documental, aproxima-se muito da pesquisa bibliográfica. A única diferença entre ambas está na natureza das fontes.

A pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. A pesquisa bibliográfica utiliza fontes constituídas por material já elaborado, constituído basicamente por livros e artigos científicos localizados em bibliotecas. A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (Matos & Vieira, 2001, p.241).

Assim, recorri à pesquisa documental, através de documentos de 1ª mão como o Regulamento Interno da Associação, Plano de Atividades 2016, 2017 e 2018, e o Relatório de Atividades 2016 e 2017, de forma a caracterizar a instituição, os recursos, atividades e ações que estes disponibilizam face a esta problemática.

Observação direta e participante

A observação do meio envolvente é uma técnica valiosa, pois “o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, (...) apela directamente ao seu sentido de observação.” (Quivy e Campenhoudt, 2003, p. 164) e através das notas de campo obtidas nesse processo que o documento será constituído.

Neste relatório a observação foi direta e participante, que para Spradley (1980), a observação participante possibilita-nos observar as atividades das pessoas, os acontecimentos, as características físicas do contexto social, o que nos permite sentir que somos parte integrante daquela realidade.

Entrevista Semi-diretiva

Considerando os objetivos desse estudo, a entrevista surge como uma técnica importante para interação social e um contato mais direto com o entrevistado.

Segundo Coutinho *et al.* (2009), a entrevista é uma das estratégias mais utilizadas na investigação ação, sendo um complemento de observação importante que permite a recolha de dados sobre acontecimentos e aspetos subjetivos das pessoas, fornecendo o ponto de vista do entrevistado e possibilitando, assim, interpretar significados. É de referir que a entrevista realizada nesse projeto é a semi-directiva, a partir de um guião com questões relativamente abertas, e que não precisam necessariamente ser seguidas na ordem anotada. Optámos por esse instrumento, pois permite recolher fatos relatados na linguagem do entrevistado, possibilitando ao investigador desenvolver intuitivamente uma conceção acerca da interpretação dos sujeitos sobre fatos do mundo. (Bogdan & Biklen, 1994).

Na fase desta planificação do trabalho, a entrevista semi-directiva foi aplicada em dois momentos diferentes para dois públicos distintos: num primeiro momento (primeiro mês de estágio) aos membros da associação do Projeto “Vem calçar os sapatos do Outro”, com a finalidade de perceber o funcionamento do projeto e o cronograma desenvolvido durante a ação realizada face ao contato direto com o público escolar diversificado.

E depois, na fase da realização das ações, no qual outro guião foi feito e aplicado para alguns professores que participaram da dinâmica, na intenção de conhecer a percepção dos mesmos com relação ao processo de inclusão escolar, suas opiniões diante da ação realizada na escola através da Associação, recolher dados acerca do impacto das ações nos alunos e perceber seus pontos de vista sobre a relação escola - sociedade.

5 Descrição das atividades

No início de setembro de 2017, fui passar férias em Vila Franca de Xira, cidade na qual tenho família e alguns amigos. Estar naquele local, levou-me a procurar e pesquisar meios e formas de realizar o Relatório de Estágio naquela região, pois estaria mais perto da família, o que facilitaria o desenvolvimento do trabalho.

Ao conversar com amigos, procurar informações na Internet e com base em indicações de pessoas locais, como foi o caso, da Dr.^a Maria Abelha (Contadora de Histórias na Biblioteca de Vila Franca de Xira), fui desenvolvendo interesse e curiosidade acerca do trabalho desenvolvido pela Associação Mithós.

O contato inicial partiu de uma visita que fiz à Associação, em busca de uma melhor compreensão das atividades que ali são realizadas. A Dr.^a Joana Maia, Gestora de Projetos da Mithós, recebeu-me na sua sala e contou-me um pouco do trabalho desenvolvido por eles, demonstrando interesse na minha participação no projeto de sensibilização que realizam junto das escolas, levando assim, o meu pedido de Estágio até a Direção.

Assim aguicei a minha curiosidade e o desejo de compreender a relação de apoio entre a Mithós e as Escolas, o encontro tão importante entre o meio social e o escolar, desenvolvido através do projeto “Vem calçar os sapatos do outro”.

Alguns dias depois, recebi a resposta da Direção da Mithós, com a respetiva autorização para o início do estágio em janeiro do ano seguinte. Contudo, também me convidaram a participar como voluntária da última ação que fariam naquele ano (outubro de 2017), para que pudesse perceber melhor o formato do projeto na prática.

Desde o primeiro contato até o término do estágio, foram efetuadas 6 ações de intervenção realizadas nas escolas do concelho de Vila Franca de Xira, tendo participado em uma como voluntária e em cinco como estagiária, envolvendo a participação de 19 turmas de 2º ao 6º ano, totalizando aproximadamente 448 alunos.

Apresento, em seguida, a tabela 2 que caracteriza sinteticamente as atividades em que participei enquanto estagiária.

Tabela 2: Dados das atividades realizadas no estágio.

Data	Instituição	Ciclo	Nº de Turmas	Nº. de Participantes
30/11/2017	Escola Básica nº 1 da Povoia de Santa Iria	1º Ciclo	5	125
21-02-2018	Escola Básica nº 4 da Povoia de Santa Iria	1º Ciclo	2	40
27-02-2018	Escola Básica nº 4 da Povoia de Santa Iria	1º Ciclo	2	45
28-02-2018	Escola Básica nº 4 da Povoia de Santa Iria	1º Ciclo	2	48
21-03-2018	Escola Básica nº 1 do Forte da Casa	1º Ciclo	4	90
07-05-2018	Escola Básica 2,3 de Vialonga	2º Ciclo	4	100

As atividades realizadas durante o estágio foram concebidas pela coordenadora, Dr.^a Joana Maia, mas organizadas e operacionalizadas em colaboração com a estagiária/investigadora, procurando definir estratégias de melhoria para o projeto “Vem calçar os sapatos do outro”.

Para uma melhor caracterização, enunciarei as tarefas realizadas ao longo do estágio e na sequência detalharei a ocorrência tendo como suporte as notas de campo elaboradas.

1. Leitura de bibliografia sobre o tema de estágio;
2. Leitura e análise do arquivo documental da instituição;
3. Acompanhamento a palestras sobre o tema;
4. Produção de materiais para o projeto;
5. Avaliação da adequação das condições físicas dos diferentes espaços escolares para a realização das ações previstas;
6. Organização dos materiais necessários no dia da ação;
7. Assistência aos membros da associação nos eventos realizados;
8. Apoio na organização e produção de atividades de ligação com a Comunidade-Xira Escolas;

Notas do trabalho de campo

O primeiro dia começa recheado de sensações, conosco carregamos medos, incertezas e curiosidades, pois estamos frente a frente com o “novo”, e não sabemos por certo o caminho a percorrer. Tudo será uma questão de tempo e de adaptação. Afinal, sair da nossa zona de conforto, da nossa “pacata gaiola”, é algo que requer coragem.

Na obra de Dostoiévski, “Os irmãos Karamazov”, há um trecho que fala exatamente sobre estes medos, que nos impedem de alçar grandes voos, e de perceber que a vida vai muito além deles.

“Somos assim: sonhamos o voo, mas tememos a altura. Para voar é preciso ter coragem para enfrentar o terror do vazio. Porque é só no vazio que o voo acontece. O vazio é o espaço da liberdade, a ausência de certezas. Mas é isso o que tememos: não ter certezas. Por isso trocamos o voo por gaiolas. As gaiolas são o lugar onde as certezas moram.”

A partir daqui, escreverei sobre este pequeno percurso que realizei de janeiro a maio de 2018, onde decidi enfrentar os meus medos e aprender com a prática dos erros, o que não fazer.

5.1. Apresentação e Caracterização das tarefas

Primeiro foram-me apresentados os membros integrantes da Mithós, e na sequência o espaço onde ia estagiar.

Tenho a referir que o espaço é pequeno para o número de pessoas, sendo que três delas utilizam cadeiras de rodas elétricas, ocupando um espaço maior que a cadeira comum, e no mesmo espaço, está instalada uma Biblioteca inclusiva, que dificulta ainda mais a locomoção das cadeiras no local. Por vezes, mesmo com todo o cuidado e habilidade que têm na condução das cadeiras, acontecem acidentes, como por exemplo, esbarrarem nas portas, deixar cair prateleiras ou caixas de livros que estão nos cantos e laterais da sala.

Contudo, mesmo com a limitação espacial do lugar e as limitações físicas dos integrantes, é notável o empenho com que realizam esse bonito trabalho.

Os primeiros dias foram para me adaptar e conhecer melhor o grupo com o qual eu ia realizar as ações na escola, lembrando que todos os envolvidos, exceto a Coordenadora de projetos, possuem alguma incapacidade.

Nesta primeira fase, interagimos à volta de conversas sobre temas variados, desde a vida profissional até a vida pessoal. Teixeira (2014, p.200), refere “a importância das relações interpessoais na vida de cada pessoa, pois melhorando as nossas relações com o outro compreendemos que cada um precisa ser respeitado de acordo

com as suas necessidades psicológicas, físicas, sociais”. E este contato inicial permitiu-me perceber um pouco do cotidiano de cada um, as suas limitações e potencialidades, para além de criar um vínculo mais afetivo, tornando o ambiente de estágio mais acolhedor.

- **Leitura de bibliografia sobre o tema de estágio.**

Após as apresentações, comecei por fazer algumas leituras de bibliografia referente à problemática do estágio, para um melhor entendimento e enquadramento da proposta.

Isto permitiu perceber com mais atenção, as leis de defesa e promoção dos direitos e interesses das pessoas com deficiência, o respeito pela liberdade das suas escolhas e as medidas de promoção da acessibilidade, fundamentais para o empoderamento e participação na vida em sociedade.

Na Associação, encontram-se disponíveis para a população alguns livros, jornais, revistas, cartilhas e *flyers* informativos de grande relevância, na tentativa de instruir, orientar e sensibilizar para estas questões tão importantes na área da deficiência.

- **Leitura e análise do acervo documental da instituição**

Na sequência da leitura bibliográfica, comecei a ler e a analisar os documentos da instituição, para compreender melhor a sua história, o seu desenvolvimento e os reais objetivos que sustentam e dão “vida” a estes inúmeros projetos que a Mithós tem realizado.

Os relatórios de atividades dos anos anteriores, proporcionaram-me uma boa noção dos eventos realizados e participados pela Mithós, demonstrando a sua grande contribuição por todo o Concelho de Vila Franca de Xira.

- **Acompanhamento a palestras e eventos sobre o tema**

A associação recebe muitos convites para participar em eventos, palestras e cursos de formação na área da inclusão e deficiência, assim tive oportunidade de acompanhar a Coordenadora numa discussão acerca do inquérito sobre “Perfil dos alunos à saída da escolaridade obrigatória”, realizado pelo Conselho Geral com 34 turmas da Escola Reynaldo dos Santos. Este documento está estruturado de acordo com Princípios, Visão, Valores e Áreas de Competências, relacionados com a ação educativa, ressaltando as competências que devem ser adquiridas pelo estudante no decorrer do percurso educativo.

Foi muito interessante e proveitoso comparar as respostas dos diversos ciclos letivos, e perceber que há muitas ideias em comum, o que se caracteriza como um processo de autonomização e instrumentação destes jovens para a vida em sociedade.

Durante o fórum, foi notável a interação dos alunos, sendo de extrema importância essa participação, pois a comunicação é um dos mecanismos mais relevantes na objetivação e concretização de um mundo mais inclusivo a ser construído.

A escola tem a função de “ensinar para o amanhã”, e será a partir dessas práticas de reflexão sobre o que eles acreditam e propõem para o futuro, que a escola deverá nortear os caminhos a serem percorridos, trabalhando principalmente a comunicação assertiva, trabalho em equipa, a inclusão, a solidariedade, a gestão de conflitos e principalmente, permitir e incentivar a voz, a opinião, as ideias da criança e do jovem, tendo ele uma deficiência ou não, e só assim, estaremos formando verdadeiros cidadãos para uma vida independente.

Particpei também, em conjunto com a Paula Sequeira e o Sérgio Lopes membros integrantes da Mithós, de um Colóquio Internacional intitulado por “Deficiência e autodeterminação: o desafio da vida independente”, que nada mais é do que a extensão daquilo que referi acima, pois a vida independente não é uma necessidade e possibilidade, apenas, das pessoas que não possuem deficiência ou incapacidade, e sim, de todos os que querem ter o controlo das suas vidas nas suas próprias mãos.

A vida independente significa “Todas as pessoas com deficiência terem a mesma escolha, controlo e liberdade que qualquer outro cidadão - em casa, no trabalho, e como membros da comunidade” (Barnes & Mercer, 2006 citado por Fontes, 2016, p. 33).

Nesse percurso participei num evento pioneiro realizado pela Câmara de Vila Franca de Xira e o Comité Paralímpico de Portugal, intitulado “Dia do Paralímpico”. O evento realizou-se no dia 27 de Abril, no Pavilhão Multiusos da Cidade e no Parque Urbano do Cevadeiro, com a participação dos alunos de 10 escolas do concelho e da Associação para a Integração de Pessoas com Necessidades Especiais, onde todos puderam experimentar oito modalidades de desporto adaptado, sendo elas: Atletismo, Basquetebol, Boccia, Orientação, Paraciclismo, Ténis, Ténis de Mesa e Tiro com Arco.

A Secretaria da Inclusão das Pessoas com Deficiência, Ana Sofia Antunes (a primeira pessoa cega a ocupar um cargo governativo em Portugal), esteve presente no local juntamente com o Presidente da Câmara, Alberto Mesquita e com a Vereadora da Cultura, Manuela Ralha (Presidente da Mithós e a primeira pessoa em cadeira de rodas com funções executivas numa câmara portuguesa), que participaram de várias modalidades.

Abaixo na foto podemos ver o Presidente da Câmara que participou em várias modalidades no evento, sendo essa o Paraciclismo com venda nos olhos. No seu discurso inicial, ele ressaltou que são estas iniciativas de sensibilização e o respeito pela diferença que tornam possíveis as condições para que todos possam praticar desporto.



Figura 13 - Presidente da Câmara de VFX, com venda a andar de bicicleta adaptada - Fonte: CMVFX

Na figura 14, o Presidente da Câmara e a Vereadora da Cultura numa disputa de ténis de mesa com cadeiras de rodas adaptadas para o desporto.



Figura 14 - Evento do Dia Paralímpico em Vila Franca de Xira - Fonte: CMVFX

- **Produção de materiais para o projeto**

- ✚ **Medalhas em Feltro**

A pedido da coordenadora tive de elaborar algumas “medalhas” em feltro, com o símbolo da associação, o sol, pois as mesmas seriam entregues aos alunos no final da ação, como forma de premiar a sua participação e o bom comportamento.



Figura 15 - Medalha de Feltro - O sol - Fonte: Arquivo pessoal

Sempre me interessei muito por trabalhos manuais, disponibilizando-me a fazer com alegria o prémio que seria entregue as crianças.

No período das compras dos materiais para confeção, levei comigo a Sandra, uma das colaboradoras da Associação, que utiliza cadeira de roda elétrica (motorizada) e ao fazer o trajeto com ela, passei a estar atenta a coisas que antes me eram indiferentes, como é o caso da falta de acessibilidade no comércio de Vila Franca de Xira, que por vezes, impediu que a Sandra tivesse acesso ao interior da loja, ficando à espera no passeio.

Na fase da produção, a ajuda foi menor, não por falta de vontade deles, mas por sentirem maior dificuldade na realização manual e por estarem envolvidos com outras tarefas da associação.

Durante o estágio, perdi as contas dos inúmeros dias que fiquei a confeccionar as medalhas, eram muitos alunos por ação, e sempre confeccionei em quantidade suficiente para sobrar, pois era visível a alegria que as crianças sentiam ao receber a medalha, que rapidamente colocavam ao pescoço como forma de mostrar a sua participação, e seria injusto que algumas delas não tivessem a sua medalha, por falta de empenho no meu trabalho.



Figura 16 - “Conjunto de Sóis” para ação na escola - Fonte: Arquivo pessoal

Quiz sobre rodas

Na primeira ação realizada na Escola Básica da Póvoa de Santa Iria, aconteceu algo diferente que chamou a nossa atenção, os alunos eram muito curiosos, respondiam com veemência às perguntas que lançávamos durante a apresentação, e quase todos colocaram o dedo no ar para perguntar alguma coisa.

Na segunda etapa, dividimos os alunos em dois grupos, onde um ficou com as atividades da Deficiência Visual e os outros foram para a mobilidade condicionada.

A motivação com que eles fizeram os jogos aplicados por nós foi impressionante, mas na parte da mobilidade, depois da orientação de como utilizar as cadeiras e experimentação das mesmas, os alunos ficaram com o tempo um pouco ocioso, a espera que a outra turma terminasse para fazerem a troca de posição nas atividades.

Isso chamou-nos a atenção e fez-nos pensar na possibilidade de criar uma estratégia para complementar esse espaço ocioso e, ao mesmo tempo, proporcionar uma participação mais divertida nessa atividade.

Daí nasceu, o “Quiz sobre Rodas” (Anexo 2), um jogo interativo de perguntas descritivas, imagens e respostas, onde um dos integrantes da Mithós organiza e orienta duas duplas em filas paralelas, que irão manusear a cadeira pelo percurso até chegar na outra ponta, onde estarão os outros dois integrantes da Associação com as perguntas na mão.



Figura 17 - Paula, Sandra e Hugo com Participantes Do Quiz sobre rodas - Fonte: Arquivo pessoal



Figura 18 - Professora, estagiária e Paula com alunos na sessão da mobilidade - Fonte: Arquivo pessoal

Depois da ideia, chegou a altura de construir o jogo, a minha coordenadora deixou-me responsável por criar perguntas e encontrar imagens que se associassem às questões da Mobilidade, Acessibilidade e Regras de Conduta no Trânsito.

Esta iniciativa, permitiu que o nosso objetivo fosse atingindo com sucesso, pois além de preencher o tempo da atividade, conseguimos fazer através do Quiz uma avaliação dos conhecimentos adquiridos pelos alunos durante a nossa apresentação, tornando um instrumento de avaliação importante no processo.

Como ressalta Freire (1989, p.47) ao dizer que “O trabalho de avaliar a prática jamais deixa de acompanhá-la. A prática precisa de avaliação como os peixes precisam de água e a lavoura da chuva”.

Vendas divertidas

Para que todo o projeto avance e consiga atingir resultados positivos, é necessário que se tenha em mãos materiais que viabilizem esse processo.

De acordo com Souza (2007, p.112-113), “[...] utilizar recursos didáticos no processo de ensino aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo a sua criatividade, coordenação motora e habilidade de manusear objetos diversos que poderão ser utilizados pelo professor na aplicação das suas aulas”.

No caso do projeto dos “sapatinhos”, utilizam-se muitos materiais lúdicos para as brincadeiras apresentadas durante a sessão, por exemplo na parte de trabalhar a deficiência visual, utilizamos uma venda para que as crianças possam experienciar a vida de uma pessoa cega. A venda acaba por ser um recurso fundamental e essencial para que a experiência aconteça.

Tendo em conta que o projeto já existe há alguns anos, e com o passar do tempo é natural que os materiais comecem a degradar-se, pude constatar, durante algumas ações, que os alunos se queixavam que o material das vendas lhes causavam comichões, e alguns até tiravam-na durante a atividade. Em outros casos, percebia-se que os alunos faziam “batotas”, pois o estado degradado das vendas permitia que vissem o que estavam a apalpar, dizendo por vezes até a cor do objeto que estava nas suas mãos.

Diante disso, pedi permissão a coordenadora para confeccionar 50 vendas para serem utilizadas nas ações.

Na intenção de ajudar a associação a poupar gastos, falei com uma costureira da cidade sobre o nosso projeto e a necessidade que tínhamos em fazer novas vendas, expliquei sobre o valor do feltro e ela prontamente disse que doaria um tecido fino para forrar a parte interna das vendas, eliminando assim a possibilidade de alergia aos olhos.

Assim nasceu uma parceria, a costureira forneceu o tecido e eu cortei-o nos moldes juntamente com o feltro e depois passou-se uma costura para alinhavá-los.

O trabalho tinha sido realizado com sucesso, mas ainda tinha uma questão a resolver, pois existia uma grande probabilidade dos alunos colocarem a venda do lado contrário, porque o forro só estava de um dos lados. Então tive a ideia de colocar “olhinhos” do lado externo da venda, facilitando a percepção sobre qual seria o lado de fora, além de deixá-la mais engraçada.



Figura 19 - Vendas para atividade relacionada a Deficiência Visual - Fonte: Arquivo pessoal

- **Acompanhamento as escolas para aferição do terreno para realização das ações**

Cada ação realizada nas escolas acontece mediante uma aferição do lugar, pois como já foi referido, os integrantes da Mithós na sua maioria possuem mobilidade condicionada, o que lhes confere a necessidade de o local ser acessível para a realização das ações.

Após acontecer este contato inicial entre as duas instituições, segue-se para uma segunda fase, sendo essa presencial. Acompanhei a coordenadora em todas elas, e chegando nas escolas fizemos primeiramente as apresentações e o reconhecimento do local, que envolve verificar a acessibilidade interna da instituição, onde realizar-se-á a apresentação dos integrantes e a sessão audiovisual. Na parte externa, verificamos as condições para entrada e saída das cadeiras de rodas, o nível do terreno e o espaço necessário para fazer a dinâmica da mobilidade condicionada.

Numa das escolas havia uma entrada que possuía um ressalto no piso, dificultando um pouco a passagem com as cadeiras. Noutra, encontramos uma rampa de acesso à biblioteca um pouco inclinada, mas com jeito foi possível adentrar e sair da sala com segurança.

Diante da falta de acessibilidade, que infelizmente ainda encontramos a nível de barreiras arquitetônicas, as escolas pelas quais passamos, estavam minimamente preparadas para a recepção. Não encontramos muitos obstáculos no que concerne à acessibilidade, todas possuíam casa de banho adaptada, rampas de acesso (com alguma inclinação) e também a participação voluntária dos funcionários da escola para ajudar, caso fosse necessário.

Esta fase da ação leva-nos a olhar para a acessibilidade, sendo ela sinónimo de aproximação, um recurso que irá possibilitar que cada aluno seja respeitado mediante as suas necessidades e preferências (Conforto e Santarosa, 2002). E a escola como veículo promotor da inclusão, torna-se o principal local de exemplo de condição, possibilidade e utilização dos seus espaços, que devem estar preparados para receber todas as pessoas, independente de suas limitações.

- **Organização dos materiais necessários no dia da ação**

Uma das minhas tarefas nas vésperas da ação era realizar a organização dos materiais táteis para a apresentação da deficiência visual, a separação do alfabeto Braille, das vendas, a confecção e organização dos sóis, a seleção dos panfletos informativos da Mithós que os alunos levarão para casa, a separação dos materiais de apoio, como canadianas, cadeiras de rodas, pinça, andador, tripé, que serão utilizados na apresentação da mobilidade condicionada.

No dia da ação logo pela manhã, deslocava-me até a Associação para que com a ajuda da Dr.^a Joana, colocássemos esses equipamentos dentro do carro dela, ou conforme a necessidade, no carro do Hugo (Assistente Social).

Chegados a escola, retirávamos todo o material do carro levando para os devidos sítios onde seriam as apresentações, o mesmo acontecia no término, onde o carro era novamente abastecido com os equipamentos até chegar à associação para descarregá-lo outra vez.

Esta etapa era um pouco desgastante, pois exigia muito esforço físico e a falta de voluntários comprometia ainda mais o processo, principalmente nesta fase em que a Dra. Joana se encontrava num período gestacional avançado.

- **Assistência aos membros da associação nos eventos realizados**

Como já foi mencionado, a Mithós participa de muitos eventos, e também realiza alguns, sendo que no período que lá estive, ajudei e participei na organização da Caminhada Solidária realizada pela Associação em comemoração ao seu aniversário.

O evento já acontece há 3 anos e na tentativa de fazer algo diferente e que envolvesse mais a comunidade, realizaram a III Caminhada Solidária seguindo-se um almoço de convívio.

Durante duas semanas, a associação esteve totalmente envolvida com as atividades relacionadas a caminhada, e neste período não realizamos nenhuma apresentação às escolas.

O trabalho foi dividido entre todos, sendo na primeira semana incumbida de acompanhar um dos membros da associação a fazer a divulgação nas ruas e a colagem dos cartazes convidativos pela cidade.

Neste tempo encontramos alguns fatores que não colaboraram muito, um deles o fator climático (dias ventosos) que dificultavam o manuseio da tesoura, fita cola e dos cartazes, deixando-me por vezes a correr atrás de papel pela rua. Noutros, os estabelecimentos permitiam-nos a afixação do papel, entretanto, não estavam aptos para receber o público da Mithós acompanhados das suas cadeiras motorizadas (inacessibilidade do local), o que condicionava mais uma vez o trabalho em equipa.

Na última semana fiquei responsável por separar os Kits para a caminhada, que contavam com um saco, um chapéu e uma t-shirt. Esta separação levou algum tempo, pois a associação já tinha algum material do ano anterior, mas como estavam guardados em caixas na arrecadação, exigiu novamente esforço físico, uma vez que e as limitações físicas deles, não permitiam maior ajuda.

A semana foi árdua, e na véspera ainda fui ajudar a encher os frigoríficos com as bebidas para o almoço.

No domingo (dia do evento), colaborei na entrega dos Kits e fomos caminhar pelas principais ruas da cidade. Estive em frente no cordão humano, com alguns amigos a levar o cartaz da Associação, depois paramos no largo da Câmara para alguns agradecimentos e também para uma pequena aula de Zumba que estava incluída no percurso. Foi um momento muito engraçado e descontraído, pois todos participaram com alegria.

No regresso, passamos pela Rua do Comércio e paramos nos Bombeiros de Vila Franca de Xira, onde se realizou o almoço de convívio em comemoração do aniversário da Mithós.



Figura 20 - Caminhada Solidária da Mithós em Vila Franca de Xira - Fonte: Jornal Voz Ribatejana



Figura 21 - Encontro dos participantes da caminhada Solidária - Fonte: Arquivo pessoal



Figura 22 - Estagiária e voluntários da Mithós no largo da Câmara de VFX - Fonte: Arquivo pessoal

- **Apoio e participação nas atividades de ligação com a Comunidade- Xira Escolas**

A PSP de Vila Franca tem realizado muitas parcerias com a Mithós, incluindo até algumas idas na escola na Apresentação do projeto dos sapatinhos.

Este ano tive a oportunidade de participar num evento promovido pela PSP, em parceria com a Câmara Municipal e o Agrupamento de Escolas Alves Redol e Professor Reynaldo dos Santos, que se realizou no Parque Urbano Dr. Luís César Pereira, em Vila Franca de Xira, o IV XIRA ESCOLAS, um evento repleto de atividades dirigidas ao público escolar.

O momento é destinado à promoção de lazer e bem-estar dos alunos, com atividades diversas como a dança, música, passeio à cavalo, *playground*, além das demonstrações da PSP e de várias entidades sociais, como por exemplo, a Mithós.

Cada entidade tinha o seu stand, com a exposição do seu trabalho. Nós da Mithós, fomos identificados com a t-shirt da associação e levamos os nossos panfletos informativos e balões com o logotipo. Há medida que os grupos escolares iam passando pela nossa tenda, apresentávamos brevemente a Associação e entregávamos os nossos panfletos, na intenção de orientar os alunos/pais/familiares sobre algumas informações na área da deficiência, para além de divulgar o projeto que realizam nas escolas.

Este convívio e parceria entre o meio social e a escola, é muito positivo, pois o envolvimento traz contributos de carácter socio escolar, que são primordiais na formação de uma sociedade inclusiva. Segundo Bezerra et.al (2010), é indispensável a existência de uma integração entre a escola e a comunidade, através do reconhecimento e valoração dos saberes extracurriculares e a efetivação de parcerias no trabalho educativo. Tais encontros favorecem o ensino aprendizagem dos alunos, através das experiências absorvidas nessa troca de contatos.



Figura 23 - Voluntários da Mithós no Xira Escolas -Fonte: Arquivo pessoal



Figura 24 - Alunos na Apresentação do IV Xira Escolas -Fonte: Arquivo pessoal

5.2. Análise reflexiva sobre a participação nas atividades

Durante as ações executei papéis diversos, pois o próprio projeto contempla diversas áreas da deficiência, e nem sempre existe a disponibilidade de voluntários para realizar uma sessão separada para cada área.

Assim, explicarei de forma sucinta como se desenvolvem as ações e qual foi o meu papel nelas. Utilizarei como guia os objetivos pré-estabelecidos no projeto da associação, sendo que a exposição será dividida em duas partes: a primeira teórica e a segunda prática.

PARTE 1

- Sensibilizar a população escolar para as questões da deficiência e trabalhar esta área como parte da diversidade humana;

Inicialmente, preparamos uma sala para realizar a primeira parte da ação, na maioria das vezes optávamos pela biblioteca, por ser um local que instiga a imaginação, indo além dos muros da escola e fugindo da rotineira sala de aula.

Para Pires (2017), a Biblioteca Escolar, tem por missão responder as necessidades do currículo dentro do processo de ensino aprendizagem, além de apresentar condições na colaboração dos objetivos sociais da escola, sendo uma forte aliada na promoção da inclusão dentro da diversidade e das suas relações com a comunidade.



Figura 25 - Apresentação inicial na Biblioteca da Escola - Fonte: Arquivo Pessoal

Neste lugar de descontração, inicia-se a ação com a apresentação da Associação e dos voluntários, em sequência é divulgado o título do Projeto, “Vem calçar os sapatos do outro”. O título por sua vez, chama a atenção, ao mesmo tempo que gera confusão, pois a expressão idiomática da frase, nem sempre é compreendida por todos os alunos, tornando essa, a questão principal de partida.

O que quer dizer este título?

As respostas são variadas, algumas crianças falam sobre aquilo que percebem, respondendo:

- É para calçar os sapatos do meu amigo!

Outros ainda levantam a questão: - Mas e se ele tiver chulé?

Alguns vão mais além e perguntam-nos: - Trouxeram-nos sapatos para experimentar?

No meio de diversas respostas, alguns conseguem ir direto à representação que a frase pretende trazer à tona, colocando o dedo ao ar e dizendo:

- Significa calçar os sapatos do outro para perceber o que ele passa.

Ou:

- Colocar-se no lugar do outro?

A partir de respostas como estas a equipa vai atingindo o seu primeiro objetivo, pois confronta o aluno a pensar no título do projeto e na proposta que ele vem trazer. Em si, o título ambiciona ter impacto diante dos intervenientes e transversalmente trabalhar o princípio da empatia que é fundamental para a inclusão da pessoa com deficiência na sociedade.

Segundo Rosenberg (2006), a empatia somente ocorrerá quando nos livramos das inúmeras ideias preconcebidas e das opiniões que temos a respeito das pessoas. Assim, urge a necessidade de desenvolver nas nossas crianças este entendimento, para que elas possam olhar o outro e as suas diferenças, com mais naturalidade, sendo solidárias e inclusivas.

E para que isso aconteça de uma forma mais alargada, Braga (2012) afirma que as escolas têm que ser reformuladas e a pedagogia tem que ser melhorada de forma a levá-las a responder positivamente à diversidade do aluno - vendo as diferenças individuais não como problemas a serem resolvidos, mas como oportunidades para enriquecer a aprendizagem.

No entanto, essa abordagem só será bem-sucedida em contextos em que haja uma cultura de colaboração e isso significa que o desenvolvimento de práticas inclusivas exige que as pessoas, dentro de um contexto específico, trabalhem juntas para abordar as barreiras à educação experimentadas por alguns alunos, utilizando práticas como essas, que colocam o outro a experienciar outras vivências.

Nessa mesma fase da ação, é apresentada uma curta-metragem de animação Espanhola, escrita e dirigida por Pedro Solís García em 2013, dobrado em Português do Brasil, intitulado, “Cordas”.

Este momento permite a reflexão sobre o sentimento, o valor da amizade e da diferença existente entre as crianças, a importância de ajudar uns aos outros nas suas dificuldades, trabalhando em equipa com espírito de apoio, a fim de tornar tais atitudes, fatores que promovam a mudança no quotidiano das pessoas.

Tanto na apresentação da equipa que na sua maioria estão em cadeiras de rodas, quanto na exibição do filme, foi possível perceber as diversas reações das crianças diante da “diferença”, afinal muitas não estão habituadas a lidar com o novo e deixam simplesmente transparecer sentimentos como medo, repulsa, pena, insegurança, amor. E diante de tais atitudes, mesmo que não intencionais, abrem-se brechas para a discriminação e o preconceito. “ Todo o espaço educativo que omite os valores contribui para aumentar o preconceito, o distanciamento em relação à diversidade do

“outro”, pois se não for trabalhado o fator diferença acaba por se tornar difícil a aceitação do outro por parte das crianças.”(Medeiros, 2016, p.32)

Desta forma o projeto dos sapatinhos trata de assuntos como a diversidade, preconceito e aceitação do outro, na busca de trazer para o cenário a diferença como evidência comum de uma sociedade marcada por pessoas e culturas distintas, que precisam ser respeitadas acima de tudo. Senra (2008, p.19) evidencia a importância de discutir isso nas escolas, de acordo com este autor, “É durante os seus anos de formação que as crianças adquirem o entendimento das diferenças, o respeito e o apoio mútuos em ambientes educacionais que celebram a diversidade humana “.

Abaixo segue um breve comentário de um aluno que participou da ação, reafirmando a necessidade de sensibilizar toda a comunidade escolar

“Gostei da experiência e acho que deveriam cá voltar, com mais tempo para cada atividade. Admiro as pessoas com todas estas dificuldades e que conseguem viver com elas, superando todos os obstáculos que se opõem. Todos somos iguais com diferenças apenas”. (Relato de um aluno – Anexo 3)

- Compreender que todos temos os mesmos direitos, nomeadamente o da igualdade de oportunidades e a uma vida digna;

Ainda na primeira fase também é visionado um PowerPoint (Anexo 4) onde são levantadas algumas questões sobre a deficiência. O que é? Tipos? Comportamentos de Risco? Como lidar? Direitos?

Procura-se chamar a atenção para os comportamentos indevidos, como consumo de drogas, mergulhos mal calculados, a não utilização do cinto de segurança e a negligência dos adultos com relação à bebida e condução, que podem trazer sérios danos na saúde e na sua vida.

Nesta perspectiva aborda-se também a questão das acessibilidades e da negligência que acontece todos os dias nas ruas e passeios, falamos da importância de uma sociedade mais inclusiva, que possibilite que todas as pessoas, com ou sem mobilidade condicionada, possam ir a qualquer lugar sem ter barreiras que o impeçam de ser livres.

Todo este enredo gera interação entre os participantes, e a partir deste contato, existe abertura para desmistificar algumas ideias de incapacidade da pessoa com deficiência, e falar de exemplos de luta e superação dentro da própria Associação, como é o caso, da Manuela Ralha, Campeã Nacional de Natação Adaptada e Vereadora de Vila Franca de Xira, da Paula Sequeira – Contabilista e Tesoureira, e do Hugo Sousa, Assistente Social.

Estas referências acabam por ser um indicador da capacidade que qualquer pessoa pode ter, se ela estiver disposta a enfrentar as suas dificuldades e lutar pelos seus direitos, na busca de atingir os seus objetivos como cidadão.

A presença dos voluntários com deficiência no projeto é uma forte aliada na percepção que as crianças e jovens podem ter em relação a superação, a luta pelos direitos e a concretização de metas.

Hugo Sousa relata em sua entrevista (Anexo 5) que a presença das pessoas com deficiência no projeto dos sapatinhos “(...) é o melhor indicador da nossa capacidade, pois mostra que por termos atingidos esses objetivos, e pelo percurso que tivemos, uns mais que outros, mas cada um a sua maneira, faz perceber a eles que apesar da nossa incapacidade, nós também conseguimos atingir os objetivos, e sermos válidos nessa sociedade”.

O projeto enquanto mecanismo de apoio à inclusão, tenta ajustar através da sua teoria os diversos objetivos a qual se propõe, de maneira a garantir através da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência o respeito e a participação que lhes são imputados por lei.

No âmbito escolar, as ações de sensibilização ou ações facilitadoras, possuem como objetivo sustentar o processo de inclusão, por meio da aprendizagem cooperativa e do trabalho em equipe em prol da construção de um ambiente acolhedor, onde se respeite e valorize a todos (Cappelini, 2003).

Ao criar este tipo de ambiente na escola, acaba-se por estimular reflexões que incidem nas maneiras de avaliação e no processo de aprendizagem dos alunos.

“Sinto-me honrada por esta experiência e espero que isto continue para se poder mudar a mentalidade em Portugal. Muito obrigada!” (Relato de um aluno – Anexo 3)

É importante que as ações visem estratégias de ensino que incentivem as potencialidades, as aptidões, os interesses e os desempenhos, para que os alunos de todos os ciclos as possam acolher, respeitar e integrar-se com a sociedade, pois a verdadeira missão é começar pela escola e espalhar estes valores para o mundo.

“Gostei muito da experiência! Espero que vão a outras escolas ensinar e alertar para o que nos alertaram”. (Relato de um aluno – Anexo 3)

Diante destas dicas, entregamos no final da ação um pequeno guia de boas práticas e o folheto de apresentação da Associação (Anexo 6), que irão orientar os alunos para algumas situações que possam presenciar junto de uma pessoa com deficiência e assim saberem lidar com tais situações de maneira simples e concreta.

De forma a perceber como as ações aconteceram e se os objetivos foram concretizados, achei interessante contruir uma tabela com os temas abordados, objetivos e alguns apontamentos realizados através da observação direta e avaliação geral desta fase 1.

Tabela 3 - Organização das sessões dos alunos - Fase 1

Parte 1 da ação	TEMAS ABORDADOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	OBSERVAÇÕES	AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Sensibilizar a população escolar para as questões da deficiência; • Compreender que todos temos os mesmos direitos, nomeadamente da igualdade de oportunidades e a uma vida digna. 	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Apresentação da equipa; ➤ Apresentação do projeto. • Definição do conceito de deficiência; • Exibição do curta metragem “Cordas”; • Apresentação de PowerPoint com questões acerca da deficiência, dos comportamentos de risco, das acessibilidades e de “Como lidar com a pessoa com deficiência”. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conseguir uma comunicação positiva com os alunos; • Perceber qual a abordagem que os alunos têm em relação à temática; • Dar a conhecer a temática e a tipologia das deficiências; • Expor exemplos de boas práticas na área da inclusão; • Dar exemplos de alguns mitos e desmistificá-los; • Proporcionar um momento de reflexão acerca da vivência de outras pessoas. 	<p>A apresentação da equipa chama sempre muito a atenção, pois os alunos ficam surpresos ao ver a maioria deles (grupo) em cadeira de rodas;</p> <p>Numa das ações foi necessário trocar alguns alunos de lugar por conta da conversa, para que fosse possível continuar com a apresentação;</p> <p>Na Escola da Póvoa de Santa Iria um dos alunos que inicialmente estava um pouco agitado ficou muito comovido ao ver a curta-metragem a ponto de chorar durante a exibição;</p> <p>Noutra apresentação um aluno perguntou a um voluntário se a doença que ele tem pega-se;</p> <p>Em todas as ações os alunos participaram e expuseram exemplos de pessoas que conhecem com</p>	<p>De forma geral, esta primeira parte das ações correu de forma positiva, as tarefas propostas foram realizadas seguindo os objetivos estipulados;</p> <p>Os alunos mostraram-se satisfeitos com a exibição do filme e do PowerPoint, uma vez que interagiram e participaram de toda essa parte inicial;</p> <p>Durante todas as ações muitas dúvidas foram retiradas, pois o assunto era novidade para muitos.</p>

			<p>deficiência ou incapacidade; Numa ação a coordenadora do projeto teve de chamar a atenção da professora que sempre respondia às perguntas feitas para os alunos;</p> <p>Nesta parte mais teórica é normal que haja mais conversa, mas os professores ajudam sempre a controlar a disciplina do local, para além que alertamos sobre a importância de ouvir a teoria, pois na sequência terá a prática e ali há dicas de como agir;</p> <p>Os alunos também me consideram diferente, pois percebem na minha apresentação que não sou portuguesa, e logo indagam;</p> <p>Em todas ações realizou-se essa parte inicial, exceto a última ação ocorrida na Escola em Vialonga que teve um formato um pouco diferente, cujo as atividades</p>	
--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

			estavam organizadas por ateliês, não ocorrendo essa parte 1 da ação, indo direto para a implementação da prática, havendo apenas uma breve apresentação do grupo.	
--	--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

PARTE 2

Como supramencionado, a segunda parte equivale a etapa prática da ação e o objetivo destas experiências é o de proporcionar empatia por parte de quem não tem este tipo de limitação, pela interação entre a pessoa com deficiência e o meio em que vive.

- Conhecer que existem diferentes formas de comunicar (Braille, Língua Gestual, Leitura fácil)

A voluntária e tesoureira da Associação, Paula Sequeira, realiza uma pequena introdução da área da deficiência auditiva, iniciando por uma pequena história de como surgiu a Língua Gestual Portuguesa, que antes não era constituída como língua. Na sequência com a ajuda de todos os voluntários ensinamos alguns cumprimentos básicos de uma conversa na Língua Gestual.

Oliveira (2016, p. 27), levanta uma questão importante ao sublinhar, “Vivemos num mundo construído para pessoas que ouvem. Mas como é que um mundo seria e se sentiria se fosse projetado para aqueles que não ouvem?” E com essa grande questão que levamos para o interior da escola e para a realidade de muitos alunos que não convivem com uma pessoa surda, o que é viver num mundo de sinais.

Depois de algumas brincadeiras e aprendizagens nesta área, dividem-se os participantes, uma turma irá fazer as atividades da deficiência visual e a outra vai experimentar as cadeiras de rodas com o pessoal da mobilidade condicionada, e posteriormente trocam.

Joana (coordenadora de projetos) com a ajuda de um voluntário (algumas vezes estive nesse papel) ficam com a sessão da deficiência visual, ensinando assim como abordar e ajudar uma pessoa nestas condições, apresenta o Alfabeto Braille para as crianças, e na sequência convida-os a fazer duas brincadeiras interativas. Sendo elas:

- Simulação de uma caminhada com vendas junto de um acompanhante;
- Adivinhar que objetos são com vendas.

É importante salientar que o projeto trabalha em prol das mudanças de atitude face à inclusão, e ao trazer propostas como essa colabora para tal, pois como bem visto por Parada (2014, p.15) “as atitudes não são inatas, mas são aprendidas através da interação com objetos sociais e de interação social”. Frisa-se a ideia do valor da construção dessas atitudes diante das experiências vivenciadas com o grupo, que a priori são “brincadeiras”, mas quando suscitar a verdadeira prática, serão levadas em conta.

Paula Sequeira na sua entrevista (Anexo 5), diz que o que lhe estimula no projeto é “Tentar que as camadas mais jovens se apercebam das diferentes realidades que existem na sociedade (...). Minha motivação é praticamente abrir as mentes para

serem adultos conscientes, no sentido que há muitas realidades a nível de mobilidade, a nível de motivação e a nível de imagem também.”



Figura 26 - Aluno a tatear o Alfabeto Braille
-Arquivo Pessoal



Figura 27 - Alunos na atividade com vendas -Arquivo Pessoal

As imagens demonstram a atenção do público, que procura orientar-se diante da complexidade da atividade, e de forma lúdica coloca a criança para experienciar as dificuldades.

- Desenvolver estratégias e competências que possibilitem o melhor relacionamento com a pessoa com deficiência e/ou incapacidade.

A interação entre as pessoas é fundamental para um desenvolvimento saudável em todas as fases da vida sendo ela fulcral na infância que é a fase que começamos a criar laços com outros meios que não são os familiares.

Para Medeiros (2016), a escola certamente é o local em que a criança fica o maior número de horas do dia e, portanto, um grande palco socializador, capaz de desenvolver estratégias e competências que promovam a diversidade dos alunos como recurso para o ensino aprendizagem e interação entre todos.

E nessa visão o projeto tenta trazer através do exercício da prática exemplos que possam melhorar o relacionamento com as pessoas com deficiência.

Na parte prática da ação, Sérgio, com a ajuda dos outros voluntários da equipa da mobilidade condicionada falam um pouco sobre a temática, mostram os principais materiais de apoio: cadeira de rodas, canadianas, pinça, andador e tripé, e ensinam algumas normas de segurança básicas para o manuseio das cadeiras.



Figura 28 - Voluntários falando sobre a Mobilidade Condicionada aos alunos - Fonte: Arquivo Pessoal

É importante destacar, que neste momento também se explica, que não são só as pessoas que estão em cadeiras de rodas que sofrem com a má acessibilidade, mas também, as pessoas idosas, com carrinhos de bebês, com bengalas, pessoas com incapacidades temporárias, para as crianças perceberem que existem incapacidades que não são para sempre, mas que existem momentaneamente, permitindo que todos os que estão nessa condição sofram os resquícios de uma sociedade que ainda têm barreiras arquitetônicas por todos os lados.

Hugo Sousa (Anexo 5) fala da sua ambição quanto as acessibilidades e espera para um futuro próximo que “As dificuldades que a minha geração passa (das pessoas com deficiência), a geração seguinte não tenhas que enfrentar, seja barreiras arquitetônicas, seja barreiras do acesso à informação, seja barreiras dos produtos de apoio, pronto... que seja tudo muito mais acessível.”

Segundo o livro *a Inovação na transformação da cidade* (2017, p.47), no país “existe quase um milhão de portugueses com dificuldade, ou até impossibilidade, de andar ou de subir escadas. Há cerca de 28 mil cegos e 27 mil surdos. Dados estatísticos demonstram que 65% da população tem 65 ou mais anos de idade, e que dessas pessoas cerca de 56% apresenta pelo menos uma dificuldade ou incapacidade”.

Tal estatística corrobora para a necessidade de consciencializar para esses dados, e nada mais justo que colocar os alunos para sentirem na pele a experiência de manusear uma cadeira de rodas num percurso com obstáculos.

Neste momento da atividade os alunos são separados em dupla para experimentar as cadeiras e participar do Quiz sobre rodas. Deixamos claro que a participação é facultativa.



Figura 29 - Alunas participando da atividade em cadeira de rodas - Fonte: Arquivo Pessoal

“Gostei muito dessa experiência, nunca pensei que fosse tão difícil para as pessoas com estas dificuldades motoras abrir uma porta ou descer um pequeno degrau. Adorei e valorizei cada minuto aqui passado.” (Relato de um aluno – *Anexo 3*)

“Com esta atividade experienciei a dificuldade que é andar de cadeira de rodas em edifícios mal feitos para isto. Foi divertido e espero que continuem com estas atividades.” (Relato de um aluno – *Anexo 3*)

A maioria dos alunos interessam-se pela atividade fazendo da prática um momento de descontração e de vivências diferentes das atuais. Em todas as ações que participei existiu sempre um aluno que se recusou a testar a cadeira, chamando a atenção pela expressão de medo contida em seu semblante.

Este tipo de comportamento é comum nas ações, pois muitos sentem medo diante do contato com o novo e com o diferente, outros já vêm de suas casas munidos de sentimentos de pena gigantescos ou com uma ideia pré-concebida de que a deficiência é uma anormalidade e que pode ser apanhada através do contato físico.

Infelizmente, o conceito da deficiência é complexo e ainda apresenta muitas barreiras a serem desmistificadas e a comunidade escolar com a ajuda de associações como a Mithós, pode ensejar a veiculação da informação nesse âmbito, começando com uma intervenção o quanto antes nas crianças, pois como sabemos, quanto menores são, menos preconceituosas também o são.

Já dizia Nelson Mandela no seu livro, *Long Walk to Freedom* (1995), “ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender, e se podem aprender a odiar, elas podem ser ensinadas a amar”.

No final da prática, entregamos um sol para cada participante como prêmio pela conclusão da ação e fazemos a troca das turmas para que todos possam participar das atividades da cegueira e da mobilidade.

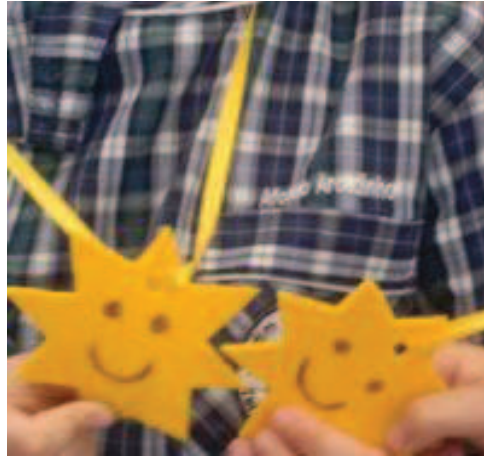


Figura 30 - Alunos com medalha de participação - Fonte: Arquivo Pessoal

A minha participação durante as ações como foi referido na descrição, foi realizada em todas as áreas, procurei assim estar presente junto de todos os voluntários para obter a melhor perceção do trabalho que é feito, observando as dinâmicas e a forma como conduziam as atividades, além de colaborar na execução de todas elas de maneira diversificada.

No seguimento, apresento a segunda tabela com os temas abordados, objetivos e alguns apontamentos realizados através da observação direta e avaliação geral da fase 2 - prática.

Tabela 4: Organização das sessões dos alunos - Fase 2

Parte 2 da ação	TEMAS ABORDADOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	OBSERVAÇÕES	AVALIAÇÃO
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer que existem diferentes formas de comunicar (Braille, Língua Gestual, Leitura fácil); • Desenvolver estratégias e competências que possibilitem o melhor relacionamento com a pessoa com deficiência e/ou incapacidade. 	<ul style="list-style-type: none"> • Definição do conceito de Deficiência Visual e da Língua Gestual Portuguesa; • Definição do conceito de mobilidade condicionada; • Exposição e explicação dos materiais de apoio; • Instruções de como utilizar a cadeira de rodas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conseguir uma comunicação positiva com os alunos; • Perceber qual a abordagem que os alunos têm em relação às temáticas; • Expor exemplos de boas práticas na área da acessibilidade; • Proporcionar um momento de reflexão acerca das experiências; • Promover mudanças de Atitude face aos novos conceitos adquiridos e as novas experiências vividas. 	<p>Na parte prática a maioria dos alunos ficam eufóricos para participar logo;</p> <p>Diante da dificuldade da prática com as vendas, alguns alunos usam de “batota” para adivinhar os objetos;</p> <p>Numa das ações da mobilidade condicionada nos deparamos com uma situação relevante, onde uma aluna disse aos prantos que não iria sentar-se ali (cadeira de rodas);</p> <p>Noutra, uma professora ao ver a recusa do aluno, tentou obrigá-lo a experimentar o material de apoio;</p> <p>Um aluno questionou-nos se ele sentasse na cadeira de rodas teria possibilidades de pegar a mesma doença;</p> <p>Nesta parte prática há uma certa desorganização ao fazer as filas</p>	<p>De forma geral, a segunda parte das ações correu de forma positiva, as tarefas propostas foram realizadas seguindo os objetivos estipulados;</p> <p>Na sua maioria os alunos mostraram-se satisfeitos com as atividades práticas de modo que interagiram e participaram com gosto;</p> <p>É interessante o carinho com que os alunos tratam a equipa na hora da despedida, e é perceptível que as ações deixaram frutos positivos na escola.</p>

			para experimentar os materiais de apoio e organizar a brincadeira da deficiência visual, para além de ter que orientar o tempo que é curto para cada atividade.	
--	--	--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

5.3 Entrevista aos professores

Foi elaborado um guião de entrevistas semi-directivas (Anexo 7), tendo por base alguns objetivos que serão descritos abaixo:

- Conhecer as interpretações dos professores sobre o processo de inclusão;
- Conhecer as opiniões sobre a ação realizada na sua escola através da Associação
- Recolher dados acerca do impacto das ações nos alunos;
- Conhecer as opiniões sobre o papel da relação escola-sociedade para a inclusão.

Antes da aplicação do instrumento aos professores, realizou-se os esclarecimentos sobre a natureza da pesquisa e da confidencialidade das suas declarações.

As entrevistas foram realizadas dentro da escola e aplicada a 6 professores, individualmente e registadas num gravador, e posteriormente transcritas (Anexo 8).

E com o intuito de facilitar a perceção e respostas dos depoimentos dos professores a entrevista, contruímos um quadro síntese com as questões levantadas e as suas respetivas respostas, sendo os professores designados pela sigla P1, P2, P3, P4, P5 e P6.

Tabela 5: Síntese das entrevistas aos professores.

Entrevistado Questões	P1	P2	P3	P4	P5	P6
1. Como vê a Inclusão nos dias de hoje?	É com muito agrado que reparo que a sociedade em geral está cada vez mais preocupada com a inclusão. Certamente existe um grande caminho a percorrer, mas penso que estamos no bom caminho.	Creio que há um esforço da sociedade para a inclusão, mas é um duro caminho a percorrer, (...)	Melhor do que há 30 anos. Hoje esta é uma palavra que se ouve todos os dias, (...) a sociedade está mais sensibilizada. Nas escolas e nas empresas, ainda há caminho a percorrer. (...)	Existe muito pouca formação para que todos, nas nossas vidas, possamos adotar atitudes mais inclusivas e de respeito e até mesmo celebração das diferenças.	Faz parte do crescimento e da relação com os outros. Podemos e devemos coexistir harmoniosamente.	Para que este conceito possa ser verdadeiramente concretizado é muito importante uma sensibilização a toda a comunidade educativa para que se consiga perceber /admitir a diferença entre os alunos, valorizando-os todos da mesma forma e não os ver como problemas que têm que ser resolvidos.
2. Na sua opinião quais são os principais desafios que se colocam à comunidade escolar no	A falta de recursos humanos é uma problemática (...) Também o que se refere às adaptações necessárias no espaço físico das nossas escolas (...).	A adaptação dos espaços físicos, a maior sensibilização dos alunos e a formação adequada dos profissionais da escola.	Conseguir gerir a diversidade. Os discentes chegam à escola oriundos de várias culturas, diversos níveis socioeconómicos, valores,	(...) são em termos da formação não só dos professores em geral, (...) como de técnicos e auxiliares. (...) Facilitamos, para incluir, em vez de adaptarmos para que	Na maioria das vezes, as barreiras arquitetónicas são um obstáculo enorme (talvez o principal desafio).	Conseguir-se uma grande transformação não só ao nível da escola (pedagógica, curricular) mas no fundo ao nível de toda a sociedade.

domínio da inclusão?			comportamentos disruptivos, deficits de diversas ordens, etc...	todos possam aceder em equidade.		
3. Do seu ponto de vista, as atividades de sensibilização colaboram para a promoção de uma escola inclusiva?	Obviamente que sim. Este tipo de ações são fundamentais para despertar consciências e alertar as nossas crianças para uma realidade bem próxima de todos nós.	Certamente, estas ações sensibilizam e fortalecem formas de estar e agir com o outro.	Sim, com atividades de sensibilização vamos contactando com situações diversas, (...) conduzem à reflexão tanto no espaço da sala de aula como em contextos informais.	A sensibilização é apenas um primeiro passo, perceber que existem pessoas diferentes, que funcionam ou comunicam de forma diferente, mas com a mesma legitimidade que todos nós. (...)	Sim, de um modo geral as ações de sensibilização são um contributo positivo.	Sem dúvida que contribuem bastante para a promoção de uma escola inclusiva.
4. Acha que as atividades realizadas são coerentes com o nível de compreensão e interesse dos alunos?	Sim, as atividades realizadas foram muito bem selecionadas e bastante coerentes tendo em conta a população alvo.	São coerentes pelo dinamismo e pertinência com a qual tratam o assunto.	(...) os alunos se envolveram; colocando questões, mostraram curiosidade e participaram com entusiasmo, experimentando.	Sim, as atividades são aprofundadas à medida do nível de maturidade de cada grupo.	No que diz respeito ao grupo que beneficiou das atividades, foi interessante e produtivo.	Sim, penso que são adequadas ao seu nível.
5. Acredita que desenvolver projetos de sensibilização	Quanto mais cedo iniciarmos este processo de sensibilização para a inclusão, melhores	Completamente de acordo, dado que a intervenção precoce fomenta/cimenta valores e atitudes e	Sim, desde que as atividades sejam adaptadas à faixa etária.	Acredito que aprofundar a temática da diversidade na formação de	Seria o ideal.	(...) é importante desde cedo as crianças serem sensibilizadas para a diferença e irem

<p>desde o pré-escolar facilitaria as práticas de inclusão?</p>	<p>resultados obtemos.</p>	<p>comportamentos.</p>		<p>professores seja essencial, para que todos possam praticar no seu dia-a-dia. (...) Depois é engraçado ver como os meninos dessas idades, por norma, não percebem bem o que é deficiência (...).</p>		<p>percebendo que isso até não é mau, pelo contrário, só nos enriquece</p>
<p>6. Acredita que através das ações os alunos se tornarão agentes contra as atitudes discriminatórias dentro da escola e na sociedade?</p>	<p>As crianças são muito justas e assertivas, quando sentem que algum colega está a ser discriminado são os primeiros a reagir e quanto mais forem sensibilizados para o combate à discriminação, mais força terão as suas atitudes.</p>	<p>De fato, estas atividades até deveriam ter continuidade, a fim de amadurecer uma verdadeira inclusão.</p>	<p>Penso que é uma boa ajuda, mas tem de haver da parte das escolas e famílias, uma prática diária e mais ações de sensibilização.</p>	<p>Sim, aquilo que se pretende é que possam desde cedo olhar com um olhar crítico para a sociedade e perceber que de hoje para amanhã serão eles os arquitetos, professores, médicos, rececionistas (...)</p>	<p>Sim, tudo se educa! Os comportamentos desadequados, por vezes, devem-se a falta de “bons exemplos”.</p>	<p>Penso que se conseguirem perceber as características de cada um, mais facilmente lutarão contra atitudes discriminatórias.</p>
<p>7. Identificou alguma reação dos seus alunos que despertou sua atenção, durante ou depois da apresentação do</p>	<p>Sim. Para além dos comentários que observei os alunos a fazerem com outros colegas que não estiveram na atividade, verifiquei que faziam nos intervalos alguns</p>	<p>Inicialmente houve algum “gozo”, mas assim que se colocaram nos “sapatos do outro” compreenderam imediatamente as dificuldades que as pessoas com</p>	<p>A memória com que fiquei foi bastante positiva da ação, os alunos participaram, mostraram interesse e satisfação.</p>	<p>Alguns alunos, rejeitaram experimentar as cadeiras de rodas. (...). Mas só o facto de ver que a maioria dos colegas experimentam, já contribui para a</p>	<p>Aparentemente, foram aceites as atividades com toda a naturalidade, participaram e mostraram agrado.</p>	<p>Gostaram sobretudo da língua gestual. Creio que não tinham bem a noção que é possível comunicar tudo através de gestos. (...)</p>

projeto?	dos “jogos” que realizámos durante a atividade, o que é bastante interessante e positivo.	deficiência enfrentam na vida real.		construção de uma imagem positiva do projeto.		
8. O valor da diferença a partir de exemplos como os apresentados na ação do “Vem calçar os sapatos do outro” colabora para a prática da empatia nos alunos?	(...) contribui muito para uma interação saudável e positiva entre os alunos.	Com certeza, num primeiro momento porque vêm pessoas “diferentes” à escola, por outro lado participam e interagem com elas.	Sim. A interação foi bastante positiva.	Acho que através da oportunidade de se relacionarem de forma positiva com pessoas com deficiência (...), vão percebendo que são pessoas que têm capacidades, que têm talentos como toda a gente.	Sem dúvida.	Sim.
9. Quais os aspetos que considera mais positivos no projeto?	Despertar de consciências... O fato de serem pessoas com deficiência a dinamizar as atividades com grande empenho e muito boa disposição.	Possibilitar a experimentação pelos alunos das limitações e dificuldade do outro. A interação entre as crianças “ditas normais” com as pessoas com deficiência (...).	(...) evidenciar o fato de serem pessoas com incapacidade a darem a “cara” e a serem exemplos de superação.	(...) é o facto de trazer visibilidade a uma realidade muitas vezes escondida e perceber que existem pessoas diferentes de nós.	A presença dos colegas (que nos visitaram com suas cadeiras de rodas), as “histórias” /situações que partilharam.	Ensinar a valorizar e respeitar todas as pessoas (...).

<p>10. Acha importante a relação do meio social com a escola na implementação de práticas de educação inclusiva? Porquê?</p>	<p>Sim é fundamental. (...) O mundo hoje é global e é importante os alunos sentirem que a escola não é uma instituição fechada, mas sim uma “casa” aberta a atividades, projetos e parcerias com o meio envolvente.</p>	<p>Sim, dado que compete à sociedade envolver-se na inclusão dos seus cidadãos, e a interação entre a escola e o meio social é fortalecida com a implementação destas ações.</p>	<p>(...) Se o meio social ajudar à promoção de valores como a solidariedade, tolerância, responsabilidade, liberdade, inclusão... a escola (diga-se alunos) sairá reforçada na sua missão.</p>	<p>As escolas são cada vez mais lugares fechados ao exterior, (...) seja por questões de segurança, logística, por falta de recursos, de pessoas (...). Por isso, acho importante que venham até à escola exemplos da comunidade, perceber o que fazem nas suas vidas, nos seus empregos, como funcionam as coisas.</p>	<p>Sim, a escola como entidade incluída no meio, deve estar desperta para todas as necessidades do meio “existente”, de modo a preparar melhor os pequenos cidadãos que a frequentam.</p>	<p>Sim, se todos trabalharem com o mesmo objetivo e para o mesmo fim, é mais fácil chegar-se à meta, neste caso à verdadeira inclusão</p>
-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Este instrumento por sua vez mostrou-se relevante para a avaliação do projeto, e esta questão da avaliação é o que me leva ao próximo ponto, o dos resultados.

5.4 Análise das entrevistas

Com base nos resultados obtidos nas entrevistas realizadas aos professores, fez-se a interpretação das respostas com vista a verificar as que possuem uma maior frequência, e a partir destas formar posteriormente categorias.

Partindo da questão número 1, que diz respeito à visão dos professores sobre a inclusão nos dias de hoje, percebemos que existe uma divisão de opiniões, se por um lado existiram avanços significativos no que concerne à educação inclusiva e é importante que toda a sociedade esteja disponível para aceitar e trabalhar com as diferenças, por outro, ainda existem muitas barreiras e muito se fala de educação, mas na verdade não se a pratica.

Na questão número 2 focámos-nos nos desafios que a comunidade escolar encontra e as respostas centraram-se nos mesmos pontos relevantes, tais como a falta de recursos humanos, falta de formação de professores e pessoal especializado e ainda a falta de adaptação das escolas, no que diz respeito à sua arquitetura.

Por sua vez no que se refere à questão número 3, que pretendia saber a opinião dos professores sobre o contributo das atividades de sensibilização para a promoção de uma escola inclusiva, todas as respostas apontam no aspeto positivo de que de forma geral estas ações de sensibilização são um contributo valioso para a educação inclusiva.

Todos os professores concordaram que o nível de coerência das ações e de perceção dos alunos (questão número 4), é positivo, indicando que os conteúdos e a forma como estes foram expostos se adequava à população alvo.

Na questão número 5, foi realizada a seguinte pergunta: Acredita que desenvolver projetos de sensibilização desde o pré-escolar facilitaria as práticas de inclusão? As respostas são unânimes, pois todos afirmaram que quanto mais cedo se iniciarem projetos de sensibilização para a inclusão, melhor será. No entanto, mencionam a importância de existir uma prática diária por parte das escolas e famílias. Também na questão 6, as respostas apontaram que é possível “mudar” comportamentos, desde que as crianças sejam ensinadas desde pequenas a ter um olhar crítico e sensibilizadas para o combate às desigualdades e discriminação.

As questões 7, 8 e 9 dizem respeito ao impacto das ações nos alunos, os professores verificaram um misto de emoções nos seus alunos, desde inicialmente medo, vergonha e até gozo perante o projeto “Vem Calçar os Sapatos do Outro”, mas que ao longo da ação de sensibilização se foram alterando e o que era desconhecido passou a tornar-se importante, os alunos mostraram verdadeiramente interesse nas atividades, levantando questões pertinentes e mostrando querer saber mais sobre as temáticas abordadas. Consideraram também que as atividades proporcionaram uma interação saudável entre os miúdos, sendo que ainda replicam alguns dos jogos no recreio.

Ainda na questão 9, apontaram positivamente o projeto, e destacaram o fato de serem pessoas com deficiência a dinamizar as atividades com empenho e boa disposição, o que se traduz numa interação positiva entre crianças sem incapacidade ou deficiência com as pessoas com incapacidade. Acreditamos que as crianças ganham outra perceção diante das dificuldades que estas pessoas vivem no dia a dia, porque por mais que a parte teórica deste projeto seja interessante, é através da parte prática e do experienciar algumas das dificuldades, que é permitido às crianças ter uma perceção do que é por exemplo, ser cego e respeitar a individualidade de cada um. Sabemos que as crianças aprendem por imitação e modelagem de comportamentos e este projeto permite mudar as atitudes e comportamentos face à pessoa com deficiência.

Segundo Stainback e Stainback (2008), o propósito da inclusão não é eliminar as diferenças, mas sim conceder que todos os alunos pertençam a uma comunidade escolar que valoriza a sua individualidade.

Na última questão (10), levanta-se a importância da relação entre o meio escolar e o meio social, sabendo nós que a educação é um dos mais importantes pilares da cidadania, à responsabilidade da sociedade junta-se a da escola que, para além da dimensão de educação escolar assume também uma dimensão de educação para a cidadania e, por esta via, adquire um papel de extrema importância social. Os resultados obtidos apontam nesse mesmo sentido, na necessidade da escola não ser um lugar fechado, mas sim uma “casa” aberta a atividades, projetos e estabelecimento de parcerias. Aliás só existem resultados positivos na parceria entre escola e comunidade.

De acordo com Sousa (2011) o princípio da inclusão consiste no reconhecimento e na urgência de criar escolas para todos, que incluam todas as pessoas, mesmo aquelas consideradas “diferentes”, e que as suas diferenças sejam aceites, procurando-se apoio para a sua aprendizagem. Na ideia de escola inclusiva não há ninguém fora, todos estão dentro, num meio o mais normalizado possível.

Em síntese, a análise das entrevistas permitiu identificar opiniões positivas sobre o contributo das atividades implementadas para a promoção de atitudes e comportamentos mais inclusivos, realçando-se a importância de projetos como o do “Vem calçar os sapatos do outro” para a interação entre a escola e meio social. Emerge, assim, uma necessidade de dar continuidade à implementação de programas assentes em alguns dos pressupostos subjacentes ao projeto descrito neste trabalho.

Considerações Finais

Nos dias de hoje, torna-se cada vez mais pertinente consciencializar as pessoas para as questões da deficiência e da necessidade de sociedades inclusivas, na qual todos, independentemente das suas limitações, convivam e partilhem dos mesmos espaços de maneira justa. Este projeto da associação Mithós, vai às escolas com o objetivo de consciencializar a população estudantil, através de atividades que proporcionam espaços de interação e experientiação nestas questões.

Palácios (1995) afirma que a escola, para além da família, é a instituição social que maiores repercussões traz a criança. Assim, não só favorece a transferência do conhecimento científico, mas influencia o processo de socialização e individuação da criança, suas habilidades afetivas, participação e aquisição de competências comunicativas e da construção da sua identidade.

A interação feita entre alunos possibilita a perceção de diferenças interpessoais, as realidades e experiências distintas que cada criança traz do ambiente familiar, a forma como lida com o diferente, os preconceitos e a dificuldade em aceitar o outro como ele é. Todos os alunos inseridos no ensino regular comum devem ser orientados quanto à questão da deficiência e às formas de convivência que respeitem as diferenças. Entretanto fazer com que cada um compreenda, respeite e conviva com o diferente, não é tarefa simples, mas não impossível de ser realizada. Facilitar o processo de compreensão e respeito a todas as pessoas com deficiência é um ato de cidadania.

Para Mantoan (2005, p.24), inclusão é a nossa capacidade de entender e reconhecer o outro e, assim, ter o privilégio de conviver e compartilhar com pessoas diferentes de nós.

Segundo Leitão (2000), o sistema educativo não acompanhou as mudanças que ocorreram em contexto escolar, no que diz respeito à diversidade de respostas que decorrem da diversidade das realidades, o que se tornou num verdadeiro desafio. Teria de existir uma intervenção centrada na própria criança (Bronfenbrenner, 1996). Desta forma é importante realçar o modelo ecológico de Bronfenbrenner e os seus sistemas, de forma sucinta.

Para Bronfenbrenner (1996), o desenvolvimento é visto como um produto resultante da interação entre o indivíduo que se encontra em desenvolvimento, e o meio em que este se insere. E de forma a estudarmos o indivíduo e para melhor compreendermos o seu desenvolvimento, temos de o estudar nos diferentes meios ou ambientes em que se insere. Seguindo esta linha de pensamento, o autor identifica alguns ecossistemas, sendo eles:

O microsistema é o ambiente imediato que contém a pessoa em desenvolvimento. Consiste num padrão de relações da pessoa em desenvolvimento com outras pessoas, objetos ou símbolos. Estas relações caracterizam se por ocorrer face a face

(Bhering & Sarkis, 2009). Este ambiente pode ser assim constituído pela família, escola, amigos e envolve as relações próximas com as pessoas que constituem esses grupos, pais, irmãos, professores ou colegas de escola, no fundo é um sistema onde a criança recebe os primeiros cuidados essenciais ao seu desenvolvimento (Sousa, 2011).

O mesossistema trata das relações entre dois microsistemas nos quais a pessoa atua de maneira ativa. Essas interconexões existentes entre os microsistemas são tão importantes para o desenvolvimento quanto os eventos que ocorrem nos microsistemas.

No exossistema a pessoa não participa diretamente no seu desenvolvimento, mas acaba por ser influenciado por ele, pelos tipos de ambientes que consistem em ecossistemas, que podem ser, por exemplo: o local de trabalho do pai, a escola (Martins & Szymanski, 2004). De acordo com Sousa (2011), "O macrosistema consiste no padrão de características do micro, meso e exossistema de uma dada cultura, subcultura ou outra estrutura social. Aqui há um interesse principalmente no que se refere aos sistemas de crenças, recursos, oportunidades, estilos de vida, opções de curso de vida e padrões de mudança sociais inseridos nos sistemas."

Assim uma lacuna ou aspeto a melhorar neste projeto, seria o de envolver também as famílias das crianças, abrindo espaço para que elas conheçam os objetivos do projeto e recebam formação nessa área, pois percebemos a importância que este projeto tem na comunidade educativa e na região de Vila Franca de Xira e percebemos que é importante consciencializar atempadamente as crianças para esta temática da deficiência, o próprio feedback obtido pelas ações e entrevistas aos professores, apontam isso mesmo (Anexo 8). No entanto, não existe um trabalho em que una os ecossistemas nos quais a criança está envolvida.

Pensar na inclusão envolve uma planificação e ação sistémica que dinamizem mudanças concertadas nos quatro sistemas ecológicos identificados por Bronfenbrenner.

Outro fato importante a destacar é a participação de Vila Franca de Xira na área da inclusão, pois é visível que o município procura colmatar as falhas existentes nesse âmbito, fazendo parte das cidades inclusivas. Mas mesmo diante do envolvimento do município e da associação Mithós Histórias Exemplares ter uma participação ativa no Eixo 1- Família e Comunidade -1.3 área de intervenção das pessoas com deficiência e incapacidade, como está referido no Plano de Desenvolvimento Social de Vila Franca de Xira 2015-2020; na prática o que pude constatar é que a falta de recursos humanos, nomeadamente a de voluntários e de materiais impede que este projeto seja mais abrangente.

Nas ações que foram desenvolvidas, seria importante a participação de mais voluntários, no entanto o que se constatou é que nem sempre existia partilha de informação atempadamente sobre as ações que seriam desenvolvidas e em que

escolas seriam realizadas, o que condicionava por vezes a presença dos voluntários nos dias agendados das ações. Igualmente por não se delegarem tarefas, não se realizaram mais ações de sensibilização, uma vez que a coordenadora do projeto estava na reta final da sua gravidez.

O maior obstáculo sem dúvida é a falta de partilha de informação e de divulgação do projeto.

Ao longo destes meses de estágio na Mithós Histórias Exemplares, existiu a necessidade de enriquecer os conhecimentos, no que se refere à prática. Assim, foi deveras importante munir-me de um maior número de utensílios e ferramentas de intervenção de forma a intervir e interagir adequadamente com as crianças e pessoas com deficiência.

Tentei sempre dar o melhor de mim e trazer ideias inovadoras ao projeto, como por exemplo a avaliação das ações de sensibilização, que antes da minha presença não eram avaliadas. Segundo a Dra. Joana Nogueira *“A Estagiária mostrou-se sempre empenhada, curiosa em aprender e no fim teve algumas iniciativas no sentido de contribuir e inovar para as Ações de Sensibilização desenvolvidas no projeto, com propostas de mecanismos de avaliação da satisfação, apresentando estratégias para agilizar procedimentos e, especialmente, na elaboração de materiais necessários para a sua realização”* (Anexo 9).

De todas as observações que fiz, quer na associação Mithós Histórias Exemplares, como fora dela nas escolas onde dinamizamos as ações, é notória a importância deste projeto para a comunidade, no entanto a falta de partilha de informação e falta de organização do projeto em si condicionam e muito o sucesso do mesmo.

A avaliação das ações de sensibilização, por exemplo, era realizada esporadicamente, o que condicionou e muito os resultados obtidos nas ações de sensibilização anteriores (as quais não participei). No entanto, uma grave lacuna é a da monitorização contínua do projeto, como sugestão deveriam existir avaliações intercalares; reuniões de equipa realizadas semanalmente com o objetivo de ultimar as atividades a realizar e avaliar as executadas até então, e trocar experiências sobre a aprendizagem adquirida nas sessões e resolução de problemas na condução das mesmas. E após as ações de sensibilização reunir com os professores e alunos, aplicar as entrevistas ou questionários de avaliação de satisfação e de impacto e elaborar posteriormente relatórios mensais ou semestrais de evolução do projeto, de forma, a perceber se os objetivos estão a ser cumpridos, uma sugestão de critério para avaliação positiva seria a realização de pelo menos 80% das ações previstas. Também se deveria avaliar se as ações desenvolvidas estão bem-adaptadas à população alvo e se os recursos humanos são suficientes.

Igualmente a equipa técnica que está “por trás” do projeto, deveria ser avaliada, nomeadamente quanto ao seu trabalho, ao seu nível de satisfação com o seu trabalho e com o dos outros. Deveriam estar bem explícitas qual o papel de cada um dos

intervenientes nas ações de sensibilização, de forma, a na prática se saber efetivamente com quem se pode contar.

Estas avaliações apesar de serem árduas, só iriam enriquecer o projeto, pois a Associação Mithós Histórias Exemplares, teria resultados estatísticos para apresentar não só à câmara Municipal de Vila Franca de Xira, mas também às restantes câmaras dos concelhos limítrofes, o que poderia ser uma mais valia para expandir o projeto a outras escolas.

Contudo, foi notável que a minha participação foi muito mais para além do estágio, criei laços e penso que cativei e incentivei as pessoas à minha volta a superar as suas dificuldades, tive o privilégio de ser assistente pessoal da Paula Sequeira e acompanhá-la numa viagem ao Porto “(..)conhecer a Ribeira no Porto, a Rua das Flores, passamos perto da Torre dos Clérigos, atravessamos a Ponte D. Luís por duas vezes uma no tabuleiro inferior outra pelo tabuleiro superior (..)” (Anexo 10).



Figura 31: Estagiária e Paula numa viagem ao Porto - Fonte: Arquivo Pessoal Arquivo Pessoal

Esta viagem abriu ainda mais os meus olhos para as dificuldades que uma pessoa com incapacidade tem em termo de locomoção nas ruas e nos transportes públicos. Juntas crescemos, aprendemos e superamos dificuldades, para mim foi um enorme orgulho proporcionar estes momentos à Paula e enriquecer enquanto pessoa e futura profissional, segundo a Paula Sequeira “Apesar de estas vivências não terem sido em contexto escolar penso que serviram de aprendizagem para ela de futuro poder trabalhar no contexto escolar a consciencialização das gerações futuras para estas temáticas pois qualquer cidadão pode ao longo da sua vida ter algum tipo de incapacidade.” (Anexo 10)

Posso assim concluir, que os conhecimentos que adquiri durante estes quatro meses, o modo como fui acolhida e integrei o serviço, superaram sem dúvida as minhas expectativas e objetivos pessoais que foram formados ao longo destes anos de curso. Igualmente os objetivos propostos no início deste estágio, como o de conhecer a dinâmica da instituição, neste caso da Mithós Histórias Exemplares, o de intervir de forma colaborativa nas atividades e o de conseguir fazer uma análise crítica, foi cumprido com sucesso, no entanto “soube” a pouco, e nesta área de intervenção social para a educação, ainda muito há a fazer. É importante que as escolas promovam projetos na área da inclusão e que os divulguem, pois só assim se formaria uma rede de inclusão, proporcionando que os exemplos de projetos de sucesso fossem posteriormente replicados e adotados por outras escolas.

O caminho é longo, mas só se faz caminhando.

Termino minhas considerações agradecendo por um dia ter me atrevido a fazer o serviço da formiguinha e lutar por causas justas como a educação inclusiva, a acessibilidade, a diversidade e a vida independente. Considero que esse aprendizado foi valoroso e proporcionou contribuir para desenvolvimento humano, na imposição de valores e respeito face à diferença. E assim, como a jornalista e ativista do movimento das pessoas com deficiência no Brasil, Rosangela Berman Bieler citada por Gil (2016, p.26), “Torço para que, um dia, esse formigueiro tão grande, que construímos com tanto afincos, mas sem que a sociedade veja, exploda como um vulcão, espalhe-se por uma área enorme e seja visto por todos!”



Figura 32 - Estagiária e Equipe da Mithós - Fonte: Arquivo Pessoal

Referências Bibliográficas

Obras e artigos

Ainscow, M., & Ferreira, W. (2003). Compreendendo a educação inclusiva: algumas reflexões sobre experiências internacionais. In Rodrigues, D. (Ed.), perspectivas sobre inclusão: da educação à sociedade (pp. 103-116). Porto: Porto Editora.

Amiralian, M. L. T., Pinto, E. B., Ghirardi, M. I. G., Lichtig, I., Masini, E. F. S., & Pasqualin, L. (2000). Conceituando deficiência. *Revista de Saúde Pública*, 34(1), 37-103. Acedido em 10 de junho de 2018 em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/278344/mod_resource/content/2/texto_obrigatorio2.pdf.

Bairrão, J. (Coord), Felgueiras, I., Fontes, P., Pereira, F. & Vilhena, C. (1998). Os alunos com necessidades educativas especiais: subsídios para o sistema de educação. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.

Barbosa-Fohrmann, A. P. (2018). Autonomia, reconhecimento e dignidade: sujeitos, interesses e direitos. Rio de Janeiro: Gramma Livraria e Editora.

Benetti, I. C., Vieira, M. L., Crepaldi, A. M. & Schneider, D. R. (2013). Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Psicologia*, 9(16), p. 89-99.

Bezerra, Z. F., Sena, F. A., Dantas, O. M. S., Cavalcante, A. R. & Nakayama, L. (2010). Comunidade e escola: reflexões sobre uma integração necessária. *Educar em revista*, n. 37, Curitiba: UFPR.

Bhering, E., & Sarkis, A. (2009). Modelo bioecológico do desenvolvimento de Bronfenbrenner: implicações para as pesquisas na área da Educação Infantil. *Horizontes*, v. 27, n. 2, p. 7-20, jul./dez.

Bogdan, R. & Biklen, S. (1994). Investigação qualitativa em educação. Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora.

Braga, S. M. R. (2012). Educação Especial: As Dificuldades Encontradas no Ambiente Escolar para a Inclusão. Acedido em 08 de novembro de 2018 em <http://www.pedagogia.com.br/artigos/asdificuldadesdainclusao/>

Bronfenbrenner, U. (1996). A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados. (M. A. Veríssimo, Trad.) Porto Alegre: Artes Médicas.

Cappellini, V. L. M. F. (2003). Informação e sensibilização: primeiros passos para a inclusão. Texto produzido para o curso da Teia do Saber: Curso inicial.

Carvalho, S. H. M. (2001). Barreiras Multiformes e atividades desenvolvidas no Complexo de Lomar, em Braga - Contributos para a inclusão social. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.

Conforto, D. & Santarosa, L. M. C. (2002). Acessibilidade à Web: Internet para Todos. *Revista de Informática na Educação: Teoria, Prática – PGIE/UFRGS*. V.5 N° 2 p.87-102.

Costantini, A. (2004). Bullying, como combatê-lo? prevenir e enfrentar a violência entre jovens. Tradução: Eugênio Vinci de Moraes, Itália Nova Editora. São Paulo.

Coutinho, C. P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F., Ferreira, M. J., & Vieira, S. (2009). Investigação-ação: metodologia preferencial nas práticas educativas. *Revista Psicologia, Educação e Cultura*. Lisboa.

Crespo, A. M. M. (2011). Pessoas deficientes, invisibilidade, saber e poder. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. Acedido em 02 de Julho de 2018 em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1298916664_ARQUIVO_ARQUIVO112.PESSOAS DEFICIENTES,INVISIBILIDADE,SABEREPODER.pdf.

Diniz, D. (2007). Deficiência, saúde pública e justiça social. *Revista Estudos Feministas*, 15(3), 823-841.

European Commission - EC. (2018). *Work Programme 2018-2020. Europe in a changing world - Inclusive, innovative and reflective societies.*

Fontes, F. (2016). *Pessoas com deficiência em Portugal*. Fundação Francisco Manuel, ed. ebook, Lisboa. Acedido em 1 de outubro de 2018 em: <https://books.google.com.br/books?id=apTFDAAAQBAJ&pg=PT46#v=onepage&q&f=false>

França, T. H. (2013). Modelo Social da Deficiência: uma ferramenta sociológica para a emancipação social. *Lutas Sociais*, São Paulo, 17(31), p.59-73. Acedido em 25 de junho de 2018 em: <http://www4.pucsp.br/neils/revista/vol%2031/tiago-henrique-franca.pdf>.

Freire, M.F. (2010). *A inclusão através do desporto adaptado: O caso português do basquetebol em cadeiras de rodas*. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física, Coimbra.

Freire, P. (1981). *Paulo Freire: Debate com os professores mineiros*. Departamento de Educação do Sindicato dos Professores do Estado de Minas Gerais, Belo Horizonte. Acedido em 28 de novembro de 2018 em: http://www.acervo.paulofreire.org:8080/jspui/bitstream/7891/3007/3/FPF_OPF_06_008.pdf

Freire, P. (1989). *A importância do ato de ler*. São Paulo: Cortez.

Fundação Calouste Gulbenkian e Inspeção-Geral da Educação e Ciência. (2016). *A Escola Inclusiva: Desafios*. Inspeção-Geral da Educação e Ciência (IGEC), Lisboa.

Gaudenzi, P, & Ortega, F. (2016). Problematizando o conceito de deficiência a partir das noções de autonomia e normalidade. *Ciência e Saúde Coletiva*, 21(10), 3061-3070.

Gil, A. C. (2008). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 4ª edição, Atlas. São Paulo.

Gil, M. (2016). Modelo Social da Deficiência: fase 2. *Revista Nacional de reabilitação – Reação*, ano XIX, n. 111, p.26-27.

Godoy, A.S. (1995). Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. *Revista de Administração de Empresas*, v. 35, n. 2, p. 57-63 Mar./Abr. São Paulo.

Instituto Nacional de Estatística, (2001). *XIV Recenseamento Geral da População e IV Recenseamento Geral da Habitação, Resultados definitivos Norte*, Lisboa.

Kemmis, S. & Mactaggart, R. (1988). *Cómo planificar la investigación-acción*. Barcelona, Laertes.

Leatherman, Jane & Niemeyer, Judith (2005). *Teachers' Attitudes Toward Inclusion: Factors Influencing Classroom Practice*. *Journal of Early Childhood Teacher Education*.

Leitão, F. (2000). *Aprendizagem cooperativa e inclusão*. Comunicação apresentada no Fórum de Estudos de Educação Inclusiva. Debate sobre a Proposta de Diploma para o Regime de Educação Especial. Lisboa

Mantoan, M.T.E. (2005). *Inclusão é o privilégio de conviver com as diferenças*. In *Revista Nova Escola*, São Paulo, n. 182, p. 24-26.

Martinot, A.F, (2016). *A importância da CNV- Comunicação não violenta na realização do processo de autoconhecimento*. *Revista Educação*, v.11, n.1. p. 58-77.

Martins, E., & Szymanski, H. (2004). *A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias*. Acedido em 12 de Agosto de 2018 em *Periódicos Eletrônicos em Psicologia*:

- http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812004000100006&lng=pt&nrm=&tlng=pt
- Matos, K.S.L e Vieira, S.V. (2001). Pesquisa educacional: o prazer de conhecer. Fortaleza, Demócrito Rocha.
- Medeiros, P. G. V. (2016). O olhar das crianças do 2º ciclo face aos pares com dificuldades intelectuais e desenvolvimentais (DID). Dissertação de Mestrado em Educação Especial - Escola Superior de Educação de Beija, Beija.
- Mithós-Histórias Exemplares: Associação apoio a Multideficiência.
- Oliveira, J.M.S. (2016). A Língua Gestual Portuguesa como primeira língua da criança surda. Dissertação de Mestrado em Comunicação Acessível- Escola Superior de Educação e Ciências Sociais- Instituto Politécnico de Leiria, Leiria.
- Oliveira, S. (2009). Estágios para Universitários: representações e implicações na inserção profissional dos jovens brasileiros e franceses. Dissertação de Doutoramento, Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- OMS - Organização Mundial de Saúde. Deficiência. Temas da Saúde. Acedido em 25 de junho 2018 em: <https://www.who.int/topics/disabilities/es/>
- ONU – Organização das Nações Unidas (2006). Convenção sobre o Direitos das Pessoas com Deficiência.
- Palácios, J., Cool, C., Marchesi, A. (1995). Desenvolvimento psicológico e educação: psicologia educativa. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Parada, I. D. (2014). Atitudes dos Alunos Face à Inclusão de Alunos com Deficiência, nas Aulas de Educação Física- Comparação em alunos do 2º ciclo e secundário. Dissertação de Mestrado- Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física da Universidade de Coimbra, Coimbra.
- Pereira, A. (2016). Prática profissional do Assistente Social no contexto da Incapacidade Intelectual. Dissertação de Mestrado não editada. Escola Superior de Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria: Leiria.
- Pereira, L. (1984). Evolução histórica da educação especial. In D. Rodrigues et al. (1984). Deficiência e motricidade terapêutica, p. 37-51. Lisboa: CDI-ISEF.
- Pires, H. (2017). O contributo da biblioteca escolar para o reforço da escola inclusiva. Lisboa: Rede de Bibliotecas Escolares.
- POCI (2014). Programa Operacional Competitividade e Internacionalização. Disponível em: https://www.portugal2020.pt/Portal2020/Media/Default/Docs/Programas%20Operacionais/VERSOES%20CONSULTA/POCI_vs_p%C3%BAblica.pdf
- Portugal, G. & Laevers, F. (2010). Avaliação em Educação Pré-escolar. Sistema de Acompanhamento de Crianças. Porto: Porto Editora.
- Portugal2020. Acedido em 05 de setembro 2018 em: <https://www.portugal2020.pt/Portal2020>
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2003). Manual de Investigação em Ciências Sociais, Lisboa: Gradiva
- Salcedo, J. A. R, (2017). A inovação na transformação da cidade. Relatório de Síntese promovido pelo Porto Innovation Hub, Porto.
- Sampaio, D. (2003). Inventem-se Novos Pais. Lisboa: Editorial Caminho.

Sanches, I. & Teodoro, A. (2006). Da integração à inclusão escolar: cruzando perspectivas e conceitos. Revista Lusófona de Educação, v.8 n.8. p.5-10

Sanches, I. (2011). Em Busca de Indicadores de Educação Inclusiva. A Voz dos Professores de Apoio sobre o que pensam, o que fazem e o que gostariam de fazer. Edições Universitárias: lusófonas: Lisboa

Senra, A.H et al. (2008). Inclusão e singularidade: um convite aos professores da escola regular. Belo Horizonte, Scriptum.

Silva, O. M. (1986). A Epopeia Ignorada: A pessoa Deficiente na História do Mundo de Ontem e de Hoje, São Paulo: CEDA.

Sousa, M. (2011). O Papel da Família e da Escola Inclusiva num Percurso de Desenvolvimento Resiliente - Um Estudo de Caso. Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Souza, S. E. (2007). O uso de recursos didáticos no ensino escolar. In: I Encontro de pesquisa em educação, IV Jornada de prática de ensino da UEM, Maringá, 2007. Arq. Mudi. Periódicos. Acedido em 15 de julho de 2018 em: <http://www.dma.ufv.br/downloads/MAT%20103/2015-II/slides/Rec%20Didaticos%20-%20MAT%20103%20-%202015-II.pdf>

Spradley, J. P. (1980). Participant Observation. Orlando - Florida. Harcourt Brace Jovanovich College Publishers.

Stainback, S. & Stainback, W. (1999). Inclusão: um guia para educadores. Trad. de Magda F. Lopes et al. Porto Alegre: Artes Médicas.

Stauble, Karla R. (2009) Teacher attitudes toward inclusion and the impact of teacher and school variables. Electronic Theses and Dissertations.Paper 1375.

Teixeira, M. (2014). Habilidades de relacionamento interpessoal. 2ªed, São Paulo, Ed. do autor.

UN - United Nations (2006). Division for Inclusive Social Development.

Unesco (1994). Declaração de Salamanca. Conferência mundial sobre necessidades educativas especiais: acesso e qualidade. Ed. UNESCO. Acedido em 19 de agosto de 2018 em: <http://redeinclusao.web.ua.pt/files/fl9.pdf>

Upias - The Union of the Physically Impaired Against Segregation (1976). Fundamental principles of disability. London: UPIAS.

Vala, J., & Monteiro, M. (2006). Psicologia Social 7ª Edição. Fundação Calouste Gulbenkian

Vieira, A. (2014). Intervenção social: mediações, prevenção e resolução, in Página da Educação, pp. 32-33.

Walker, T. J. (2012). Attitudes and Inclusion: An Examination of Teachers Attitudes Toward Including Students with Disabilities.Dissertations.Paper 401.

Referências normativas - Legislação consultada

Decreto Lei n.º 66/1979. (1979, de 4 de outubro)

Decreto lei n.º 319/91. (1991, de 23 de agosto). D.R.

Decreto Lei n.º 3/2008.(2008, de 7 de janeiro). D. R.: I Série n.º4

Despacho Conjunto n.º.105/97. (1997, de 1 de julho). D.R.: II Série, n.º149

Despacho n.º 10856/2005. (2005, de 13 de maio). D. R.: II Série, n.º27

Declaração de Retificação n.º 10/2008, de 5 de Março, e alterado pela Lei n.º 21/2008, de 12 de Maio

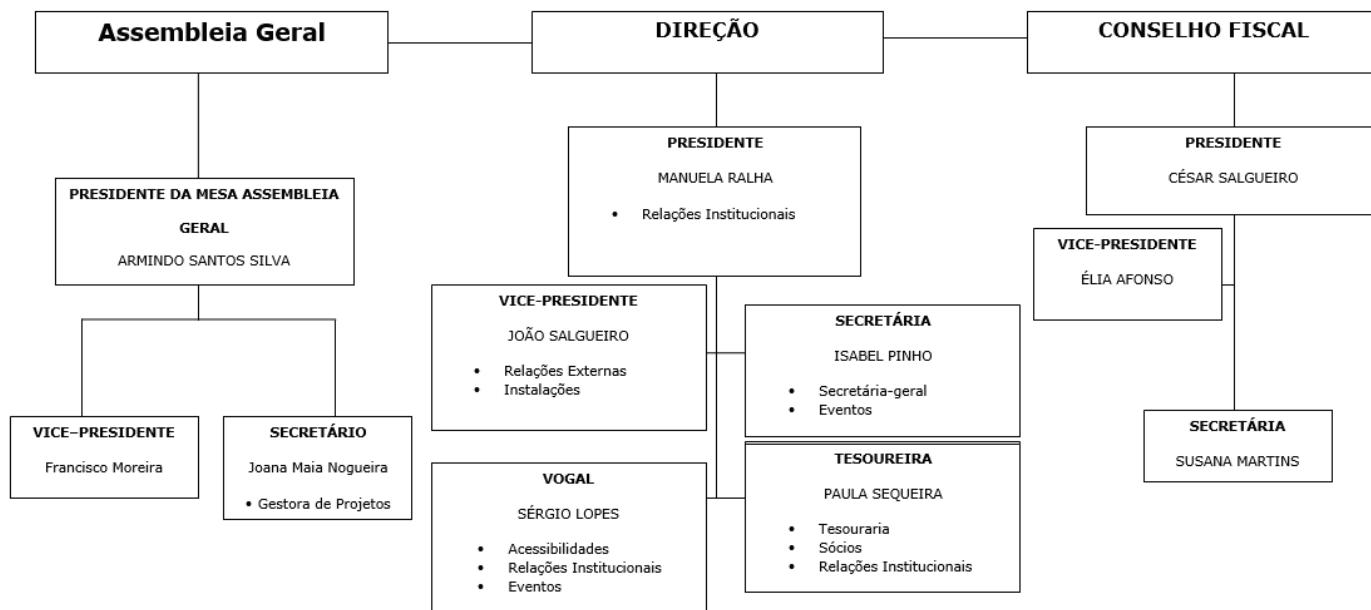
ANEXOS

Anexo A - Organograma Mithós - Histórias Exemplares



2 - Organograma

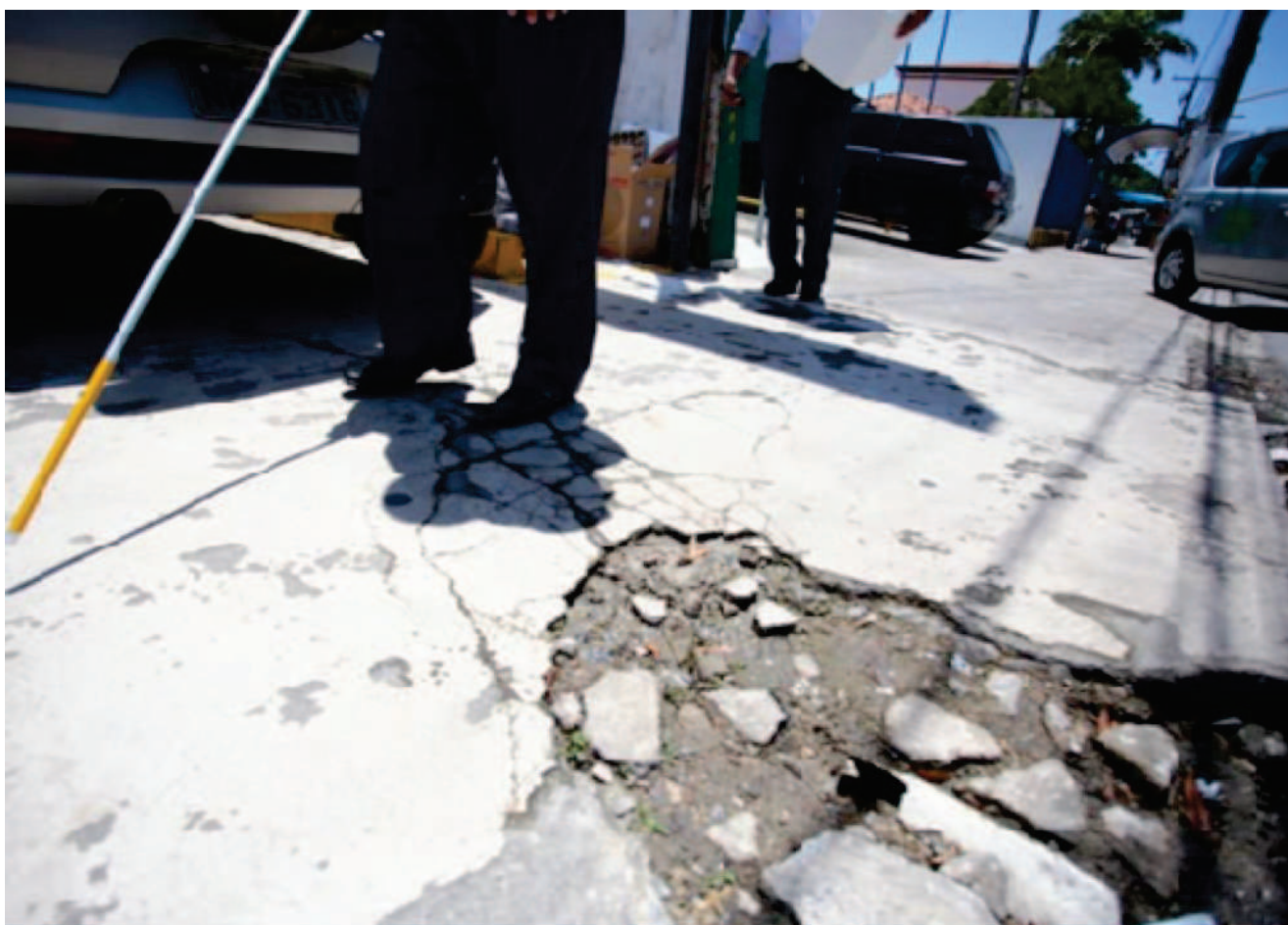
Mithós-Histórias Exemplares



Anexo B - Quiz sobre rodas - Perguntas e imagens

Indique o que está incorreto nessa imagem.







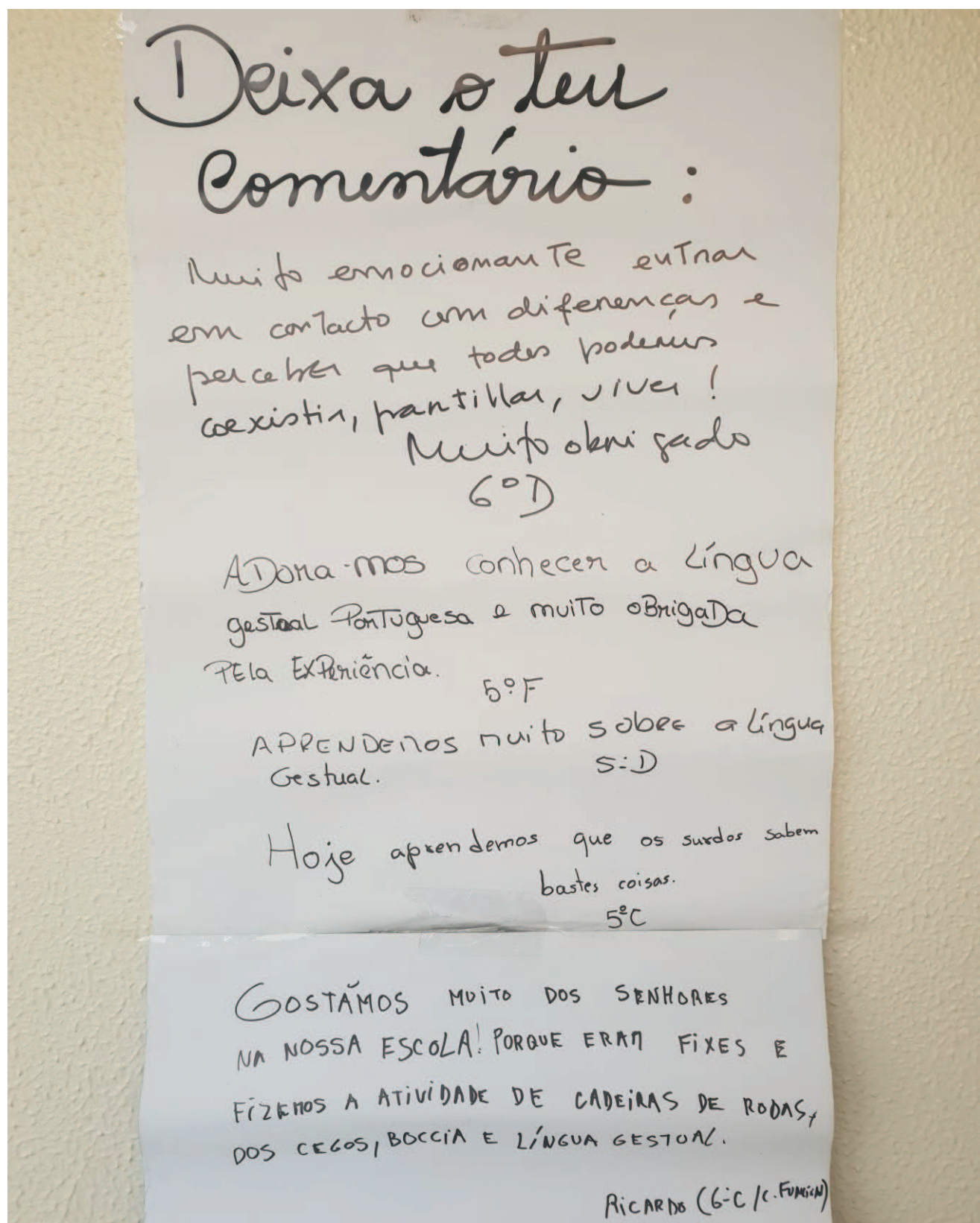
O QUE É ACESSIBILIDADE ?

O QUE É MOBILIDADE REDUZIDA ?

Quais os
PRODUTOS DE APOIO
que existem para auxiliar
as pessoas com
mobilidade reduzida?

Dá um exemplo de uma
BARREIRA ARQUITETÓNICA
que prejudique alguém com
mobilidade reduzida ?

Anexo C - Imagens dos cartazes com a avaliação de impacto nos alunos durante as ações.



Regista aqui a tua opinião

Nunca pensei que fosse tão difícil subir um passeio. *Caroline*

Gostei muito desta experiência, nunca pensei que fosse tão difícil para pessoas com estas dificuldades, mesmo abrir um pouco. Abreli e voltei a cada minuto aqui passado. Obrigada pela experiência! *Sandra*

Tu gostas imenso desta oportunidade, mas trazes as dificuldades por que cada pessoa assim passa.

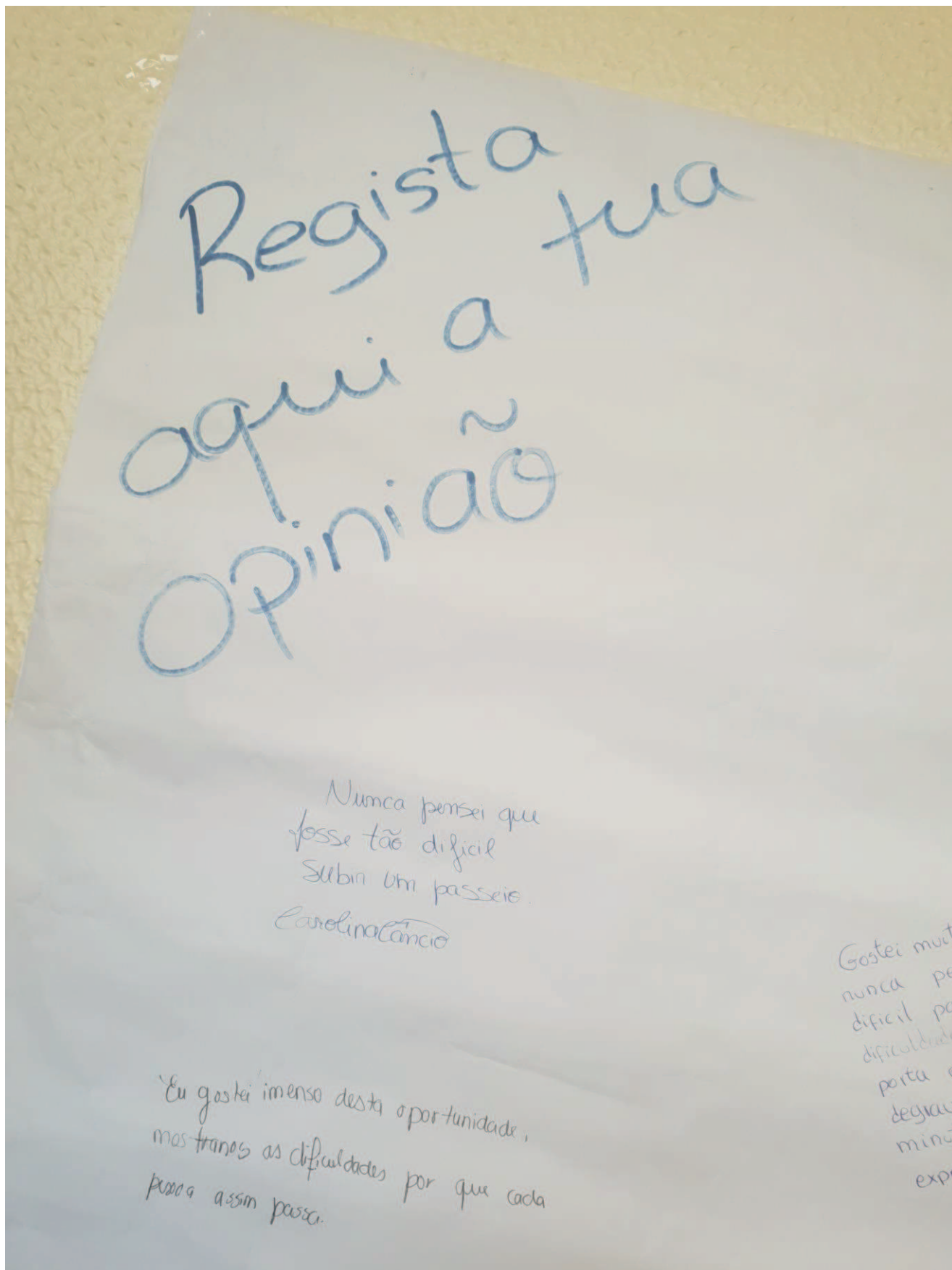
Sou muito querida por este passeio e espero que isto faça parte de mais coisas para todos! Obrigada! *Caroline*

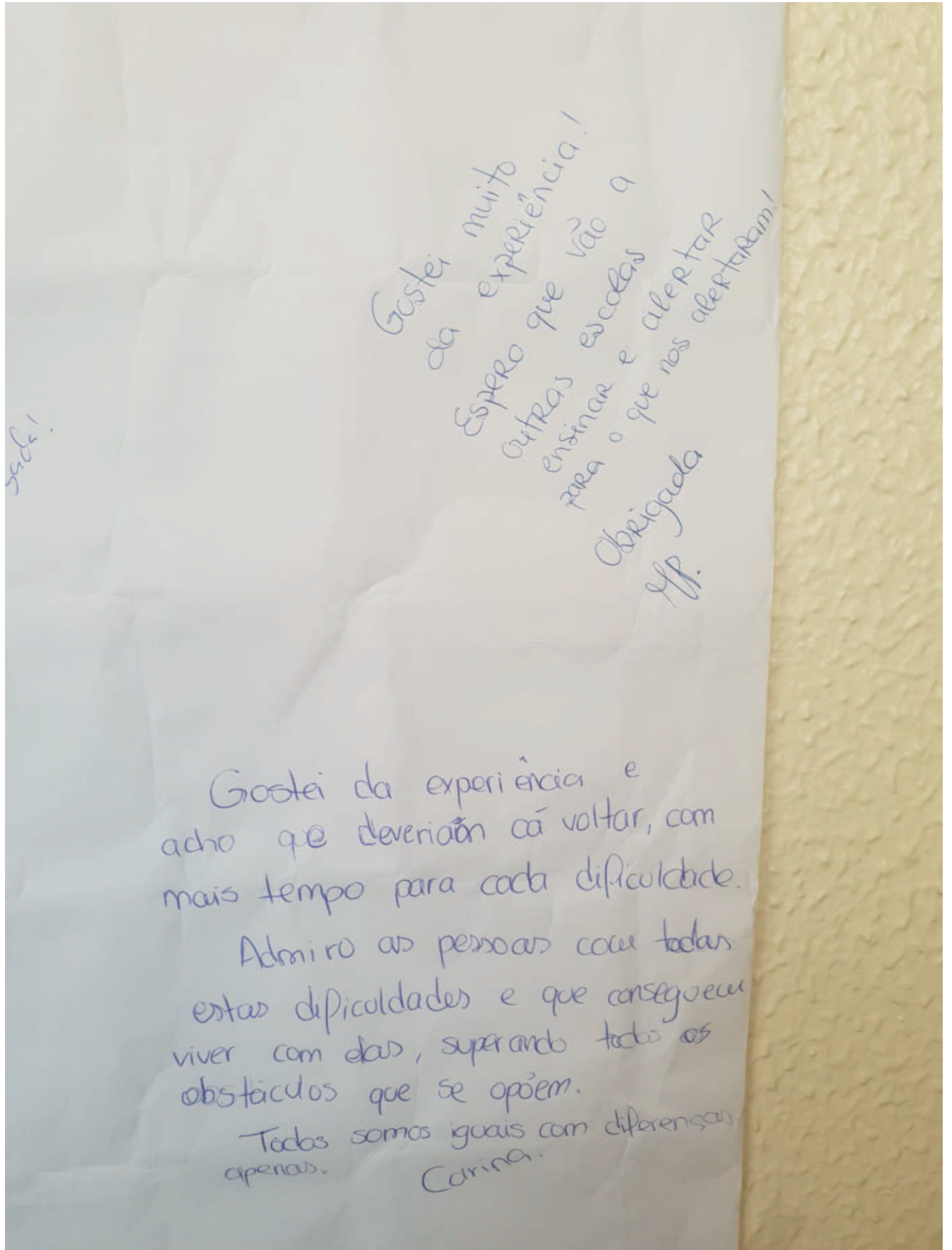
Gostei muito da experiência! Espero que isto a torne mais fácil e abra mais portas para que não se esqueçam! Obrigada! *Mf*

Gostei bastante desta experiência e acho que deviam fazer mais vezes estas atividades. *Diogo J.L.*

Com esta atividade aprendemos a lidar com as dificuldades que nos vamos de cada dia de todos os desafios que temos para nós. Com a atividade a seguir que continuamos com estas atividades!! *Mf*

Gostei da experiência e acho que deviamos cá voltar, com mais tempo para cada dificuldade. Admito ao pensar com todas estas dificuldades e que conseguimos viver com elas, superando todos os obstáculos que se aparecem. Todos como gases com diferentes opiniões. *Caroline*





Gostei muito da experiência!
Espero que vão a outras escolas para ensinar e alertar para o que nos alertaram!
Obrigada
Y.P.

Gostei da experiência e acho que deveriam cá voltar, com mais tempo para cada dificuldade.

Admiro as pessoas com todas estas dificuldades e que conseguem viver com elas, superando todos os obstáculos que se opõem.

Todos somos iguais com diferenças apenas.
Carina.

Eu gostei imenso desta oportunidade,
mas tramo as dificuldades por que cada
pessoa assim passei.

Gostei bastante desta
experiência e acho que deveriam
fazer mais vezes estas atividades
Beijos
J. L.

Com esta actividade experienciei
a dificuldade que é andar de cadeira
de rodas em edifícios mal feitos para isto.
Foi divertido e espero que continuem com
estas actividades!! ☺

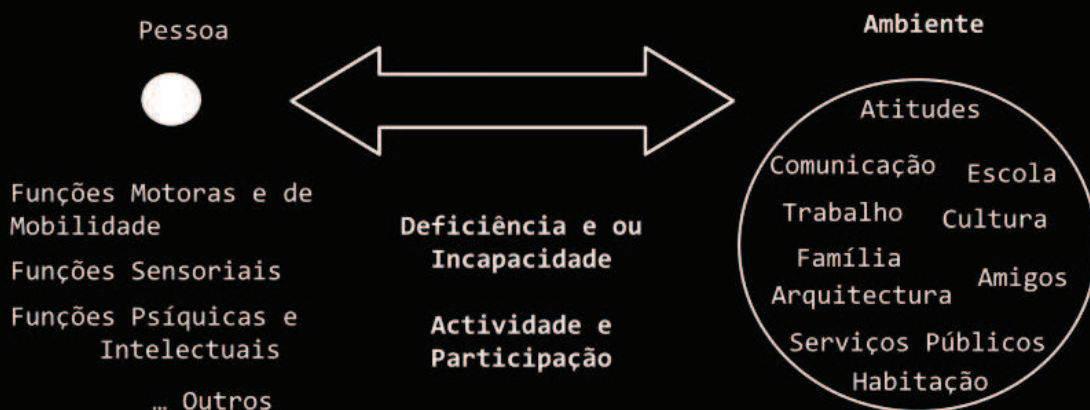
Anexo D: PowerPoint da apresentação do Projeto Vem calçar os sapatos do outro.



Deficiência



Deficiência, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), representa qualquer perda ou alteração de uma estrutura ou de uma função psicológica, fisiológica ou anatómica, de carácter temporário ou permanente.



A deficiência não precisa ser um obstáculo para o sucesso. Durante praticamente toda a minha vida adulta sofri da doença do neurónio motor. Mesmo assim, isso não me impediu de ter uma destacada carreira como astrofísico e uma vida familiar feliz.

Professor Stephen W Hawking





- *Deficiências Motoras ou de Mobilidade reduzida*





- *Deficiências sensoriais* Que incluem as deficiências da visão, da audição e da fala.





- *Deficiências psíquicas* que incluem deficiências intelectuais, a doença mental, bem como as deficiências das funções gnósticas e práticas

Como lidar com a pessoa com deficiência?



Incorrecto	Correcto
“portador de deficiência”, “pessoa com necessidades especiais” ou “portador de necessidades especiais”;	“pessoa com deficiência (física, auditiva, visual ou intelectual)”
Invisual, surdo-mudo	Cego, Surdo
“deficiente”, “aleijado”, “inválido”, “mongol”, “excepcional”, “retardado”, “incapaz”, “defeituoso”	POR FAVOR  Amai ao próximo, se não conseguir, ao menos respeite-o.



Atenção!!!



Marihuana Éxtasis Cocaína Heroína Tabaco Crack



Deficiências Motoras ou de Mobilidade Condicionada



Ao empurrar uma pessoa em cadeira de rodas, faça-o com cuidado.

Preste atenção para não bater naqueles que caminham à frente.

Se parar para conversar com alguém, lembre-se de virar a cadeira de frente para que a pessoa também possa participar da conversa.



É importante perceber que para uma pessoa sentada é incomodo olhar para cima por muito tempo.

Portanto, ao conversar por mais tempo que alguns minutos com uma pessoa que usa cadeira de rodas, se for possível, lembre-se de sentar, para que fiquem com os olhos ao mesmo nível.



POR FAVOR

Amai ao próximo, se não conseguir, ao menos respeite-o.

Mantenha as canadianas ou bengalas sempre próximas à pessoa com deficiência.

As cadeiras de rodas, assim como as bengalas e canadianas, fazem parte do espaço corporal da pessoa, quase uma extensão do seu corpo.



- Se achares que uma pessoa está em dificuldades, oferece ajuda e, caso seja aceite, pergunta como deves proceder.

- As pessoas têm suas técnicas individuais para subir escadas, por exemplo, e, às vezes, uma tentativa de ajuda inadequada pode até atrapalhar. Outras vezes, o auxílio é essencial.

- Pergunta e saberás como agir e não te ofendas se a ajuda for recusada.



Não te acanhes em usar termos como “andar” e “correr”. As pessoas com deficiência física empregam naturalmente essas mesmas palavras.



Está atento para a existência de barreiras arquitetônicas quando fores escolher uma casa, restaurante, teatro ou qualquer outro local que queiras visitar com uma pessoa com deficiência física.



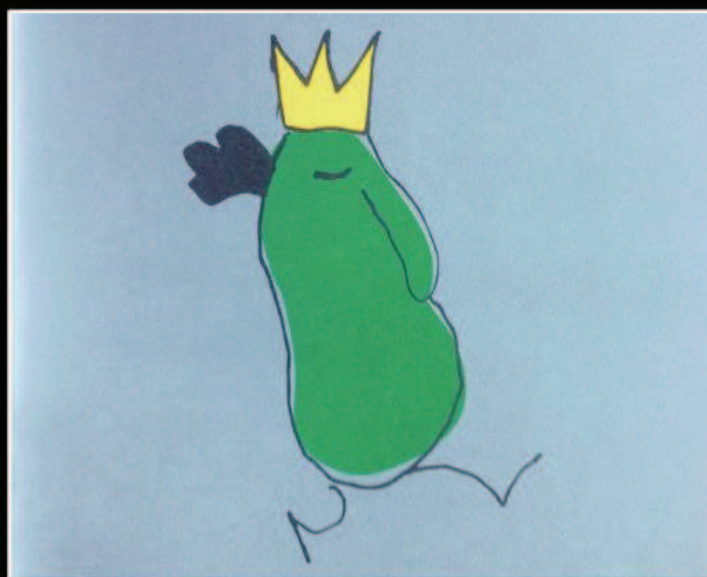


“Albergo Etico” - Hotel na província de Asti, em Itália, gerido por um quadro de funcionários com Síndrome de Down.

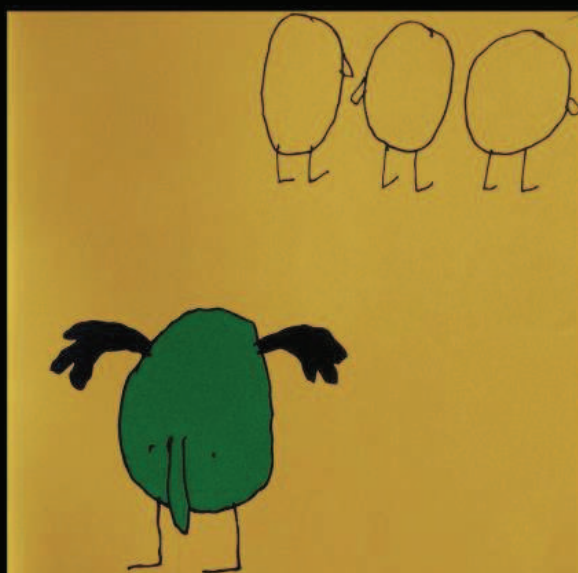


Jogo :
“Quem tem este Princípio Geral no lugar?”

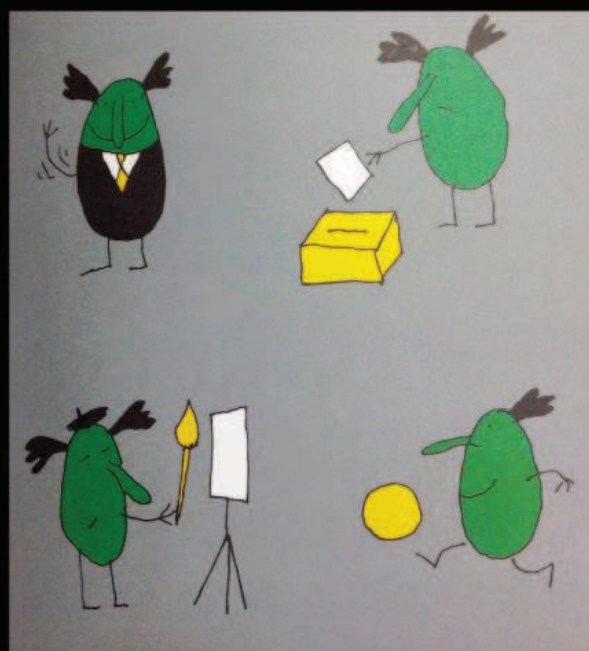




O respeito pela dignidade inerente,
autonomia individual, incluindo a
liberdade de fazerem as suas próprias
escolhas, e independência das pessoas;



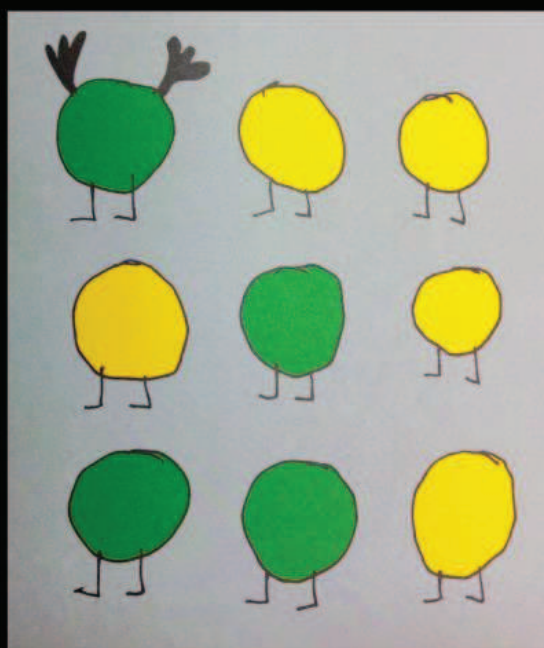
Não discriminação;



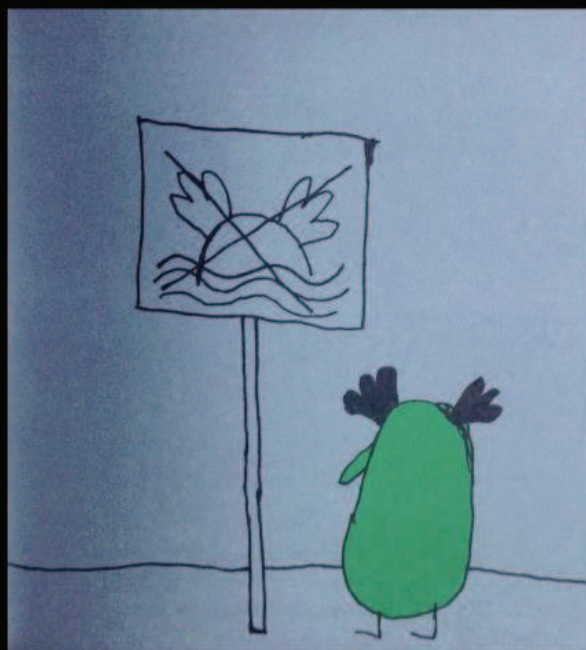
Participação e inclusão plena e efectiva na sociedade;



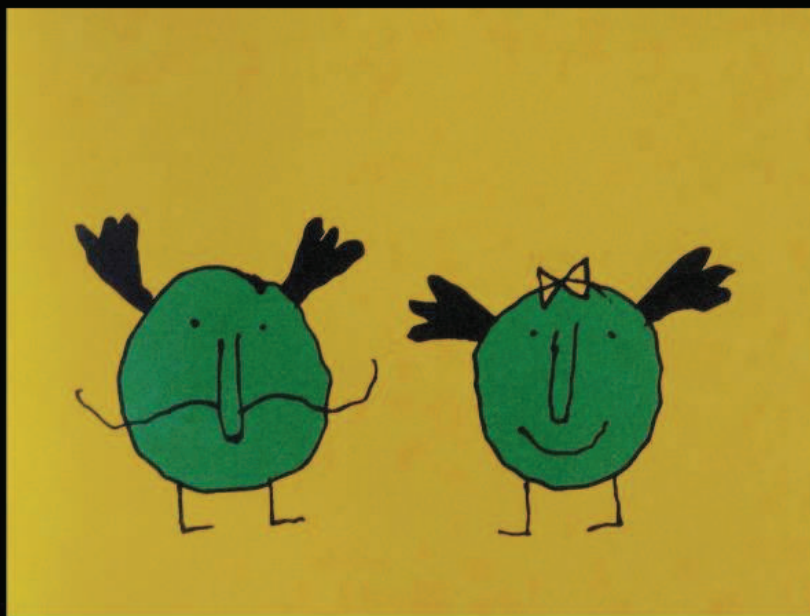
O respeito pela diferença e aceitação das pessoas com deficiência como parte da diversidade humana e humanidade;



Igualdade de oportunidade;



Acessibilidade;



Igualdade entre homens e mulheres;



Respeito pelas capacidades de desenvolvimento das crianças com deficiência e respeito pelo direito das crianças com deficiência a preservarem as suas identidades.



Obrigada pela vossa atenção!

Anexo E - Transcrição das Entrevistas dos voluntários da Mithós

Entrevista - Hugo Sousa/ Assistente Social

1. Qual é a parte da ação que você desenvolve no projeto dos sapatinhos?

Eu costumo desenvolver a parte relativa a mobilidade, a parte motora, ou seja, uma pequena sensibilização sobre a diferença, que há pessoas que já nascem com a deficiência e outras não, mas depois fazemos uma pequena sensibilização para os comportamentos desviantes, assim se pode dizer, que nos podem levar a adquirir uma deficiência, por exemplo:

- Não ter cuidado nos mergulhos, podemos não ver bem e mergulhar num sítio onde a água não é tao funda como pensamos e, partir a coluna.
- Na parte dos carros, o uso ou não do cinto, o beber e conduzir, pronto...leva ali um aumento ao tempo de resposta de reação da pessoa, que pode levar a acidentes.

Depois fazemos aquela parte de desmistificar um bocadinho a deficiência

2. Qual a sua percepção da primeira ação desenvolvida no projeto dos sapatinhos?

A primeira sensação foi positiva e aliás, estou a me lembrar mais ou menos, a primeira foi em Alverca num pré-escolar

3. Que situações mais te surpreenderam nas visitas de ação do projeto?

Até agora, se calhar, a recetividade de algumas populações das escolas que nós visitamos, e nalguns casos como faço a parte mais motora, eles ficam um bocadinho admirados, que é a questão do “ah, pensava que não havia, pensava que não conseguia, e afinal, como a Manuela costumava dizer, “Nós fazemos praticamente tudo, mas a nossa maneira”.

4. Sentiu dificuldades ao trabalhar com crianças no decorrer do projeto?

Se calhar senti, mas não tem haver nem com a minha deficiência, é mesmo com a questão das crianças. Quando algumas crianças fazem muito barulho, eu realmente sinto alguma dificuldade naquela agitação toda.

5. Que tipo de estratégias utiliza com os alunos mais difíceis?

Se calhar, talvez não seja a mais correta, mas talvez levantar a voz, tentar impor-me, pronto, basicamente é controlar. Talvez não seja a maneira mais correta, mas é essa que utilizo.

6. Qual é a sua principal motivação no projeto?

É basicamente o objetivo dele, desmistificar a ideia de incapacidade da pessoa com deficiência, e pronto, a partir daí tentar que as gerações futuras sejam elas portadoras desta mensagem. As dificuldades que a minha geração passa (das

pessoas com deficiência), a geração seguinte não tenhas que enfrentar, seja barreiras arquitetônicas, seja barreiras do acesso à informação, seja barreiras dos produtos de apoio, pronto... que seja tudo muito mais acessível.

7. Acredita que as ações de sensibilização têm atingindo resultados positivos?

Sim e isso vê-se na questão de quando vamos a rua e já nos conhecem. _ “Ah foi aquele menino que teve lá nossa escola, a fazer isso, a demonstrar aquilo”, e acho que é um bom indicador para medir a objetividade da coisa.

8. Face às condições existentes, sente-se motivado para continuar a desempenhar suas funções nesse projeto?

Tem alguns constrangimentos de vez em quando, mas o querer, a boa vontade e o ver de hoje para amanhã, faz-me querer continuar.

9. O que deveria melhorar e/ou acrescentar no projeto?

Era uma questão que se calhar, em termos funcionais, não será bom para andar para frente e para trás, é aquela base de madeira que eu vi da Câmara de Torres Vedras, há vários obstáculos, ou seja, as lombas, o altear, o rebaixado, pronto... há varias simulações, que se calhar num recreio não se consegue ser tão real, embora seja assim um pouco irregular, não é tão irregular como é na rua.

10. Quais os benefícios que os alunos podem retirar da sua apresentação?

Acho que minha presença, como a presença da Paula, da Sandra, da Manuela (quando estava), ou seja, a nossa presença, e dissermos que a Paula é contabilista, que eu sou assistente pessoal e a Sandra está responsável pela biblioteca do Mithós a ler, acho que é o melhor indicador da nossa capacidade, pois mostra que por termos atingidos esses objetivos, e pelo percurso que tivemos, uns mais que outros, mas cada um a sua maneira, faz perceber a eles que apesar da nossa incapacidade, nós também conseguimos atingir os objetivos, e sermos válidos nessa sociedade.

Entrevista – Paula Sequeira/Contabilista e integrante da Direção da Mithós

1. Qual é a parte da ação que você desenvolve no projeto dos sapatinhos?

Eu estou em duas frentes, por norma fico na parte dos surdos, onde dependendo da idade dos meninos, tento mais ou menos explicar como apareceu a língua gestual portuguesa, pois antes não era constituída como língua, tento explicar um pouco da história e tentamos explicar como eles devem fazer uma primeira abordagem a uma pessoa surda. E por vezes, também faço a parte da mobilidade condicionada, onde tentamos além de chamar a atenção para os comportamentos de risco, tentamos chamar atenção para as barreiras arquitetônicas e para as diferentes maneiras de mobilidade, seja a cadeira de rodas, uma canadiana, seja uma pirâmide, uma bengala. Tentamos sempre inculir o espírito de observação.

2. Qual a sua percepção da primeira ação desenvolvida no projeto dos sapatinhos?

A primeira ação do projeto ainda não foi nessa dimensão que é agora, eramos uns quatro ou cinco, e com incapacidades tínhamos eu e a Manuela de cadeira de rodas. Fiquei um bocadinho de pé atrás no início, mas depois foi gratificante perceber que eles estavam interessados.

3. Que situações mais te surpreenderam nas visitas de ação do projeto?

Todas positivas, menos uma, que não me sai da cabeça. Estávamos numa Escola Secundária, numa ação e tínhamos os miúdos a experimentar as cadeiras, e de repente ouvimos do primeiro andar “Não te sentes aí que isso pega” ... Jovens com 17, 18 anos que nós esperamos que já tenham outra consciência, a dizer isso em pleno século XXI, ainda me surpreendeu, não foi constrangedor, mas fiquei surpreendida pela negativa de ainda haver esses pensamentos.

4. Sentiu dificuldades ao trabalhar com crianças no decorrer do projeto?

Sim, por vezes é difícil, pois quando são grupos maiores é difícil chamar a atenção de todos.

5. Que tipo de estratégias utiliza com os alunos mais difíceis?

Por vezes preciso elevar um bocadinho a voz, bater palmas, faço qualquer coisa para tentar agarrar a atenção deles.

6. Qual é a sua principal motivação no projeto?

Tentar que as camadas mais jovens se apercebam das diferentes realidades que existem na sociedade, e eliminar algumas ideias preconcebidas que os mais velhos já têm, devido aos pais, aos avós.

Nossa sociedade sempre foi assim, e não queremos que continue a ser assim, queremos o abrir das mentes para que todos tenham um lugar na sociedade. Minha motivação é praticamente abrir as mentes para serem adultos conscientes, no sentido que há muitas realidades a nível de mobilidade, a nível de motivação e a nível de imagem também.

7. Acredita que as ações de sensibilização têm atingindo resultados positivos?

Sim, porque temos esses feedbacks quando andamos nas ruas e encontramos algum aluno que assistiu à ação e vem falar connosco. Portanto, penso que, esse é um dos resultados atingidos, eles não se esquecerem que estivemos a fazer algo diferente na sua escola.

8. Face às condições existentes, sente-se motivado para continuar a desempenhar suas funções nesse projeto?

Sim e não. Sim, na parte dos resultados que advém dessas ações, que são muito positivos, faz nos sentir que fazemos à diferença, e que esse projeto tem pernas para andar.

Não, no sentido em que, se eu arranjar um trabalho, não vou poder deixar de trabalhar para ir nas ações, e é só nesse sentido, pois temos poucas pessoas no momento para efetuar as ações, e temos essa condicionante; falta de voluntários.

9. O que deveria melhorar e/ou acrescentar no projeto?

Nós na realidade só temos a mobilidade condicional da nossa parte para mostrar, se tivéssemos condições para ter uma pessoa, ela própria cega e outra, ela própria surda, para fazer a parte de cada ação que desempenhamos, seria o ideal, porque lá está esse projeto é diferente no sentido em que é feito por pessoas com incapacidade.

10. Quais os benefícios que os alunos podem retirar da sua apresentação?

Verem e ouvirem falar que há outras realidades diferentes, e tentarmos que eles repliquem o que nós ensinamos nas diversas áreas, com os familiares, os amigos, os irmãos, e tentamos que seja uma difusão da mensagem.

Entrevista - Sandra Fonseca/Assistente no projeto Mithós a ler

1. Qual é a parte da ação que você desenvolve no projeto dos sapatinhos?

Ajudo a Joana no que precisar e na parte motora.

2. Qual a sua percepção da primeira ação desenvolvida no projeto dos sapatinhos?

Assim, a primeira vez não foi assim muito mau. Os miúdos ficaram um bocadinho espantados ao verem as cadeiras.

3. Que situações mais te surpreenderam nas visitas de ação do projeto?

Houve uma que foi mais confusão, nos queríamos trabalhar e os miúdos estavam todos agitados, e queríamos falar com eles e eles sempre a falar., eles eram pequeninos.

4. Sentiu dificuldades ao trabalhar com crianças no decorrer do projeto?

Não muito.

5. Que tipo de estratégias utiliza com os alunos mais difíceis?

A Joana chama a atenção.

6. Qual é a sua principal motivação no projeto?

É conhecer escolas diferentes, miúdos diferentes, o poder explicar aos miúdos do porque estamos na cadeira, qual a vida que levamos no dia-a-dia, para eles terem uma ideia que fazemos tudo como eles.

7. Acredita que as ações de sensibilização têm atingindo resultados positivos?

Sim, algumas crianças são muito simpáticas e demonstram carinho.

8. Face às condições existentes, sente-se motivado para continuar a desempenhar suas funções nesse projeto?

Sim.

9. O que deveria melhorar e/ou acrescentar no projeto?

No momento nada, acho que ele está bom.

10. Quais os benefícios que os alunos podem retirar da sua apresentação?

A importância de colocar-se no lugar do outro.

Entrevista - Rute- Batista / Voluntária

1. Qual a sua percepção da primeira ação desenvolvida no projeto dos sapatinhos?

A primeira vez que fomos na escola no Vem calçar os sapatos do outro, as crianças estavam muito agitadas.

2. E o que fazem para diminuir a agitação dos alunos?

Sim, a Joana às vezes apela aos professores, ou dá um grito.

3. Acha que as crianças gostam das ações?

Eu acho que sim, alguns gostam.

4. O que mais gosta e acha interessante no projeto dos sapatinhos?

O que mais gosto de fazer na escola, é quando estou com a Joana, colocar as vendas nos olhos dos meninos.

5. Fala me dessa parte das vendas, como funciona?

A gente põe as vendas, porque a gente faz jogos com eles. Um tem a venda e ele tem que saber o que tem na mão, para saber o que o cego sente.

E também, já fui na parte das cadeiras, quando cá estava a tia Manuela. Na parte das cadeiras, eles falam e depois levamos as cadeiras, quem quer senta-se para ver como que é.

6. E qual a intenção de colocar as cadeiras lá?

Se calhar, é para ver o que eles acham, para ver se quando tiverem (não estou a dizer que tenham), um acidente, ou qualquer coisa, se tiver que andar em cadeiras, para ver o que eles acham.

7. Acha o projeto positivo?

Sim.

8. O que a Mithós representa para você?

É onde eu gosto de estar, e se for preciso abre mais horizontes para uma pessoa crescer mais. É onde eu tenho amigos.

Anexo F - Guia de boas práticas do Projeto “Vem Calçar os sapatos do outro”, frente, interior e verso e Folheto de apresentação da Associação, frente e verso.

O PROJETO

“VEM CALÇAR OS SAPATOS DO OUTRO”

Consiste na realização de Ações de Sensibilização para a Inclusão, dirigido aos alunos de todos os ciclos escolares (do jardim-de-infância ao secundário), com vista aos seguintes objetivos:

- Sensibilizar a população para as questões da deficiência, seja sensorial, motora ou intelectual;
- Conhecer que existem diferentes formas de comunicar (Braille, Língua Gestual, Leitura fácil);
- Perceber que ser diferente é uma coisa positiva, e que a deficiência e/ou incapacidade fazem parte da diversidade humana;
- Compreender que todos temos os mesmos direitos, nomeadamente da igualdade de oportunidades e a uma vida digna;
- Promover a Inclusão da pessoa com deficiência e/ou incapacidade;
- Desenvolver estratégias e competências que possibilitem o melhor relacionamento com a pessoa com deficiência e/ou incapacidade.

Através de uma metodologia participativa e experiencial, os participantes simulam as diferentes realidades das pessoas com deficiência e/ou incapacidade e experimentam diferentes suportes e tipos de comunicação, tendo a oportunidade de vivenciar situações relativas ao quotidiano de pessoas surdas, cegas, com mobilidade reduzida ou com deficiência intelectual e verificar assim, na prática, as necessidades especiais decada um, seja em termos de acessibilidade, comunicação ou outros constrangimentos à participação na vida em sociedade.

Muito Importante!

A informação é muito importante para vencermos o Preconceito e a Discriminação e termos uma Sociedade Igual para Todos. Sempre que quiser ajudar, pergunte qual é a melhor forma de o fazer. Mas não se zangue se a ajuda não for aceite, pois nem sempre é necessária.

AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO EDUCAÇÃO PARA A INCLUSÃO

PEQUENO GUIA DE BOAS PRÁTICAS



Contactos gerais:

Av. Pedro Victor N.º 21-A 2600-221 V. F. Xira
E-mail: geral@associacao-mithos.org
TEL: 263 209 507 / 963 877 706 / 963 877 695
www.associacao-mithos.org

Faça o seu donativo e ajude a MITHÓS!
IBAN: PT50 0036 0048 99100200517 31

Projeto:



Apoios:



Contactos:

mithos.educacao.associacao@gmail.com
TEL: 963 877 695



Pessoas com mobilidade condicionada

Ao empurrar uma pessoa em cadeira de rodas, faça-o com cuidado e sempre depois de perguntar à pessoa se o pode fazer.

Preste atenção para não bater naqueles que caminham à frente ou nos obstáculos que surgem (buracos, degraus, etc.)

Se parar para conversar com alguém, lembre-se de virar a cadeira de frente para que a pessoa também possa participar da conversa.

Mantenha as canadianas ou bengalas sempre próximas da pessoa com deficiência e/ou incapacidade.

As cadeiras de rodas, assim como as bengalas e canadianas, fazem parte do espaço corporal da pessoa, quase uma extensão do seu corpo.

Se achar que uma pessoa está em dificuldades, ofereça ajuda e, caso seja aceite, pergunte como deve proceder.



É importante perceber que para uma pessoa sentada é incómodo olhar para cima por muito tempo.

Portanto, ao conversar por mais tempo que alguns minutos com uma pessoa que usa cadeira de rodas, se for possível, lembre-se de sentar, para que fiquem com os olhos ao mesmo nível.

As pessoas têm suas técnicas individuais para subir escadas, por exemplo, e, às vezes, uma tentativa de ajuda inadequada pode até atrapalhar. Outras vezes, o auxílio é essencial.

Pergunte e saberá como agir e não se ofenda se a ajuda for recusada.

Não tenha vergonha em usar termos como "andar" e "correr". As pessoas com deficiência física empregam naturalmente essas mesmas palavras.

Esteja atento para a existência de barreiras arquitetônicas quando for escolher uma casa, restaurante, teatro ou qualquer outro local que queira visitar com uma pessoa com deficiência física.

Se for a acompanhar uma pessoa com deficiência que ande devagar, tente acompanhar o seu passo.



Pessoas com deficiência intelectual

Pode agir com naturalidade, mas com respeito e consideração.

Não a superproteja, deixe que a pessoa faça ou tente fazer as suas tarefas sozinha. Ajude só se necessário. Estas pessoas levam mais tempo a aprender, mas podem adquirir muitas capacidades intelectuais, motoras, sociais e afetivas.

A deficiência Intelectual não deve ser confundida com doença mental.



Pessoas cegas ou com deficiência visual

Se vir alguma pessoa que pode precisar da sua ajuda, aproxime-se e apresente-se dizendo o seu nome e pergunte se precisa do seu auxílio.

Atenção, pois deve avisar com antecedência a existência de obstáculos no caminho (como degraus, mesas ou cadeiras ou outras coisas em que se possa tropeçar ou embater).

Caso a sua ajuda seja aceite, pergunte como pode fazê-lo. Se for fazer de guia, coloque a mão da pessoa no seu cotovelo, dobrado, e vá à sua frente. Não utilize a palavra invisual, pois ela significa «não visível».

Se a pessoa tiver cão-guia, lembre-se que estes cães têm a responsabilidade de guiar os donos. Não os distraia, nem lhe faça festas.



Deve falar em tom normal. E fique à vontade para usar palavras como «veja e olhe», as pessoas cegas usam-nas com naturalidade.



Pessoas surdas ou com deficiência auditiva

Sabia que o mundo das pessoas surdas é o da visão, e não o do silêncio?

Para comunicar com uma pessoa surda é importante manter o contacto visual com ela, de modo a que possa observar os seus lábios e face enquanto comunica:

- fale naturalmente, pronunciando bem as palavras, sem exagerar;
- se souber Língua Gestual, tente utilizá-la e verá como as suas tentativas serão apreciadas e estimuladas;
- e ainda, pode recorrer à escrita, o importante é comunicar!



Para chamar a atenção de uma pessoa surda, acene para ela ou toque levemente no seu braço.

Nunca diga surdo-mudo, pois é considerado ofensa, pelas pessoas surdas.

Sítio com Línguas Gestuais de todo o mundo: WWW.SPREADTHESIGN.COM



Pessoas com problemas de comunicação ou fala

Algumas pessoas com problemas de comunicação ou de fala, preferem a comunicação escrita. Outras pessoas utilizam o recurso a códigos ou símbolos pictográficos (imagens).

Estes métodos podem ser lentos e requerem paciência e concentração.

Pode ir fazendo perguntas, cuja resposta seja sim/não. Não se enerve.

SE TEM TEMPO DISPONÍVEL, JUNTE-SE A NÓS E SEJA VOLUNTÁRIO DA MITHÓS-HISTÓRIAS EXEMPLARES.



A Mithós-Histórias Exemplares orienta-o na tomada de decisões quanto ao seu processo de habilitação, reabilitação e participação, e procura as melhores respostas para as suas questões. Contacte-nos se necessita de informação, orientação ou mediação para resolver uma questão relacionada com a deficiência.

Contactos gerais:
Av. Pedro Victor N.º 21-A 2600-221 V. F. Xira
E-mail: geral@associacao-mithos.org
TEL: 263 209 507 / 963 877 706 / 963 877 695
www.associacao-mithos.org

Faça o seu donativo e ajude a MITHÓS!
IBAN: PT50 0036 0048 99100200517 31

Com o apoio:



Apresentação

QUEM SOMOS...

A Mithós-Histórias Exemplares é uma associação de apoio à deficiência, sem fins lucrativos, de âmbito nacional e tem como objetivos:

- A defesa e promoção dos direitos e interesses das pessoas com deficiência e /ou incapacidade e suas famílias, em ordem à integração social e familiar dos seus membros, à respetiva valorização e realização pessoal e profissional;
- A eliminação de todas as formas de discriminação das pessoas, com deficiência e /ou incapacidade;
- A promoção da igualdade de tratamento das pessoas com deficiência e/ou incapacidade.



O QUE FAZEMOS...

Ações de sensibilização (dirigidas a escolas, associações e/ou público em geral);

Ações de formação na área da deficiência; dos direitos da pessoa e cidadão;

Biblioteca;

Gabinete de Ação Social;

Grupos de Pares;

Grupo de Voluntariado;

Ciclos Cine-Debate;

Oficina Solidária;

Promoção de atividades lúdico-culturais (dirigidas a pessoas com deficiência e suas famílias);

Atividades em parceria com outras instituições (PSP, GNR, Associações, Agrupamentos de Escolas, Autarquias)



COMO AGIMOS...

Gabinete de Ação Social (GAS)

- > Atender os cidadãos com deficiências ou incapacidade e respetivas famílias;
- > Prestar informação sobre os direitos, benefícios e recursos existentes;
- > Proceder ao seu correto encaminhamento e desenvolver uma função de mediação junto dos serviços públicos e entidades privadas, que poderão responder às suas questões;
- > Desenvolver e valorizar as parcerias locais para encontrar soluções mais eficazes, que respondam às suas necessidades;
- > Divulgar boas práticas de atendimento do cidadão com deficiências ou incapacidade;
- > Recolher informação que permita produzir diagnósticos de caracterização local da situação das pessoas com deficiências ou incapacidade, identificar os principais problemas existentes e promover soluções adequadas.



O QUE PODE ENCONTRAR...

Orientação na resolução de problemas sobre mobilidade e acessibilidade;

Informação sobre direitos, benefícios e medidas de proteção social das pessoas com deficiência ou incapacidade;

Informação e orientação sobre cursos e locais onde obter formação profissional e sobre como obter apoio para um emprego ou para iniciar uma atividade por conta própria;

Informação e mediação local e nacional sobre as instituições que promovem atividades e prestam serviços a pessoas com deficiências ou incapacidade;

Qualquer outro tipo de apoio que esteja em conformidade com os direitos gerais e especiais das pessoas com deficiência ou incapacidade.

Anexo G - Guião de Entrevista aos professores

Instituto Politécnico de Castelo Branco – Escola Superior de Educação ESE

Mestrado em Intervenção Social Escolar – Área de Especialização em Crianças e Jovens em Risco

Guião de Entrevista

Tema: “Vem calçar os sapatos do outro”: Uma intervenção social para a educação inclusiva.

Objetivo Geral da Pesquisa: Conhecer a dinâmica de uma instituição que promove através de atitudes e comportamentos a inclusão das pessoas com deficiência na escola e sociedade.

BLOCOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	FORMULÁRIOS DE QUESTÕES	OBSERVAÇÕES
A Legitimação da estrutura e motivação do entrevistado	1. Legitimar a entrevista motivando o entrevistado 2. Informar sobre a natureza do trabalho e seus objetivos. 3. Assegurar a confidencialidade do entrevistado.	1.1 Informação ao entrevistado sobre a função essencial que desempenha como colaborador da investigação. 2.1 solicitar a colaboração sob uma perspetiva de enriquecimento mútuo. 3.1 Garantia de carácter confidencial das informações prestadas	Entrevista semi-diretiva de perguntas abertas permitindo a livre expressão dos entrevistados.

<p>B</p> <p>Inclusão</p>	<p>Interpretações dos professores sobre o processo de inclusão</p>	<p>1. Como vê a Inclusão nos dias de hoje?</p> <p>2. Na sua opinião quais são os principais desafios que se colocam à comunidade escolar no domínio da inclusão?</p>	
<p>C</p> <p>Práticas Inclusivas</p>	<p>Conhecer a opinião do entrevistado sobre a ação realizada na escola através da Associação</p>	<p>3. Do seu ponto de vista, as atividades de sensibilização colaboram na reflexão de uma escola inclusiva?</p> <p>4. Acha que as atividades realizadas são coerentes com o nível de compreensão e interesse dos alunos?</p> <p>5. Acredita que desenvolver projetos de sensibilização desde o pré-escolar facilitaria as práticas de inclusão?</p> <p>6. Acredita que através das ações os alunos se tornarão agentes contra as atitudes discriminatórias dentro da escola e na sociedade?</p>	

<p>D</p>	<p>Recolher dados acerca do impacto das ações nos alunos</p>	<p>7. Identificou alguma reação dos seus alunos que despertou sua atenção, durante ou depois da apresentação do projeto?</p> <p>8. O valor da diferença a partir das ações, intensificou a prática da empatia no ambiente escolar?</p> <p>9. Quais os aspetos que considera mais positivos no projeto?</p>	
<p>E</p> <p>Relação Sociedade/Escola</p>	<p>Conhecer a opinião do entrevistado sobre a relação escola X sociedade</p>	<p>10. Acha ser importante essa relação do meio social com a escola na prática da educação inclusiva? Porquê?</p>	

Anexo H - Transcrição das Entrevistas aos Professores.

- **Entrevista 1**

1. Como vê a Inclusão nos dias de hoje?

É com muito agrado que reparo que a sociedade em geral está cada vez mais preocupada com a inclusão. Certamente existe um grande caminho a percorrer, mas penso que estamos no bom caminho. Principalmente porque se está a trabalhar melhor ao nível escolar e as nossas crianças serão o futuro da nossa sociedade

2. Na sua opinião quais são os principais desafios que se colocam à comunidade escolar no domínio da inclusão?

Principalmente no que diz respeito à falta de recursos.

A falta de recursos humanos é uma problemática, pois com um maior número de técnicos e professores especializados o trabalho desenvolvido seria muito melhor. Também o que se refere às adaptações necessárias no espaço físico das nossas escolas, ainda há muito a fazer.

3. Do seu ponto de vista, as atividades de sensibilização colaboram para a promoção de uma escola inclusiva?

Obviamente que sim.

Este tipo de ações são fundamentais para despertar consciências e alertar as nossas crianças para uma realidade bem próxima de todos nós. É por isso que nós professores temos um papel muito importante de modo a proporcionar todas estas vivências.

4. Acha que as atividades realizadas são coerentes com o nível de compreensão e interesse dos alunos?

Sim, as atividades realizadas foram muito bem selecionadas e bastante coerentes tendo em conta a população alvo

5. Acredita que desenvolver projetos de sensibilização desde o pré-escolar facilitaria as práticas de inclusão?

Quanto mais cedo iniciarmos este processo de sensibilização para a inclusão, melhores resultados obtemos.

Deixa de ser encarada como uma criança estranha e diferente de nós, e passa a ser um de nós, com características diferentes, mas de quem somos amigos e se for preciso ajudamos e apoiamos.

6. Acredita que através das ações os alunos se tornarão agentes contra as atitudes discriminatórias dentro da escola e na sociedade?

As crianças são muito justas e assertivas, quando sentem que algum colega está a ser discriminado são os primeiros a reagir e quanto mais forem sensibilizados para o combate à discriminação, mais força terão as suas atitudes.

7. Identificou alguma reação dos seus alunos que despertou sua atenção, durante ou depois da apresentação do projeto?

Sim! Para além dos comentários que observei os alunos a fazerem com outros colegas que não estiveram na atividade, verifiquei que faziam nos intervalos alguns dos “jogos” que realizámos durante a atividade, o que é bastante interessante e positivo.

8. O valor da diferença a partir de exemplos como os apresentados na ação do “Vem calçar os sapatos do outro” colabora para a prática da empatia nos alunos?

Este tipo de ações e as atividades que realizámos, contribui muito para uma interação saudável e positiva entre os alunos. Situações como a de orientar um aluno vendado (cego) suscitam junto dos alunos a sensação de ser útil e de sentir felicidade por ajudar alguém.

9. Quais os aspetos que considera mais positivos no projeto?

Despertar de consciências... O fato de serem pessoas com deficiência a dinamizar as atividades com grande empenho e muito boa disposição. A disponibilidade de se deslocarem às escolas para de forma precoce sensibilizarmos os alunos.

10. Acha importante a relação do meio social com a escola na implementação de práticas de educação inclusiva? Porquê?

Sim é fundamental.

A escola é uma micro sociedade, nela estão vários agentes, onde se destacam os alunos que estão numa fase de crescimento, desenvolvimento pessoal, construção do saber e das suas personalidades, pelo que devem sentir inputs de dentro da escola, mas também de toda a sociedade que rodeia a comunidade educativa.

O mundo hoje é global e é importante os alunos sentirem que a escola não é uma instituição fechada, mas sim uma “casa” aberta a atividades, projetos e parcerias com o meio envolvente. Como tal, também na educação inclusiva estas premissas que referi anteriormente também se aplicam.

• Entrevista 2

1. Como vê a Inclusão nos dias de hoje?

Creio que há um esforço da sociedade para a inclusão, mas é um duro caminho a percorrer, sobretudo no que diz respeito às barreiras arquitetónicas, ao estacionamento abusivo e incorreto, a falta de acesso generalizado a obras de arte/exposições pelas pessoas com deficiência, bem como a não utilização da língua gestual nas escolas e nos meios de comunicação.

2. Na sua opinião quais são os principais desafios que se colocam à comunidade escolar no domínio da inclusão?

A adaptação dos espaços físicos, a maior sensibilização dos alunos e a formação adequada dos profissionais da escola.

3. Do seu ponto de vista, as atividades de sensibilização colaboram para a promoção de uma escola inclusiva?

Certamente, estas ações sensibilizam e fortalecem formas de estar e agir com o outro.

4. Acha que as atividades realizadas são coerentes com o nível de compreensão e interesse dos alunos?

São coerentes pelo dinamismo e pertinência com a qual tratam o assunto.

5. Acredita que desenvolver projetos de sensibilização desde o pré-escolar facilitaria as práticas de inclusão?

Completamente de acordo, dado que a intervenção precoce fomenta/cimenta valores e atitudes e comportamentos.

6. Acredita que através das ações os alunos se tornarão agentes contra as atitudes discriminatórias dentro da escola e na sociedade?

De fato, estas atividades até deveriam ter continuidade, a fim de amadurecer uma verdadeira inclusão.

7. Identificou alguma reação dos seus alunos que despertou sua atenção, durante ou depois da apresentação do projeto?

Inicialmente houve algum “gozo”, mas assim que se colocaram nos “sapatos do outro” compreenderam imediatamente as dificuldades que as pessoas com deficiência enfrentam na vida real.

8. O valor da diferença a partir de exemplos como os apresentados na ação do “Vem calçar os sapatos do outro” colabora para a prática da empatia nos alunos?

Com certeza, num primeiro momento porque vêm pessoas “diferentes” à escola, por outro lado participam e interagem com elas.

9. Quais os aspetos que considera mais positivos no projeto?

Possibilitar a experimentação pelos alunos das limitações e dificuldade do outro.

A interação entre as crianças “ditas normais” com as pessoas com deficiência, colocadas na mesma situação e os alunos puderam observar ações concretas, que acabam por trazer conhecimento a todos.

10. Acha importante a relação do meio social com a escola na implementação de práticas de educação inclusiva? Porquê?

Sim, dado que compete à sociedade envolver-se na inclusão dos seus cidadãos, e a interação entre a escola e o meio social é fortalecida com a implementação destas ações.

- **Entrevista 3**

1. Como vê a Inclusão nos dias de hoje?

Melhor do que há 30 anos atrás. Hoje esta é uma palavra que se ouve todos os dias, fala-se nos órgãos de comunicação social de situações concretas, de um modo geral a sociedade está mais sensibilizada. Nas escolas e nas empresas, ainda há caminho a percorrer. Em particular na vida após a escola.

2. Na sua opinião quais são os principais desafios que se colocam à comunidade escolar no domínio da inclusão?

Conseguir gerir a diversidade. Os discentes chegam à escola oriundos de várias culturas, diversos níveis sócio-económicos, valores, comportamentos disruptivos, deficits de diversas ordens, etc.... A gestão desta população, criando dinâmicas que conduzam à motivação, responsabilidade e ao querer aprender é o grande desafio.

3. Do seu ponto de vista, as atividades de sensibilização colaboram para a promoção de uma escola inclusiva?

Sim, com atividades de sensibilização vamos contactando com situações diversas, linguagem, emoções, perceber o outro, expectativas... conduzem à reflexão tanto no espaço da sala de aula como em contextos informais.

4. Acha que as atividades realizadas são coerentes com o nível de compreensão e interesse dos alunos?

Sim, tanto assim foi que os alunos se envolveram; colocando questões, mostraram curiosidade e participaram com entusiasmo, experimentando.

5. Acredita que desenvolver projetos de sensibilização desde o pré-escolar facilitaria as práticas de inclusão?

Sim, desde que as atividades sejam adaptadas à faixa etária.

6. Acredita que através das ações os alunos se tornarão agentes contra as atitudes discriminatórias dentro da escola e na sociedade?

Penso que é uma boa ajuda, mas tem de haver da parte das escolas e famílias, uma prática diária e mais ações de sensibilização.

7. Identificou alguma reação dos seus alunos que despertou sua atenção, durante ou depois da apresentação do projeto?

A memória com que fiquei foi bastante positiva da ação, os alunos participaram, mostraram interesse e satisfação.

8. O valor da diferença a partir de exemplos como os apresentados na ação do “Vem calçar os sapatos do outro” colabora para a prática da empatia nos alunos?

Sim. A interação foi bastante positiva.

9. Quais os aspetos que considera mais positivos no projeto?

Considerarei todos os aspetos positivos, de evidenciar o fato de serem pessoas com incapacidade a darem a “cara” e a serem exemplos de superação.

10. Acha importante a relação do meio social com a escola na implementação de práticas de educação inclusiva? Porquê?

Sim, porque a escola é o reflexo da sociedade. Se o meio social ajudar à promoção de valores como a solidariedade, tolerância, responsabilidade, liberdade, inclusão... a escola (diga-se alunos) sairá reforçada na sua missão.

- **Entrevista 4**

1. Como vê a Inclusão nos dias de hoje?

A Inclusão é um conceito que parece estar no discurso de muitos, mas muito pouco praticada. Existe muito pouca formação para que todos, nas nossas vidas, possamos adotar atitudes mais inclusivas e de respeito e até mesmo celebração das diferenças.

2. Na sua opinião quais são os principais desafios que se colocam à comunidade escolar no domínio da inclusão?

Acho que os maiores desafios são em termos da formação não só dos professores em geral, pois a cada vez mais lhes é pedido que lidem com alunos mais diversos, como de técnicos e auxiliares. Muitas vezes, fazemos coisas bem-intencionadas, para ajudar, mas o que na prática resulta é uma super-proteção. Facilitamos, para incluir, em vez de adaptarmos para que todos possam aceder em equidade.

3. Do seu ponto de vista, as atividades de sensibilização colaboram para a promoção de uma escola inclusiva?

A sensibilização é apenas um primeiro passo, perceber que existem pessoas diferentes, que funcionam ou comunicam de forma diferente, mas com a mesma legitimidade que todos nós. Têm direito a ter opinião, a aceder aos espaços, a viver, a ter um trabalho e a contribuir para a sociedade. A sensibilização necessária ainda se trata muito de trazer à vista o que tem sido escondido em muitos séculos de civilização.

4. Acha que as atividades realizadas são coerentes com o nível de compreensão e interesse dos alunos?

As atividades são aprofundadas à medida do nível de maturidade de cada grupo. Eles fizeram perguntas e contaram histórias que já conhecem, normalmente um vizinho, ou avó ou outro familiar que também tem uma deficiência.

5. Acredita que desenvolver projetos de sensibilização desde o pré-escolar facilitaria as práticas de inclusão?

Acredito que aprofundar a temática da diversidade na formação de professores seja essencial, para que todos possam praticar no seu dia-a-dia. Existem já alguns professores que integram algumas coisas que já facilitam, como é o caso de algumas educadoras do pré-escolar que utilizam gestos da Língua Gestual Portuguesa para ilustrar as canções que cantam e as histórias que contam. Depois é engraçado ver como os meninos dessas idades, por norma, não percebem bem o que é deficiência, sabem que têm na sala um menino ou menina que precisam de mais ajuda para algumas coisas, e desde cedo gostam de poder estar responsáveis por dar essa ajuda.

6. Acredita que através das ações os alunos se tornarão agentes contra as atitudes discriminatórias dentro da escola e na sociedade?

Sim, aquilo que se pretende é que possam desde cedo olhar com um olhar crítico para a sociedade e perceber que de hoje para amanhã serão eles os arquitetos, professores, médicos, rececionistas e que o que é justo é que possam todos usufruir dos recursos, dos espaços por igual.

7. Identificou alguma reação dos seus alunos que despertou sua atenção, durante ou depois da apresentação do projeto?

Alguns alunos, rejeitaram experimentar as cadeiras de rodas. É uma atividade que por um lado, encanta a maioria dos miúdos, mas há alguns que por vezes estranha e rejeita. Mas só o facto de ver que a maioria dos colegas e às vezes os professores experimentam, já contribui para a construção de uma imagem positiva do projeto.

8. O valor da diferença a partir de exemplos como os apresentados na ação do “Vem calçar os sapatos do outro” colabora para a prática da empatia nos alunos?

Sim, e acredito que essa é a intenção de toda a ação. Acho que através da oportunidade de se relacionarem de forma positiva com pessoas com deficiência, que até estão ali para dinamizarem umas atividades divertidas e que quebram um pouco a rotina de sala de aula, vão percebendo que são pessoas que têm capacidades, que têm talentos como toda a gente.

9. Quais os aspetos que considera mais positivos no projeto?

Acho que o mais positivo, como disse antes, é o facto de trazer visibilidade a uma realidade muitas vezes escondida e perceber que existem pessoas diferentes de nós. Alertar para as barreiras, arquitetónicas, mas não só, é uma forma de eles perceberem que existem coisas que não estão bem, e cabe a todos nós reclamar pela sua melhoria.

10. Acha importante a relação do meio social com a escola na implementação de práticas de educação inclusiva? Porquê?

As escolas são cada vez mais lugares fechados ao exterior, cada vez existem mais condições para sair do espaço escolar, seja por questões de segurança, logística, por falta de recursos, de pessoas que possam acompanhar as saídas, os miúdos acabam por conhecer a realidade da escola. Por isso, acho importante que venham até à escola exemplos da comunidade, perceber o que fazem nas suas vidas, nos seus empregos, como funcionam as coisas.

- **Entrevista 5**

1. Como vê a Inclusão nos dias de hoje?

Faz parte do crescimento e da relação com os outros. Podemos e devemos coexistir harmoniosamente.

2. Na sua opinião quais são os principais desafios que se colocam à comunidade escolar no domínio da inclusão?

Na maioria das vezes, as barreiras arquitetónicas são um obstáculo enorme (talvez o principal desafio).

3. Do seu ponto de vista, as atividades de sensibilização colaboram para a promoção de uma escola inclusiva?

Sim, de um modo geral as ações de sensibilização são um contributo positivo.

4. Acha que as atividades realizadas são coerentes com o nível de compreensão e interesse dos alunos?

No que diz respeito ao grupo que beneficiou das atividades, foi interessante e produtivo.

5. Acredita que desenvolver projetos de sensibilização desde o pré-escolar facilitaria as práticas de inclusão?

Seria o ideal, na minha opinião.

6. Acredita que através das ações os alunos se tornarão agentes contra as atitudes discriminatórias dentro da escola e na sociedade?

Sim, tudo se educa! Os comportamentos desadequados, por vezes, devem-se a falta de “bons exemplos”.

7. Identificou alguma reação dos seus alunos que despertou sua atenção, durante ou depois da apresentação do projeto?

Aparentemente, foram aceites as atividades com toda a naturalidade, participaram e mostraram agrado.

8. O valor da diferença a partir de exemplos como os apresentados na ação do “Vem calçar os sapatos do outro” colabora para a prática da empatia nos alunos?

Sem dúvida.

9. Quais os aspetos que considera mais positivos no projeto?

A presença dos colegas (que nos visitaram com suas cadeiras de rodas), as “histórias” /situações que partilharam.

10. Acha importante a relação do meio social com a escola na implementação de práticas de educação inclusiva? Porquê?

Sim, a escola como entidade incluída no meio, deve estar desperta por todas as necessidades do meio “existente”, de modo a preparar melhor os pequenos cidadãos que a frequentam.

- **Entrevista 6**

1. Como vê a Inclusão nos dias de hoje?

Creio que, apesar de se falar cada vez mais neste conceito, muito há ainda a fazer para que ela exista. Para que este conceito possa ser verdadeiramente concretizado é muito importante uma sensibilização a toda a comunidade educativa para que se consiga perceber /admitir a diferença entre os alunos, valorizando-os todos da mesma forma e não os ver como problemas que têm que ser resolvidos.

2. Na sua opinião quais são os principais desafios que se colocam à comunidade escolar no domínio da inclusão?

Conseguir-se uma grande transformação não só ao nível da escola (pedagógica, curricular) mas no fundo ao nível de toda a sociedade. É necessário haver uma transformação de políticas e práticas nas escolas e fora delas para que haja verdadeiramente inclusão. É necessário deixar de ver as pessoas como “uns coitados” e passar a encará-los como pessoas perfeitamente normais e capazes, apenas com uma ou outra dificuldade acrescida em determinada área ou domínio, como aliás todos nós temos.

3. Do seu ponto de vista, as atividades de sensibilização colaboram para a promoção de uma escola inclusiva?

Sem dúvida que contribuem bastante para a promoção de uma escola inclusiva.

4. Acha que as atividades realizadas são coerentes com o nível de compreensão e interesse dos alunos?

Sim, penso que são adequadas ao seu nível.

5. Acredita que desenvolver projetos de sensibilização desde o pré-escolar facilitaria as práticas de inclusão?

Sim, penso que é importante desde cedo as crianças serem sensibilizadas para a diferença e irem percebendo que isso até não é mau, pelo contrário, só nos enriquece.

6. Acredita que através das ações os alunos se tornarão agentes contra as atitudes discriminatórias dentro da escola e na sociedade?

Penso que se conseguirem perceber as características de cada um, mais facilmente lutarão contra atitudes discriminatórias.

7. Identificou alguma reação dos seus alunos que despertou sua atenção, durante ou depois da apresentação do projeto?

Gostaram sobretudo da língua gestual. Creio que não tinham bem a noção que é possível comunicar tudo através de gestos. Também pensavam que os cegos não conseguiam escrever por não verem nada.

8. O valor da diferença a partir de exemplos como os apresentados na ação do “Vem calçar os sapatos do outro” colabora para a prática da empatia nos alunos?

Sim.

9. Quais os aspetos que considera mais positivos no projeto?

Ensinar a valorizar e respeitar todas as pessoas que, apesar de terem algumas dificuldades acrescidas, conseguem superá-las e ter uma vida tão normal e feliz como outras sem essas dificuldades específicas.

10. Acha importante a relação do meio social com a escola na implementação de práticas de educação inclusiva? Porquê?

Sim, se todos trabalharem com o mesmo objetivo e para o mesmo fim, é mais fácil chegar-se à meta, neste caso à verdadeira inclusão.



Anexo I - Apreciação do Desempenho do Estagiário

APRECIÇÃO DO DESEMPENHO DO ESTAGIÁRIO

IDENTIFICAÇÃO DO ESTAGIÁRIO							
Nome: Michele Guimarães							
FACTORES	Reduzido	1	2	3	4	5	Elevado
1. Capacidade de integração na cultura da empresa	Reduzida	-----	-----	-----	-----	--X--	Elevada
2. Capacidade de relacionamento interpessoal	Reduzida	-----	-----	-----	-----	--X--	Elevada
3. Capacidade de iniciativa	Reduzida	-----	-----	-----	--X--	-----	Elevada
4. Capacidade de análise crítica das situações	Reduzida	-----	-----	--X--	-----	-----	Elevada
5. Disponibilidade para participar nas actividades que lhe são propostas	Reduzida	-----	-----	-----	--X--	-----	Elevada
6. Capacidade para atingir os objectivos que lhe são propostos	Reduzida	-----	-----	-----	--X--	-----	Elevada
7. Domínio dos conceitos e instrumentos necessários à prossecução dos objectivos.	Reduzido	-----	-----	--X--	-----	-----	Elevado
8. Capacidade para cumprir os prazos definidos para a execução das tarefas.	Reduzida	-----	-----	-----	--X--	-----	Elevada
9. Sentido de responsabilidade no desempenho das actividades.	Reduzido	-----	-----	-----	--X--	-----	Elevado
10. Assiduidade.	Reduzida	-----	-----	-----	--X--	-----	Elevada
11. Pontualidade.	Reduzida	-----	-----	-----	-----	--X--	Elevada

Apreciação Global

Reduzida	-----	-----	-----	--X--	-----	Elevada
----------	-------	-------	-------	-------	-------	---------



Comentários relativos ao desempenho do estagiário bem como ao funcionamento global do estágio:

A Michele apresentou-se na Instituição com uma postura muito positiva, sendo simpática, dinâmica, disposta a ajudar, colaborante em todas as tarefas que lhe eram solicitadas e tendo resultado, por isso, numa excelente integração na cultura e clima da Associação. Manteve boas relações com todos e demonstrou muitas competências para lidar com a população com diversidade funcional, procurando ajustar a sua forma de estar às necessidades de cada um, sem ser exageradamente assistencialista/protetora, procurando formas e estratégias para que cada um se sentisse capaz e competente na medida das suas possibilidades, auxiliando apenas no necessário, como é desejável.

Quanto à assimilação e colocação em prática dos construtos teóricos, no âmbito da educação, pôde acompanhar algumas iniciativas em algumas escolas, como a discussão com diferentes atores do meio escolar sobre o perfil do aluno do séc. XXI e principalmente sobre as questões da Inclusão, Direitos Humanos, Educação para a Diversidade, Acessibilidade – decorrente da participação no projeto “Vem calçar os sapatos do outro”. Terá sido mais notória, como seria expectável, a falta de vivência do meio escolar do sistema educativo português, tendo ainda assim, conseguido acompanhar todas as intervenções, não mostrando, no entanto, tanta facilidade na articulação dos conceitos teóricos com a realidade que se vive nas escolas, em Portugal.

A Estagiária mostrou-se sempre empenhada, curiosa em aprender e no fim teve algumas iniciativas no sentido de contribuir e inovar para as Ações de Sensibilização desenvolvidas no projeto, com propostas de mecanismos de avaliação da satisfação, apresentando estratégias para agilizar procedimentos e, especialmente, na elaboração de materiais necessários para a sua realização.

De forma geral, a estagiária Michele foi uma grande mais valia para a Associação, durante o tempo em que esteve a desempenhar funções, de tal forma, que quando fomos informados da necessidade da mesma realizar um interregno no estágio para atender a questões familiares, foi sentida a sua falta.

Sugestões para a melhoria do desempenho futuro do estagiário:

Em termos da organização de ideias, a nível da construção escrita, tem algumas dificuldades de síntese e mobilização dos conceitos teóricos, que acredito que estejam relacionadas com as diferenças culturais, pois ainda que falemos a mesma língua, existem muitas variações entre o português de Portugal e do Brasil, assim como da cultura e vivências escolares. No entanto, considerando que se encontra em Portugal há relativamente pouco tempo, acredito que com a leitura e o exercício da escrita, que consiga melhorar rapidamente.

Data: 16/05/2018 Ass. do Coordenador pela Organização *Joana Maria Nogueira*



Anexo J - Declaração comprovativa de experiência

A Michele Guimarães, enquanto efetuou o estágio na Mithós Histórias Exemplares executando o seu trabalho com afinco e distinção.

O seu trabalho incluía tarefas de organização e dinamização das Ações de Sensibilização relacionadas com o Projeto Vem Calçar os Sapatos dos Outros ,mostrou-se sempre empenhada, curiosa em aprender e no fim teve algumas iniciativas no sentido de contribuir e inovar para as Ações de Sensibilização desenvolvidas no projeto, com propostas de mecanismos de avaliação da satisfação, apresentando estratégias para agilizar procedimentos e, especialmente, na elaboração de materiais necessários para a sua realização. Participou também na organização de alguns eventos da associação tais como o Cantar das Janeiras cantado por um Coro local, a Caminhada Solidária aquando o aniversário da associação. No dia-a-dia da associação era também muito prestável na ajuda aos voluntários com diversidade funcional que diariamente asseguram o funcionamento da associação.

Ficamos impressionados com a sua destreza e capacidade em realizar tarefas atempadamente.

Foi um gosto trabalhar com a Michele pois é uma verdadeira companheira de equipa, que se tornou uma grande amiga, fazendo sobressair as nossas capacidades e esquecendo as incapacidades. O que fez com que eu, Paula Sequeira membro da Direção da Mithós, superasse alguns receios e com ela fiz/ tive algumas aventuras entre elas viagens de comboio para Lisboa na minha cadeira de rodas elétrica onde percorremos algumas ruas da baixa, e para o Porto onde fui a trabalho e ela me acompanhou desempenhando as funções de minha assistente pessoal, onde me ajudou a fazer tudo o que eu não consigo sozinha mas também como amiga mais uma vez me ajudou a superar receios e fomos andar de metro que por sinal é muito acessível para irmos conhecer a Ribeira no Porto, a Rua das Flores, passamos perto da Torre dos Clérigos, atravessamos a Ponte D. Luís por duas vezes uma no tabuleiro inferior outra pelo tabuleiro superior, todas estas aventuras serviram também para a Michele conhecer melhor a realidade das pessoas com incapacidade, das que conseguem sair de casa mas que têm ainda muitas barreiras arquitetónicas para ultrapassar para terem um dia-a-dia normal seja a trabalhar ou a estudar.

Apesar de estas vivências não terem sido em contexto escolar penso que serviram de aprendizagem para ela de futuro poder trabalhar no contexto escolar a consciencialização das gerações futuras para estas temáticas pois qualquer cidadão pode ao longo da sua vida ter algum tipo de incapacidade.

Tudo isto me leva a dizer que a Michele é uma pessoa dócil, fez boas relações com todos os membros da Mithós, voluntários e escolas por onde passou e que será uma boa profissional no futuro.

Paula Sequeira, Tesoureira da Mithós.